CAMILLO CASTELLO BRANCO

ESBOÇO DE CRITICA

64



Paulo Osorio

PAULO OSORIO

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ESBOÇO DE CRITICA



LISBOA
LIVRARIA MODERNA — EDITORA
95, Rua Augusta, 95
1905

Paulo Osorio

CAMILLO CASTELLO BRAN

ESBOÇO
DE CRITICA

1905 : LIVRARIA MO-
DERNA : R. AUGUSTA
95 : LISBOA

Paulo Osorio

CAMILLO CASTELLO BRAN

ESBOÇO DE CRITICA

1905 : LIVRARIA MO-
DERNA : R. AUGUSTA
95 : LISBOA

Ao Senhor

ANTONIO MARIA KOPKE DE CARVALHO

«A historia publica e intima dos homens como elle não se escreve senão depois, assim como a justiça inteira e o elogio sem restricções não se concedem senão á sua memoria. Emquanto não restituem á terra tudo que os fez iguaes dos outros, a sua elevação opprime os mediocres, a sua voz assusta os emulos e o seu vulto assombra as vaidades invejosas que suppõem que elle lhes toma todos os passos e lhes fecha todas as estradas.»

L. A. Rebello da Silva.

«Porventura virá um dia, quando Portugal não fôr mais que uma provincia da nação invasora, e o grupo dos portuguezes nostalgicos, retrocedendo a magua ás recordações da patria perdida, procure o symbolo synthetico da nossa antiga vida livre, porventura virá um dia em que o espirito de Camillo se levantará do passado, como em 1880 viram os portuguezes levantar-se o espirito de Camões. Então os livros d'elle serão martyrio e consolo para esses contempladores opprimidos sem remedio; avultarão os seus desesperos como sentenças; viverão os seus typos como abstracções; e toda a memoria do meu adorado paiz, saltando os annos, outra vez fará verter as lagrimas que eu tanta vez chorei de o ver tão pobre, tão indolentemente passivo, e tão mal guiado. Ninguem se lembrará dos histriões que ora o apedrejam, nem da cafila liquidante que nos negoceia e nos esmaga; e o vulto de Camillo, sempre de pé no seu cerro minhoto, visivel para toda a roza do espaço, parecerá dizer:—Fui eu o ultimo!»

Fialho d'Almeida.



I

«A hereditariedade é a lei.»

DARWIN

HA fundadas razões para pôr em duvida a rigorosa verdade historica que se attribue á nobiliarchia d'uma familia trasmontana, pelo epitheto d'um dos seus varões mais recentes conhecida por *Os brocas*.

Parece-me, de resto, dispensavel para o interesse pratico do meu intuito averiguar se tal linhagem trazia integra a progenitura d'aquelle Fruela, irmão de Affonso I, genro de Pelagio, fundador da monarchia de Oviedo e Leão, dos reis Vermudo ou Bermudo, Ramiro I e Ordonho, ou então, por outras vias, do fidalgo solarengo D. Paio Mogudo de Sandim. Basta ter como elucidado mais ou menos que, olhando em ambito mais curto para essa cadeia de transmissões de sangue azul, que se perde por uma dynastia de Ordonhos, n'uns tempos vagos do rei Bermudo de Navarra, se nos depara um Domingos Correia Botelho, que ainda precisamente se não sabe se foi estudante ou picheleiro.

Espiolhando bem as costellas de creatura a quem genealogistas diversos tão varias profissões attribuiram, vem-se a saber da existencia, em seu nobre sangue, de laivos judeus, oriundos de duas christãs novas que respectivamente conviveram com seu pae e seu avô. Para o cadastro pathologico que é licito formar n'esta familia, convem não perder o indicio que nos póde dar um facto tal, por isso que é hoje já vulgar na sciencia que a raça hebraica é, d'entre todas as raças, uma das que maior contingente fornecem para o grupo das doenças nervosas. [1] Os que affirmam que esse Domingos Botelho foi picheleiro ambulante, contam-nos como provavel que elle tenha feito propaganda das prophecias do Bandarra, na sua agitada vida de aventureiro errante. [2]

O que parece fóra de duvida, em meio da incerteza de tanta informação, é que o pretendido descendente remoto dos grandes senhores de Oviedo e de Navarra, casou duas vezes. Dos filhos que deixou, dois cumpre agora distinguir—João e Manuel—como de mais particular interesse para a sequencia correntia do meu estudo. Após uma mocidade accidentada, em 1872, o primeiro vestiu o habito de augustiniano descalço, no mosteiro da Piedade, em Santarem. «Viera de longe propellido por uma grande catastrophe. A profissão era o acto

[1] Servi: *Gli Israeliti di Europa*, 1872; Verga: *Archivio di statistica*, 1880; Bouverет: *La Neurasthenie*, 1891; Lombroso: *L'homme de genie* (ed. francêsa) 1908: *Bulletins de la Societé d'anthropologie*, t. IV; Ribot: *L'herédité psychologique*, 7.ª ed. 1902; Fialho d'Almeida: Estudo Sobre Camillo, publicado na *Revista Illustrada*, de Lisboa, em 1896.

[2] Alberto Pimentel: *Os Amores de Camillo*, 1899, p. 80.

final d'uma tragedia...» [1] Quanto ao segundo, interessa-nos apenas saber que foi casado e dois dos seus filhos foram Luiz Botelho, salvo por graça regia d'um crime de assassinio, [2] e o dr. Domingos Correia Botelho de Mesquita e Menezes, homem que, pelo caracter pouco vulgar e curta intelligencia, deu brado na vida de Coimbra. Foi elle que, pela rudeza dos seus modos, conquistou da graciosidade dos condiscipulos a alcunha de *brocas*,[3] que para si foi ficando depois e para os seus.

D'este bacharel se contam algumas anecdotas interessantes; sobre ser um amoroso, atiradiço aos galanteios palacianos, elle, que conseguira frequentar o paço, [4] insinuando-se por ignoradas bullas na estima de D. Maria e de D. Pedro, era um excentrico e, sabido que os neurasthenicos hereditarios passam em geral por entes bizarros e originaes, [5] será licito suppôr que essa anormalidade na maneira de ser no mundo, poderia bem corresponder, como geralmente succede, a uma anormalidade morbida tambem. Não fazem os antecedentes o asserto extranho, suspeito fundadamente o sangue judeu que na sua ascendencia por duas gerações seguidas se enxertára e o romance que se adivinha na vida de João Botelho e que em verdes annos o levou a procurar o abrigo e a serena paz do seu mosteiro. Já Marcos Botelho, outro irmão, fôra um cioso homem que disputou á ponta de espada

[1] Camillo: *Bohemia do Espirito*, 1899, p. 23.

[2] O caso vem contado, em nota, no primeiro capitulo do *Amor de Perdição*.

[3] Derivado de *brôa*.

[4] Chamaram-lhe lá, pelos seus gracejos, o *doutor Bexiga*.

[5] Bouveret: Ob. cit., p. 204; Ch. Féré: *La famille nevropathique*, 1899, p. 20.

os direitos d'um rival, esse mesmo alferes de infantaria que, salvo do primeiro assalto, com um tiro de clavina em pleno peito, Luiz Botelho assassinou.

Domingos Botelho, que foi morto violentamente, casou com D. Rita Castello Branco,—pouco aventurado consorcio esse, porque a dama da côrte mal se acadimava á sua nova vida, tão differente das pompas de que vinha, e malaventurado ainda na sorte dos dois filhos: Simão e Manuel.

A vida de Simão Botelho vem contada com lagrimas nas paginas dolorosas e intensas do *Amor de perdição*; ella foi a simples historia d'uma existencia esturdia que um bello dia se embaraçou e prendeu irremediavelmente n'um fino cabello de mulher; e, como elle viesse, talvez por uma opportunidade má de nascimento, a acarretar, n'um equilibrio falso, com uma herança morbida que se acumulou em seus maiores de geração em geração,—em dezoito annos esgotou toda a razão de ser da sua vida de espirito, morrendo quando lhe faltava já a coragem para todo o esforço, mesmo atirado de golpe, n'essa impulsão de vesania que outr'ora fizera d'elle um desordeiro, depois um assassino, e o acompanhou passo a passo nos momentos de lyrica paixão. Simão amava com loucura Thereza, outra doente, que morreu agitando o lençosinho branco no mirante de Monchique — e agora a sciencia vem, implacavel, a dizer-nos que só é susceptivel de se tornar doido d'amor aquelle que tiver um amor de doido. [1] Ribot affirma que nada se semelha mais á paixão que a loucura e

[1] Frank: *Traité de Pathologie Interne*, trad. Bayle, t. III, p. 143.

que as causas geradoras d'uma paixão violenta são as mesmas que muitas vezes levam quem as soffre ao manicomio. [1] E' claro que a referencia é geral e tanto respeita á paixão amorosa como a outra.

De Manuel Botelho é conhecido o adulterio com a açoriana, que na historia da vida de seu irmão episodicamente nos vem contado e, depois, de maior interesse para nós, o amor romantico que o uniu a D. Jacintha Rosa d'Almeida do Espirito Santo. Endoideceu e uma congestão cerebral veiu libertâ-lo da desventura de viver assim.

Temos pois aqui, no mesmo degrau d'uma linhagem suspeita, duas creaturas que fizeram do amor o objectivo unico quasi, das suas acções, e porque o assassinato no primeiro e no segundo a loucura indiquem, com grande rigor de syndromia, a existencia d'uma tara morbida luxuriante, seria, sem duvida, de interesse averiguar até que ponto o seu feitio amoroso ao manifestar-se foi a causa da exacerbação d'uma doença antiga ou apenas o resultado logico do proprio mal.

A analogia que existe entre alguns caracteres objectivos do amor e aquelles que as obsessões conscientes d'uma origem morbida incontestada nos apresentam, o facto de os amorosos serem, em summa, seres de excepção, n'um restricto numero dos quaes se encontra com frequencia uma elevada proporção de criminosos, tem levado alguns philosophos e scientistas a attribuirem ao amor uma origem puramente pathologica. [2] Depois, os aspectos morbidos com que a paixão amorosa, em ge-

[1] Ribot: Ob. cit., p. 100.
[2] Gaston Danville: *Le Psychologie de l'amour*, 1894.

ral se exteriorisa, vieram corroborar até certo ponto uma tal opinião, e physiologistas modernos [1] lembram a anecdota de Plutarcho em que se conta como o medico Erasistrato reconheceu pelos movimentos tumultuosos do pulso que Antiocho amava Estratonica.[2] Gaston Danville combate esta doutrina e o seu argumento capital baseia-se n'um criterio de utilidade applicado á classificação das obsessões, separando as nocivas ao individuo ou á sociedade como as unicas a que rigorosamente compete a origem pathologica que se lhes attribue.[3] Fincando n'esse argumento todas as suas deducções e attribuindo ao amor normal o mero intuito da procreação da especie, é claro que o philosopho não encontrou grande difficuldade para o pôr a salvo do seu capitulo de obsessões de origem morbida.

Julgo que Danville tem razão em negar ao amor uma origem pathologica: que a attracção entre dois individuos de sexo differente verificavel de resto em quasi toda a escala zoologica, não pode decerto interpretar-se fóra das leis que regem o mecanismo psychico no estado normal de cada um. O amor virá, é certo, pôr em preeminencia, resultante d'uma intensa e quasi exclusiva actividade, o sentimento affectivo e, se a creatura fôr um psycopatha, a doença encaminhar-se-ha irremediavelmente para o ponto em destaque da sua entidade psychica. Bouveret observou n'um caso typico da sua clinica de doenças nervosas a tendencia d'um cerebrasthenico para a exageração dos sentimentos affectivos.[4]

[1] Danville: Ob. cit.; Mosso: *La peur* (ed. francêsa), 1886.
[2] Plutarcho: Vida de Demetrius, xxvii.
[3] Danville: Ob. cit.
[4] Bouveret: Ob. cit., p. 193.

Ora o amor de Manuel e de Simão Botelho não foi decerto um amor normal: surgindo em creaturas presas d'uma nevrose herdada que a sequencia das suas vidas depois nos elucida, a paixão amorosa dominou-os com uns caracteres particulares, uma intensidade, um exclusivismo que faz saltar aos olhos a sua maneira morbida de ser. Estes homens aturavam com o derrancamento nervoso d'algumas gerações, herança de mau presagio para a sorte dos vindoiros, se o cruzamento com mulheres sãs não tornasse possivel, posto que não certa, uma attenuante á doentia feição dos que viessem. O ramo dos Botelhos que tão gentilmente se sonhara nos tempos felizes do amor de Thereza e de Simão, morreu, como uma esperança batida e despedaçada á mercê dos desenganos, no inditoso fim do degredado. E quanto a D. Jacintha do Espirito Santo, que Manuel Botelho amou, n'uma aventura romanesca, averiguado já que era filha d'uma louca, não será audacia registar as suspeitas de histerismo suggeridas pelos traços semi-extinctos que me revelam o muito pouco que sei da sua vida. [1] Sabe-se que amou e que soffreu—

Que o sangue, derramado em seu caminho,
Eu pude ainda ver, como um vestigio
Da martyr que passou.[2]

—e o facto de uma vida assim levada entre lagrimas poderia ser nitidamente marcado no caracter dos fructos d'esse amor.

[1] «Meu pae, minha avó materna e duas minhas tias morreram doidas».
(Camillo. Cartas ao Visconde de Ouguella, publicadas por Theophilo Braga na *Revista Portugueza*, 1895, p. 117.)
[2] Camillo: *Um livro*, 1854, p. 17.

A influencia do estado de espirito dos paes no momento de concepção sobre a maneira de ser psychica dos filhos, tinha sido observada já antes dos medicos se occuparem do seu estudo: Hesiodo prescrevia a abstinencia do coito na volta das cerimonias funebres para se não gerar filhos melancolicos. Erasmo punha na bocca da sua *Loucura* estas palavras: «Eu não sou o fructo d'um aborrecido amor conjugal». *Tristam Shandy* attribue as enfadonhas particularidades do seu caracter a uma pergunta que sua mãe, em momento muito importuno, formulou.[1] Um dos filhos adulterinos de Luiz XIV, concebido durante uma crise de lagrimas de M.me de Montespan que as cerimonias do jubileu tinham emocionado, conservou por toda a vida um caracter que o fez chamar «o filho do jubileu».[2] E' conhecido o caso d'um pae, homem illustrado, que durante toda a vida teve sensiveis tendencias para um estado mental doentio, com periodos alternados de excitação e abatimento. Dos numerosos filhos que teve dois foram alienados: a epoca da sua concepção coincidia com os momentos em que o pae tinha tido em grau mais alto as suas tendencias malsanas.[3] De Candolle, citado por Lombroso, faz notar a influencia d'um estado de paixão violenta dos paes, no momento da copula e lembra o

[1] Féré: Ob. cit., p. 17.

[2] P. Lucas: *Traité pratique et physiologique de l'hérédité naturelle*, 1850, t. II, p. 504.

[3] Este caso vem em Ribot: Ob. cit. p. 255, como tendo sido communicado ao auctor por um medico, e figura tambem, juntamente com o anterior, em Dejerine: *L'hérédité dans les maladies du systeme nerveux*, 1886, d'onde Lombroso os tirou para o seu trabalho.

numero consideravel de bastardos de genio.[1] E' nas uniões illicitas, mais que no casamento, que se encontra, no enthusiasmo da sua maxima intensidade, um amor violento; mil rasões ha n'esse caso para excitar, pela alegria, pelo medo, pela revolta ou pela angustia, o estado de espirito d'um dos progenitores ou d'ambos elles. Isac Disraeli escreveu na *Memoire de Toland*: «O nascimento fóra do casamento cria os caracteres fortes e resolutos.»[2]

A Manuel Botelho e á sua companheira de aventura podia bem caber a sorte de darem vida a uma creatura de caracter extranho n'um momento mais intenso da sua vida de amores e de torturas. Mas um filho de D. Jacintha do Espirito Santo tinha já por banda paterna os symptomas reveladores d'uma nevrose herdada. Corremos a linha da sua ascendencia e encontramos uma longa tradição de vesania.[3]

Posto isto, não se conclue de rompante que o filho nascido do episodio romanesco de D. Jacintha e Manuel deveria forçosamente ser um doido ou um criminoso, ainda mesmo sujeito á influencia morbida hereditaria. Difficil, se não impossivel, seria mesmo prever qual a forma de psychose que quasi certo era vir junta a essa creaturinha posta no mundo com o carreto d'uma tão pesada herança.

[1] De Candolle: *Histoire de Sciences*, 1883; Lombroso: Ob. cit. p. 217.

[2] Lombroso: Ob cit., p. 217.

[3] «Ambos nevropathas hereditarios, Camillo e Julio, pois em ambas as familias havia a dupla tradição da vesania e do suicidio.» Sousa Martins: *Nosographia d'Anthero*, no *In Memoriam*.

A variação da hereditariedade é um facto. «As doenças do systema nervoso, quer se manifestem por perturbações psychicas, sensoriaes ou motoras offerecem entre si afinidades numerosas, pontos de contacto multiplos; e se bem que, n'estes ultimos annos, os estudos tanto clinicos como anatomo-physiologicos tenham multiplicado as especies, pode-se dizer que ellas constituem uma só familia, ligada indissoluvelmente pelas leis da hereditariedade. [1] Mas não ha uma regra precisa e o proprio schema que Morel formulou para a marcha da degenerescencia progressiva esbarra na pratica a cada passo, por circumstancias que se explicam mas que nem por isso se podem deixar sem nota, com casos que abertamente o contradizem. [2] «Os alienados, os criminosos e os homens de genio trazem ingenitamente uma constituição muito analoga; todos são dotados d'uma tal excitabilidade que reagem fora das regras psycologicas ordinarias. São ás vezes as circumstancias que determinam a especialisação.» [3] Por hereditariedade não se entende exclusivamente a doença transmittida á progenie com a identidade de symptomas de ordem physica e moral observados nos ascendentes. Comprehende-se no termo *hereditariedade* a transmissão de disposições organicas de paes a filhos... [4] «A fixidez das idéas nos progenitores, póde transformar-se nos descendentes em melancolia, amor

[1] Féré: Ob. cit., p. 8.
[2] G. Weygandt: *Atlas-Manuel de Psychiatrie* (ed. fr., por Roubinovitch 1904, p. 26.
[3] Féré: Ob. cit., p. 41.
[4] Morel: *Traité des dégénérescences*, 1857; Ribot: Ob. cit., pagina 247.

á meditação, aptidão para as sciencias exactas, energia de vontade... A mania dos progenitores póde vir a ser nos descendentes aptidão para as artes, arrojo de imaginação, vivacidade d'espirito, inconstancia dos desejos, vontade brusca e sem tenacidade.» [1] «Assim como uma loucura real póde reproduzir-se hereditariamente sob a fórma de *excentricidade*, não se transmittir senão com meias tintas, tons mais ou menos adoçados, assim um estado simples de excentricidade, que não vá além da bizarrice d'um caracter singular, póde ser na descendencia a origem d'um verdadeiro delirio.» [2]

A historia nosologica das familias de homens notaveis, traçada por alguns auctores, mostra-nos com frequencia a associação de psyconevroses com um alto desenvolvimento intellectivo. [3] N'uma familia estudada por Berti, em quatro gerações de cerca de oitenta individuos, derivados d'um doido melancholico, observaram-se três homens de genio, três criminosos, dezenove nevroticos, e dez

[1] Ribot: Ob. cit., p. 249.

[2] Moreau, (de Tours) *La psycologie morbide*, 1859.

[3] Lélut: *Le genie, la raison et la folie, le demon de Socrate*, 1855; Galton: *Hereditary Génius*. 1868; Moreau (de Tours): Ob. cit; P. Jacoby: *Etude sur la selection dans les rapports avec l'heredité chez l'homme*. 1881; Lombroso: Ob. cit.; Ribot. Ob. cit.; Mantegazza: *De La Nevrose des grands hommes*, 1881; H. Jolly: *Psychologie des grands hommes*, (ed. fr.) 1883; E. Toulouse: *Emile Zola*, 1896; Grasset: *La superiorité intellectuelle et la nevrose*, 1903; Gaston Loygue, *Th.-M. Dostoiewski*, 1904; Mariani: *L. N. Tolstoi*. T xxiv, fasc. iv. p. 369 do *Archivio di Psichiatria, Scienze penali de Antropologia criminale*, 1904; Arturo Barano: *Tommaso Hobbes*, T. xxiv, fasc iv, p. 419 do *Archivio di Psichiatria, etc.*, 1904.

doidos.[1] Da linhagem de Carlos V, que teve alienados, lypemanos e excentricos, nasceu um bastardo de genio: Alexandre Farnese.[2] Beethoven era filho d'um alcoolico, Alexandre nasceu d'um bebado e d'uma mulher perversa e dissoluta, a mãe de Byron era desequilibrada e o pae um estroina bizarro e impudente.[3] O proprio Baudelaire escreveu que os seus antepassados, idiotas ou maniacos, foram victimas de terriveis paixões.[4] Pedro, o Grande, e os seus dão á sciencia salientes casos de genio, imbecilidade, habitos crapulosos, mortes prematuras, ataques epileptiformes, e virtudes e vicios levados aos ultimos extremos.[5] Por ultimo, Voisin cita o caso typico d'um pintor de talento, filho d'uma hysterica e irmão de dois idiotas e d'um alienado.[6] *Nullum magnum ingenium nisi mistura quadam stultitiæ,* disse um antigo, e a sciencia moderna póde concretamente concluir: *o genio é uma nevrose.*[7]

Na familia illustre cuja genealogia se perde no sendal dos tempos que mal deixa ver os vultos imponentes dos grandes senhores de Oviedo e de Leão, o cadastro pathologico, já bem opulentado desde aquelle Ruy de Nisa que desposou uma Bo-

[1] Lombroso: Ob. cit. p. 210.

[2] Ireland: *The Blot upon the Brain*, 1885, p. 147; Dejerine: Ob. cit.; Lombroso: Ob. cit.

[3] Lombroso: Ob. cit.; Emilio Castelar: *Vida de Lord Byron* (Trad. de M. Fernandes Reis), 1876.

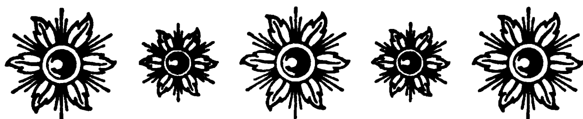
[4] E. Crépet: *Œuvres posthumes et correspondance inedite de Baudelaire.*

[5] Moreau (de Tours): Ob. cit.

[6] Voisin: *Hereditê*, no *Dictionnaire de medicine et cirurgie pratique*, 1875; t. xvii, p. 473.

[7] Moreau (de Tours): Ob. cit.

telho, enriqueceu-se n'esta altura com o exemplar morbido mais nobre. De Manuel Botelho — um doido, irmão d'um assassino e neto d'um excentrico — e de D. Jacintha do Espirito Santo — a filha d'uma doida — nasceu um homem de genio: Camillo Castello Branco.



II

> «Quand la nature crée un homme de génie, elle lui secoue son flambeau sur la tête et lui dit: Va, sois malheureux!»
>
> DIDEROT

ESTUDADO já etiologicamente o caso morbido interessantissimo que em Camillo se nos depara, cumpre agora traçar-lhe succintamente a nosologia, correndo as phases capitaes da sua vida intima e publica, como escriptor e como homem, até ao episodio final do suicidio; é o momento de seguir passo a passo, na desordem da sua existencia turbulenta, as diversas assaltadas d'uma nevrose herdada, as inconstancias de caracter, os delirios de megalomano e perseguido, as suas phobias de tarado, a neurasthenia, caminhando lentamente, colhendo o fructo das suas qualidades de predisposto, a moê-lo em nevralgias, depois as perturbações auditivas, depois a cegueira: causa immediata do desespero que o levou direito á morte. E para que os minimos incidentes da sua vida nos appareçam sem um empeno, n'uma linha de logica definida e certa, forçoso

se torna analizar bem as condições mesologicas que foram de alta influencia n'alguns dos aspectos mais typicos e reveladores do seu caracter.

Será preciso collocá-lo, a elle — um degenerado — n'um meio que por muitas razões reclama o nosso interesse e ver com precisão por que conjunto de circumstancias derivantes, d'um certo modo o traço etiologico do seu mal evolutiu. E as suas obras, para o rigor incontestavel do meu estudo, hão de apparecer como documento e simultaneamente como consequencia no decurso da sua vida de trabalho e conc mitante evolução do seu espirito.

Orphão de pae e mãe aos nove annos, [1] Camillo, levado para Villa Real por imposição do conselho de familia, em breve se revoltou contra a irmã de seu pae, que o educava com uma liberdade menos ampla que aquella a que vinha acostumado da sua vida de Lisboa. Elle era o filho unico d'uma ligação romanesca em que o tedio veio, ao que parece, matar em breve o exaltado amor que a provocou, e, como quer que os dois ficassem—pae e mãe—vivendo uma mesma vida, de relações cortadas com o passado, sem enthusiasmo d'amantes, unidos por um casamento que veio tarde para transmudar na tranquillidade feliz d'um lar uma agitada existencia d'aventura, [2] percebe-se como ambos elles consagrassem ao filho, apaixonadamente, o affecto que d'um para o outro andava in-

[1] Camillo Castello Branco nasceu em Lisboa, n'uma casa do largo do Carmo, em 16 de março de 1825.

[2] João de Meira, n'um artigo publicado na *Folha da Noite*, do Porto, em 19-4-05, oitavo d'uma serie intitulada *Para a biographia de Camillo*, affirma o casamento dos paes do romancista, facto que ainda nenhum outro biogra-

comprehendido ou despresado. Cercavam-no de mimos, faziam passar o primeiro periodo da sua educação sem uma rudeza, sem um estorvo, e o caso é que o futuro romancista, assim creado á larga, no melhor meio para o amplo desenvolvimento das tendencias innatas do seu espirito, antes da epoca em que ficou sem pae, já, em namoricos, exhibia as tendencias libertinas de pivete. Foi da morte de Manuel Botelho que Camillo guardou para a rememorar depois na sua obra, n'um scenario em que ha o traço do sentimental e do artista, a ultima phrase do moribundo: «Que será de ti meu filho, sem ninguem que te ame!...»

Pouco afeito á rispidez da tia, bem differente dos carinhos dos seus primeiros annos, e n'um primeiro impulso d'aventura que bem ficava em quem viria a ser um exemplar completo de fatalidade hereditaria, um bello dia, com um par de piugas e duas camisas atadas n'um lenço, Camillo abalou para Lisboa. Logo depois foi para Samardan, onde, em companhia d'uma irmã casada com um medico irmão d'aquelle padre Antonio d'Azevedo que o iniciou nos mysterios do latim, Camillo, levando a vida do campo, fazendo-se pastor do rebanho da casa, indo para o monte armado, prompto ao combate com o lobo, simultaneamente aprendendo o cantochão e lendo Camões e o Mendes Pinto,—passou então, como elle o conta, o periodo mais feliz da sua vida. Namorava campone-

pho tinha mencionado. Tambem, n'esse mesmo artigo, vem a affirmação, que se diz escudada com provas, de que o pae de Camillo morreu em 1825, ficando elle assim orphão aos dez e não aos nove annos. Essa é porém uma minudencia que só muito secundariamente nos interessa.

zas, desandou a fazer versos e quando, tempos depois, se foi até Friume com a sua guitarra a tiracollo e um arsenal de cantigas bem sortido das mais sonoras rimas, preso das graças d'uma lavradeirona rija, filha d'um tendeiro de S. Cosme de Gondomar que para alli se fôra estabelecer,—casou com ella.

Tinha então dezeseis annos. O sogro, que á viva força queria ter um doutor na familia, mandou-o aprender mais latim em terra proxima, mas diabruras metricas fizeram com que, aconselhado pela prudencia do tendeiro, Camillo tivesse de partir para Lisboa. De lá, em breve praso, veio para o Porto e d'aqui, um bello dia, porque a saudade dos tempos idos mais o apoquentasse, voltou para Samardan.

O casamento fôra para elle uma passageira aventura. Se nos interrogarmos n'este ponto sobre o motivo que o levou a um acto em que a paixão, docil de mais á vontade d'um sogro ambicioso, não havia de ser muita, temos de fixar o seu temperamento de sensual, um pouco grosseiro, sem uns requintes de delicadeza que fôssem bem com o sentir d'um bardo que canta, um a um, os seus amores. Havemos de vê-lo assim pela vida fóra, amando sempre, amando com a ancia soffrega da posse, o crepitar d'um desejo irreflectido, arrebatado, que, satisfeito, nada deixa de si, e, por consequencia, a incapacidade para uma vida tranquilla, de amorosa paz que não teria, mesmo que circumstancias outras não interviessem a impedí-la, na intimidade do seu primeiro lar.

Na vida de Camillo ha a pôr em destaque, para um logar primeiro, a sua feição amorosa: elle foi um sacrificado ao amor, como já o haviam sido

em linha de curta ascendencia os seus maiores, e como, a mais que qualquer d'esses, elle tivesse ainda o amor ás letras, toda a pequenina paixão se engrandecia, enriquecida pela sua imaginação exuberante, romantizada pelo seu genio d'artista. Junte-se esse vidro d'augmento que existe vulgarmente na consciencia do artista pelo que toca a assumptos de coração a uma pronunciada tendencia hereditaria e mais á ancia de procurar affectos fortes, natural em quem como elle cedo tenha ficado quasi só no mundo, e ter-se-ha justificada a maneira preponderante como o amor influiu na vida inteira de Camillo, subindo a timoneiro das suas acções e arbitro superior do seu destino.

Emquanto Joaquina Pereira, em Friume, com uma filha nos braços, chorava a ausencia do marido, Camillo, indo a Samardan matar saudades, deixava-se prender pelos encantos da Maria do Adro, camponeza do logar. A rapariga era triste desde que uma doença lhe levara as louçanias melhores da mocidade, e como quer que ao romancista agradasse essa melancolia de sempre, que a fazia contemplativa, guardando-se com os seus pensamentos da alegria bulhenta das mais, ahi começou um honesto idyllio, conversas ao crepusculo com extasis pantheistas, promessas, juramentos, na ingenua poesia d'um singelo amor de adolescentes.

Até que um dia o estudante voltou para as aulas, e Maria do Adro, sem novas d'elle, pensando talvez na inconstancia do namorado, moeu-se de saudade pelos campos trasmontanos, entrou de adoecer, e peorar, peorar sempre, de modo que quando elle resolveu voltar, passados mezes, já a não encontrou — tinha morrido.

Entra aqui a historia d'um dos mais extranhos

episodios da vida de Camillo. Com o auxilio de seu cunhado, medico, Camillo abriu a sepultura de Maria, desenterrou-a, viu-a, e tal foi a impressão sentida que, quando, ao outro dia, o medico, sósinho, preparava o esqueleto da camponeza morta, o futuro romancista soffria no leito os primeiros assaltos d'uma febre cerebral intensa que o prostrou. D'esse facto nos apparece a exacta narração na sua obra,[1] se bem que o decorativo d'uma noite de tempestade, com silvos de ventania e clarões tragicos de relampagos, póde ser um devaneio phantasista do romantico que se comprazia em pôr aquelle caso lugubre n'um bello quadro de horror e de tortura.

E' ainda a proposito d'este episodio que o sr. dr. Egas Moniz, cavalheiro que parlamenta em Lisboa e ensina coisas medicas na Universidade de Coimbra, no volume *Pathologia* da sua *Vida Sexual* traz á baila o nome do romancista para registar que «pelo exame das provas que as biographias publicadas nos fornecem, não podemos levantar a suspeita de que Camillo fôsse um necrophilo.»[2] Affirmação é essa que ninguem pediu ao capello e borla de s. ex.ª (porquanto tal suspeita, ao que me consta, nunca se aventou) e que no seu livro apenas vem fazendo um pouco de argumentação por conta e risco, coisa muito de apreciar n'uma these, genero de escriptos em que vulgarmente se topam opiniões de todas as firmas da sciencia, excepto a do auctor que ninguem, as mais das vezes descortina. Ora realmente aquillo em boa ra-

[1] *Impressão indelevel.*
[2] Egas Moniz: *A Vida Sexual, II* — Pathologia, 1902, p. 91.

zão não é necrophilia, mas antes o explicavel proceder d'uma organisação de romanesco, morbidamente anormal por já expostas razões de progenie, desenvolvendo-se de certo modo, mercê da influencia deleteria d'um meio que eu terei de estudar com mais detença para fixar d'uma maneira logica outros factos singulares da vida que me interessa. Camillo, depois de mezes de esquecimento, lembrou-se com saudade d'aquella mulher triste; pensou em escrever-lhe... mas ella não sabia ler. Na sua alegre jornada, ao começar das ferias, decerto se lembraria muito d'ella, a recordação de todo aquelle idyllio a que a materialidade não contaminara o tedio, ter-lhe-hia chegado tão nitida e tão feita de encanto como desde muito não a sentira; a cada passo mais perto da sua aldeia a anciedade deveria subir n'um crescendo, continuamente, até que, quando elle julgava que faltariam apenas momentos para que a Maria do Adro viesse, com a sua melancolia resignada de feia, convencer-se outra vez de que era amada, a noticia da sua morte chegou a cortar cerce todas as suas phantasias de imaginoso, exacerbando-lhe, aguilhoando-o com o *impossivel*, o desejo, irresistivel agora, de a vêr. *Necrophilia* implica *sadismo*, d'onde os senhores concluem que para provar a falta de razão d'uma hypothese feita para viver apenas o tempo necessario ao trabalho bem simples de a refutar, o doutorado de Coimbra, em três paginas abarrotadas de argumentos, deve ter feito indubitavelmente um figurão.

Melhor será porém deixar em paz as locubrações utilissimas do mestre, que a gloria se encarregará mais tarde de trocar em boa moeda e seguir o relato minucioso da vida de Camillo nos

pontos em que mais de perto interessa a realização do meu intento; ella entra agora n'um periodo agitado e instavel em que a cada passo curiosos factos surgem encastellando-se, a formar, á luz d'um criterio que os condense, a physionomia moral d'uma das mais extraordinarias figuras d'homem que conheço.

Camillo, depois do episodio da Maria do Adro, findas as ferias, veiu matricular-se no segundo anno da Escola Medica do Porto e foi passado pouco que, perdido o anno por faltas, retirou para Villa Real, decerto mais leve, sem o encargo estopante d'aquella formatura.

Percebe-se que assim fôsse. Camillo levava por esse tempo uma vida alegre de bohemio, n'essa altura o humorista revelou-se por uns folhetos hoje raros e o episodio espirituoso do duelo simulado na Torre da Marca, e essa vida que mais podia ser a d'um ocioso que procura divertir-se, passar o tempo, — com as suas serenatas romanticas, os seus derriços, a tentação do botequim — não era decerto o que convinha a quem pretendia, para satisfazer um sogro de Friume, estudar muito e ser doutor.

Depois os cursos, entre nós, mal organisados, aterrando por uma complexidade toda materialona que solicita o esforço das memorias mais bem dotadas e nada quer das faculdades de intelligencia, aptas a uma clara comprehensão mais racional e mais proficua, fizeram se de tal modo o privilegio de vocações esporadicas de intelligentes eruditos e da multidão dos menos lucidos, cuja defficiencia se acommoda sem custo ao trabalho material mais torturante e os força a sinceramente encarar sem um sorriso o pedantismo vulgar nos professores.

Aqui, só muito tarde, o legislador que organiza e o mestre que ensina, percebem que não se trata já precisamente d'aquella aula de primeiras letras, onde a disciplina é quasi tudo. Usando o methodo socratico no decorrer d'um curso inteiro, é evidente que um desequilibrio se estabelece entre o que o ensino superior é e aquillo que em boa razão devia ser; e a pretensão de seleccionar n'aquelles cinco ou sete annos os individuos aptos a seguir na vida com proveito commum o seu mistér decerto falha, quando o acaso providencialmente a não ajuda. Basta ver um regimen de frequencia que impõe como uma obrigação, mal aceite como todas, aquillo que espontaneamente deveria nascer pela consciencia, mais cedo formada, do dever, ou da comprehensão evidente d'uma positiva utilidade; já para não fallarmos da facilidade que sempre teve a estupidez, quando a bafeja a importancia d'um nome, ou a abjecção d'uma humildade, para se guindar alto, gatanhando no caminho dos galardões escolares, ou pelos degraus acima d'uma cathedra. Quando, não ha muito, n'uma escola de medicina, alguns professores quizeram seguir n'uma orientação mais coherente com o caracter do curso e as modernas conclusões da sciencia do ensino, baixou uma portaria, mettendo na ordem os discolos perturbadores d'uma tão apreciavel harmonia; em vista do que, se mesmo assim os governos quizessem, em questões de pedagogia, obedecer a um plano logico de orientação, melhor iriam outhorgando ao mestre, nos estabelecimentos de instrucção superior, o direito de mandar pôr em cima do banco, exposto á troça dos condiscipulos, o alumno irreverente (e, n'esse caso, ter uma ideia seria irreverencia), espetar o chapeu de bicos, como

um estygma, pela orelhas d'um cabula, ou lançar mão, em caso extremo, do recurso salutar da palmatoria.

Camillo Castello Branco, de indole avêssa a docilidades de collegial, intelligente de mais para estar bem n'uma organização a tal ponto atrazada e deprimente, pouco estavel, de resto, n'uma resolução ou n'um projecto, ficou sem o diploma d'um curso, como de resto homens eminentes como Herculano e Oliveira Martins tambem ficaram, sem que por isso a sua obra fosse menos grande ou a falta da chancella official prejudicasse o seu saber. [1]

Era o que ignorava o tendeiro de Friume, insensivel aos rogos da filha, condemnada pela ambição d'um papelucho sellado, a essa viuvez que começou dias depois do casamento e havia de a acompanhar irremediavelmente até morrer.

[1] No n.º 9 das *Noites de Insomnia*, correspondente a Setembro de 1874, escreveu Camillo, n'uma narração, referindo-se a Duarte Valdez: «Tres epocas me occorreram. Primeira a da nossa jovial convivencia em um casebre da Couraça dos Apostolos, em Coimbra, no anno de 1845. Segunda, outra menos modesta e menos alegre camaradagem de quarto, no hotel Francez, do Porto, em 1851. Antes de mencionar a terceira epoca, urge saber-se que nenhum de nós se formara. Elle contentara-se com um diploma de insufficiencia em rhetorica, e eu com a prenda não commum de arpejar tres varios fados na viola. Não rivalisavamos em sciencia. Formavamos da nossa reciproca ignorancia um conceito honesto. Não queriamos implicar com sabios, nem para os invejar nem para os detrahir». (p. 83)

Falla-se ahi de Coimbra e de facto Camillo lá esteve, depois da prisão, estudando preparatorios para direito, ao que parece. Quando em 46 rebentou a revolução popular e as aulas se fecharam, o futuro romancista partiu para Villa Real. N'este ponto, tem interesse uma carta d'essa localidade publicada pelo sr. Alberto Pimentel no seu livro *O*

Camillo, por esse tempo, esquecido do lar, vivia em Villa Real com um tio afim, negociante de cabedaes e cujas tendencias absolutistas o ex-estudante lisongeava, empoleirado nos coiros da loja, aclamando D. Miguel, ao tempo em que, em Torres Novas, se erguia com mais força o movimento de protesto contra o governo dos Cabraes.

Foi então que Camillo se apaixonou por Patricia Emilia, menina que vivia em companhia d'uns parentes em cuja casa elle consumia com agrado a insipidez das noites trasmontanas. O drama — *Agostinho de Ceuta*, representado em Villa Real n'um theatro que o proprio auctor improvisou, foi escripto para que ella o ouvisse, e como quer que em pleno ro-

romance do romancista, 1890—p. 129-130, transcrevo d'ella estes periodos curiosos:

«Na revolução de 1846, não me consta que o Camillo figurasse, *n'esta terra*. Creio, até, que elle não residia por aqui; porém, em 1847, depois do desastre de Valpassos, que esta villa ora estava governada pela patulea da Junta do Porto, ora pelos cartistas e, até, alguns dias pela gente do Macdonell, lembro me que o Camillo, uma noite, em que esta villa estava sem auctoridades nem governo algum, por que os cartistas fugiram para Chaves, e os da Junta estavam em Amarante, o Camillo appareceu *ao escurecer*, de chapeu armado, de espada á cinta, de esporas nas botas, fazendo grande barulho com a espada a rasto, de forma que toda a villa ficou apavorada, todos os habitantes fecharam as portas, e, *elle só* fez a poli^cia da terra». N'essa mesma carta diz-se que, pouco depois, Camillo foi amanuense do Governo Civil e que mais tarde, após um conflicto com o *Olho de boi*, caceteiro ás ordens de José Cabral, resolveu vir para o Porto.

Devo n'esta altura declarar que tanto o livro d'onde extraio esta carta como os outros que o mesmo auctor publicou sobre Camillo, pelos dados que fornecem e pela documentação que os valorisa, me auxiliaram valiosissimamente na elaboração d'este trabalho.

mantismo o rapto coroasse n'uma aureola de abnegação e heroismo todo o devotado amor, assim os dois fugiram, abandonando-se ao destino para que elle os protegesse, na vehemencia d'uma paixão que não pensava; elle, pobre, seguindo a sua senda de aventura; ella, deixando-se conduzir, vencida, com o seu vestido de chita escura e a sua capinha côr de vinho, com riscas negras.

Quando os dois fugiam em direcção a Coimbra e tinham chegado ao Porto sãos e salvos, o tio dos cabedaes, zelando a sorte do sobrinho e, servindo-se não sei de que pretexto, mandou-os prender na Relação. A prisão durou pouco e o romance d'amor não durou muito; d'elle ficou uma filha e, com ella, annos depois, apenas a recordação carinhosa d'uma paixão antiga. O proprio Camillo se encarregou de dizer um dia, ao traçar a biographia d'um amigo, tão desgraçado como elle: «João Jacques, nas suas *Confissões*, diz que vira os homens e os costumes do seu tempo. Eu vi mais que elle por que me estou vendo a mim. José Augusto, crê por fé no apostolo da experiencia. O anjo que foge do seio de sua familia, deixa lá dentro as azas, e fóra da porta é mulher.» [1] Patricia Emilia teve uma rival, exaltou-se ao presenti-lo, decerto fez lembrar ao amante o direito que elle não tinha de lhe pagar com o abandono o sacrificio da sorte e da honra por amor d'elle, e foi então que dois amigos evitaram, por um acaso, que Camillo se matasse com uns grãos d'opio, depois de escrever *A Harpa do Sceptico*, poesia hereje, como ultimo adeus a uma vida que lhe fôra de agitações

[1] *No Bom Jesus do Monte*, 1864, pag. 115.

e d'amarguras. [1] Conta Vieira de Castro que, no lance, Camillo tinha sobre a banca setenta libras, para que se não dissesse, vendo o morto, que a miseria tinha sido a causa que o levara a tal extremo.[2] E tudo isto que hoje nos faz sorrir, tem um caracter que tão naturalmente deriva da epocha em que foi, tudo isto se nos apresenta d'um modo que a feição individual do escriptor, juntamente com as caracteristicas tão salientes do meio, d'uma forma tão perfeita nos explicam, que eu não saberia ir mais além no meu estudo, sem rapidamente lançar os olhos para o aspecto da vida portuguêsa—ou, mais restrictamente, portuense—n'esse tempo, que em tantos pontos e por vezes d'um modo pittoresco se afasta profundamente da maneira de ser dos nossos dias.

Abstraindo mesmo do que alli se pode encontrar de pathologico, ainda aquelle desvairamento é susceptivel d'uma explicação, porquanto Camillo era um homem, collocado entre a mulher que elle seduzira e que abandonou o futuro para o seguir de olhos fechados, que lhe lembrava com desespero o amor antigo e na voz, ora supplicante, ora agreste, da dôr e do ciume, vinha gritar os seus direitos,—e essa outra á prestigiosa altura de cuja belleza se rendêra o pobre martyr d'um coração que tinha de o tornar infeliz a vida toda. Porque era ainda esse homem que, annos depois, pensa-

[1] Nas *Horas de Lucta* (1889, p. 117) Freitas Fortuna assegura que, quando escreveu a poesia, Camillo tinha já engulido quantas pastilhas de opio lhe haviam receitado para debellar a insomnia. Os amigos soccorreram-no depois.

[2] J. C. Vieira de Castro: *Camillo Castello Branco, noticia de sua vida e obras*. 1862, p. 118.

va assim: «Eu de mim, se viesse da natureza privado de todos os dotes, que habilitam para o trabalho, sahiria de noite a pedir esmola para sustentar a mulher que se houvesse despenhado dos afagos de uma familia á deshonra dos meus braços.» [1]

Um rapido escorço do meio dar-nos-ha margem a uma melhor comprehensão da complexa figura de Camillo cuja historia, n'este ponto do meu relato, vae entrar no seu periodo de maior actividade como escriptor, periodo dentro do qual se esboça, desenrola e fenece sob o peso da desgraça, mais intenso e duradoiro que os outros, o derradeiro episodio d'amor da sua vida.

---

[1] *Memorias do Carcere*, 1864, t. I, p 6.



III

> «Oui, femmes, quoi qu'on puisse dire,
> Vous avez le fatal pouvoir
> De nous jeter par un sourire
> Dans l'ivresse ou le desespoir.»
>
> ALFRED DE MUSSET.

In illo tempore, a cidade da Virgem já não era apenas o amontoado interessante de casas, trepando sobre o Douro, n'um declive, até ás alturas do severo Paço Episcopal. O Porto d'outros tempos, tão caracteristico no pittoresco dos seus aspectos, de ha muito se alargára e, na altura em que o meu estudo o encontra, já com os seus theatros, o seu passeio publico e a posse do coração do rei D. Pedro, entrára, de par e passo, na civilisação e na gloria.

Foco, pela historia adeante, das reivindicações do terceiro estado, *baluarte das liberdades patrias* no nosso tempo, o Porto de ha quarenta e tantos annos tinha, porém, mais o aspecto sombrio e socegado de velho burgo que o bellicoso ar de torrão fadado ao fermento de revoluções e á genese de heroes. Atraz dos balcões da rua das Flores e dos Clerigos havia uma sociedade pacata e labo-

riosa que monotonamente levava a sua vida de trabalho, presando a sua honra, cuidando os seus callos, não se importando de politica, arrecadando com usura, gulosamente, as libras que o negocio lhe dava em seu provento; e comtudo esses homens, curtos d'aspirações, poupados no saber, correctamente mettidos nas suas longas sobrecasacas negras, trabalhando o dia inteiro, deitando ao domingo, regradamente, a sua merenda pelo rio ou o seu camarote no theatro, longe a longe, —eram velhos combatentes do cerco do Porto, que fizeram frente audaz ás tropas miguelistas, ou os que sustentaram depois, nas inconstancias d'um regimen adaptado á força a uma terra que o não queria, as luctas varias que por muito tempo seguiram, em continuas rebelliões, imposições armadas, um mal-estar constante, uma maneira de ser instavel, o advento do constitucionalismo em Portugal.

«Da politica propriamente dita, escreveu Ramalho, [1] tinham uma ideia longinqua e nebulosa a que a palavra *ladroagem* servia de vaga synthese», mas dos seus deveres de cidadãos—mesarios da Misericordia, irmãos de confrarias, juizes de paz, cotizando-se para festejar os santos padroeiros, comparecendo pontualmente, como a bons catholicos cumpria, a procissões e romarias, d'esses deveres tinham elles a consciencia mais nitida como nitida tinham tambem, e intransigente, a sua ideia de moral. A dissolvencia dos costumes não entrára na pacatez honesta da rua das Flores, nem tão pouco a arte corrompera os candidos espiri-

[1] No estudo critico que precede a edição monumental do *Amor de Perdição*.

tos, emquanto os amantes de boas-letras soletravam em seus ocios as historias de cordel, com cavalleiros e princezas, e *A Virgem da Polonia* do conselheiro Bastos. Nem o *palheiro* da Assembleia encontrava farto assumpto nas suas nocturnas sessões de maldizer.

A sociedade portuense, sem pretensões afidalgadas, era quasi exclusivamente composta dos mercadores que já lembrei e da colonia inglêsa que, vivendo á parte, espantava os burguêses com a garridice dos seus trajos e a maneira, adeantada já, dos seus costumes. Isso quando uma mocidade endiabrada veio, com todas as arrogancias e todas as infantilidades que o romantismo francês lhe ensinára, a pôr uma nota inedita, com a novidade do escandalo e o pittoresco da aventura, n'um meio em que os bons costumes eram norma e reinava ainda o carroção.

Começaram então a ser frequentados os cafés, a correrem as ruas os trens e os cavalleiros, a sublevarem-se as plateias em manifestações nunca mais vistas, a dormirem em sobresalto maridos de joanêtes e paes com filhas novas; a litteratura romantica venceu, dos livros passou o rapto para a historia de todos os amores contrariados e, em frente da má-lingua do *palheiro*, ergueu-se, de sangue na guelra, travêssa, mais moça e mais cortante, a má-lingua do *Guichard*. Já menina em termos não havia que desposasse o caixeiro lorpa do papá, sem levar, a dentro d'alma, como folhas murchas pelo outomno das esperanças illudidas, as cinzas d'uma paixão romanesca, com personagens de bigodes encerados e musas capazes de enternecer as mais esquivas. Já o casamento não era para os bons mercadores do velho Porto o sa-

cramento que lhes dava a posse da mulher, por mais gentil, exclusiva á face de Deus e dos homens, por respeitadas determinações dos canones, da moral e da justiça.

Era a edade de oiro dos Manfrêdos, jovens e tristes, de longos cabellos negros, pallidez de cêra, olheiras fundas, com um diccionario de rimas no bolso e a alma de Musset no coração. E essa mocidade portuense, não desprezando as suas tradições de valentia, esmurrando-se em pugilatos, pugnando a cacête e a tiro por uma tirada em folhetim ou a voz d'uma cantora, era, no fim de contas, uma legião de creaturas exaltadas, pelos modelos da epoca, importados da França de Lamartine, e que, no ardor das suas aventuras, pondo a mascara d'um cynismo que triumpha, nem sempre deixavam de ser, por seu mal, apenas uns sinceros.

A população da cidade ficava assim, na parte que me interessa, dividida em duas facções: d'um lado os homens de acção, trabalhando de manhã até noite nos seus armazens e nas suas lojas, do outro, uns moços estroinas, desbaratando patrimonios, aproveitando a seu modo a vida, fazendo gala de aventuras, se bem que mettendo o coração em todas ellas, e, por essas e por outras, conquistando a granel as suas damas.

Manda a verdade dizer que se não comprehendiam uns aos outros, e que, apreciando-se mutuamente, foram, por vezes, deploravelmente injustos, —porque nem o mercante era sempre e em absoluto abjecto e desprezivel, nem os rapazes eram tão maus nem tão perversos como o terror dos paes e consortes os pintava.

Pelo que respeita a damas sensificadas e cava-

lheiros que lhes mitigavam com o alcide do amor a sua aplestia de caroaveis affeições, é de saber que estavam n'esta afinação: Ellas, se tinham certos dotes litterarios, escreviam coisas d'estas:

«...Eu amei-o, oh meu Deus! era um anjo!
Era um anjo o mortal qu'eu amei;
Mas que digo? infeliz inda o amo
Só por morte de o amar deixarei.

Tem uns olhos castanhos escuros,
Quasi negros... que lindos que são!
Expressivos, tão ternos, tão meigos!...
Iguaes olhos não ha—isso não...

Nunca amara—era livre e ditosa,
Esses olhos mal vi logo amei.
Feiticeiros!... fascinam e matam;
Doidejando por elles fiquei.

Fiquei doida por olhos divinos,
Tão divinos como eu nunca vi,
Longos tragos d'amor inefavel
N'aura taça por elles bebi.

E o cabello? tão negro, tão negro,
Sua tez? tão morena e tão pura,
E os dentes? tão brancos, de neve,
E a gentil tão esbelta figura?

He poeta o meu anjo!... no peito
Coração de poeta lhe bate:
Como nunca, ó poeta eu t'adoro
Pois tu hes cá na terra o meu vate.

Ai eu t'amo co' extremo e doçura!
Ai eu t'amo com idolatria!
A um mortal tanto amor consagrado
Tanto amor... só a Deus pertencia

O bom Deus castigou-me por isso :
O meu anjo infiel se tornou !
Gosta d'outra... e a mim — malfadada —
Tão inf'liz e tão só me deixou.

Gosta d'outra esse ingrato querido ?
Gosta d'outra ! e agora ai de mim !
Que tormento me rala minh'alma,
Que tormento, meus Deus... e sem fim !» [1]

E os homens iam dizendo maguas e amores n'aquelle estylo, hoje morto, em que João de Lemos gemia os seus tormentos :

«Ouves além no retumbar da serra,
O som do bronze, que nos causa horror ?
Foi mais um ente que voou da terra
Mais um poeta que morreu d'amor.»

Porque n'esse tempo morria-se d'amor, lyricamente, fóra das imagens dos poetas e das paixões de má ventura das chronicas medievas. E morria-se por vezes de modo tão extranhavel para a maneira de ver materialona dos nossos dias, que eu terei de encarar sem um gracejo, d'entre o grupo dos novos então em evidencia, alguns cuja sorte, com certeza, merece, pelo que tem de doloroso, o nosso respeito, antes mesmo de, pelo seu interesse como documento d'uma epoca e, de modo mais restricto, como caso morbido curioso, reclamar o nosso estudo.

[1] Pertencem estas quadras a uma extensa composição que, com o titulo de *O meu viver* e assignada por *Uma portuense*, vem inserta no t. V da *Lisia poetica ou collecção de poesias modernas de auctores portuguezes*, publicada por José Ferreira Monteiro, em 1847, no Rio de Janeiro.

Assim esse Jorge Arthur, versejador e enamorado, que ouvindo, da rua, cantar, entretendo as visitas de casa, a creatura amada que, por elle ser pobre, lhe não davam, se foi deitar da ponte abaixo, levando junto ao coração um boné de velludo, bordado pela mulher por quem morria. [1]

Assim esse D. João d'Azevedo, poeta e romancista, que, amando uma mulher rebelde, fez imprimir e mandou-lhe um só exemplar d'um livro a descompô-la, o que lhe acarretou o odio d'ella e um maior motivo ás suas amarguras. [2]

Assim Jacintho Navarro d'Andrade que, depois de desbaratar o patrimonio, casou, e um dia, no tempo da febre amarella, ao ver a mulher morta, foi ao estabelecimento do Nilo, tomou um banho frio e entrou em casa moribundo para expirar horas depois. [2]

E esse José Augusto que, sabendo, entre o rapto e o casamento com Fanny Owen, que essa senhora, já depois de o conhecer, escreveu a um amigo, dizendo que não achára ainda coração que a comprehendesse, deixou-a, passados mezes morrer virgem. [2] Quando dias depois, uma febre cerebral o levou, dentro da unica mala que conduzira para o hotel de Lisboa onde morreu, encontrou-se apenas um vestido de noivado e uma corôa de flores de larangeira. [3]

E, além d'estes, que Camillo nos mostra dispersos na sua longa galeria, ainda esse outro antigo militar que, segundo Ramalho nos conta, «desen-

[1] Camillo: *A Mulher Fatal* e *Obolo ás Creanças.*
[2] Camillo: *No Bom Jesus do Monte.*
[3] Ramalho Ortigão: Log. cit.

ganado de todas as glorias, descrido de todas as illusões com que se póde illuminar uma existencia de mundano, fazia periodicamente uma peregrinação de nove leguas a pé, para ir a uma montanha da provincia do Douro ver uma rapariga do campo que tinha os olhos verdes e uma longa trança de cabellos louros. As paredes do quarto em que pernoitava, por occasião d'essas romagens, encheram-se de versos á que denominava, *A deusa dos olhos garços.*» O original amante «morreu no Porto prostrado pelo abuso do alcool, em que tentava afogar o seu longo e pesado tedio, n'um quarto de dormir armado em barraca de campanha, tendo por decoração duas mumias trazidas do Egypto, e uma jaula em que se debatia e uivava um leão.» [1]

E, a par d'isso, se corrermos de passagem, as causas da morte da maior parte dos que n'esse tempo figuravam na arte e no dandysmo e espantavam, com os seus principios e as suas arrogancias, a pacatez dos bons e honestos mercadores, iremos ver preponderantes a tysica, o alcoolismo, a demencia e o suicidio.

Nasceram esses homens n'um periodo de agitação politica, em que as tentativas de Napoleão ainda não tinham esquecido e o liberalismo rompia por toda a parte, berrando os seus direitos pela bôca dos tribunos ou pela intimação das bayonetas; Portugal vinha a ser, dentro em pouco, um reino sem rei, sujeito ao mando de todos, á mercê do alvedrio d'um bretão ou das ameaças d'um francês, ou das represalias violentas d'um povo revoltado.

Não vem isto para demonstrar que nos invictos

[1] Ramalho Ortigão: Log. cit.

Saint-Preux medrasse o furor d'esse constitucionalismo que, entre nós, nunca foi mais que um inattingido ideal para meia duzia e, sob o sendal de hypocrisia, um suculento filão para a maior parte. A sciencia porém ensina que os individuos concebidos em certas epocas agitadas apparecem muito vulgarmente malformados ou soffrendo perturbações nutritivas e nervosas; [1] e, por esse lado não espanta, mesmo que circumstancias individuaes nos não convençam, concluir que, afinal, com todo o seu ruido de escandalo, as suas arremettidas de D. Juans e de Quixotes, — a mocidade esturdia de ha cincoenta annos não passava de uma infeliz geração de nevropathas. Para esses bons rapazes, se alguma coisa de alto e respeitavel havia na vida era o amor, esse amor que os lançava sem medo nos braços da aventura, esse amor que elles contavam e cantavam nas ingenuas paginas dos seus livros. O amor era a redempção, a fortuna, o destino, e a morte...

Um facto basta que o comprove: Quando foi á scena, no Porto, pela primeira vez, a *Dama das Camelias*, a gente moça deu em procurar por toda a parte, já não pelos salões, mas nas ruelas da miseria e do vicio, a Margarida Gauthier que o seu amor redimiria. E o caso é que, na febre rehabilitadora, alguns d'esses homens desposaram, salvando da tysica romantica no ultimo lance, garridas damas que lá foram, no correr do tempo, envelhecendo e encarquilhando, em charra prosa, como qualquer matrona honesta.

Sempre estes doidivanas atiravam para um regaço de mulher, entre as petalas d'um galanteio,

[1] Féré, Ob. cit., p. 18.

um pedaço de coração, de forma que, se era aquella a *mulher fatal* de que falam as chronicas do tempo, assim o homem n'um instante iniciava a sua sina de amor e de desgraça. Elles faziam versos, ellas liam-n'os, e os bons papás mercantes, vivendo n'um positivismo que não excluia, de vez em quando, a sua historia de coração, não queriam saber de musas e olhavam de soslaio para os endiabrados perturbadores da sua paz. De resto, a epoca, por qualquer lado que a encaremos, apparece-nos com um certo ar de ingenuidade, toda de enthusiasmos espontaneos, uma maneira sinceramente simples em tudo, sem sombras d'uma preoccupação pelo grotesco, que incommode ou que constranja.

Era o tempo do

«Senhor Rei, acceita o preito»

arrôto lyrico-patriotico que um bardo enthusiasta arrojou, no S. João, ás regias faces do monarcha D. Luiz, — quando aos reis se falava em oitava rima e a Carta não gemia ainda o fado da desillusão. Ao ver agora, já de longe, n'um meio tão diverso e, valha a verdade, tão menos interessante, essa sociedade pittoresca, com as suas usanças curiosas e a sua maneira, tão outra, de tomar a vida a serio, — a gente sorri, como Camillo, nos ultimos annos da sua vida, sorria, d'esse passado depressa desfeito, com a estabilidade ephemera das epocas de transição...

Foi comtudo n'esse periodo, quando o feitio romanesco triumphava em toda a linha, que, n'um baile da Assembleia, Camillo deixou preso n'um olhar de mulher o seu destino.

Anna Placido, senhora somaticamente dotada de

preclaros meritos e sua tendenciasinha morbida para as letras, era, ao tempo em que, segundo conta a historia, sentiu em si uma paixão intensa por Camillo, a noiva promettida do brazileiro Alves. Casou, dizem que depois de chorar muito, e se os annos que viveu com o marido gozando em frente ao mundo o aspecto d'uma vida de tranquilla paz passaram sem um reparo para o chronista meticuloso de precalços do coração, não o sabe nem o quer saber quem estas linhas escreve com algum fim mais alto que divulgar, em phrase limpa, as mais divertidas blandinas.

Por esses annos andou Camillo, embora trabalhando sempre, n'uma vida incerta em que o proposito de se afastar da creatura que espiritualmente o prendera, não conseguiu vencer a tentação, mais forte, de ficar. Pensa em ir para o Brazil e não vae; retira-se para o Minho e logo volta; matricula-se no Seminario e, no momento de tomar ordens, vem-se embora.

Está dito que Camillo era um sensual; a imagem d'aquella mulher, esculpturalmente perfeita, que o attraía, não esquecera nunca; nos seus livros d'então apparece uma mulher idealmente linda, que o destino sacrifica a um brutamontes, e nas entrelinhas, a cada figura, por maior diversidade de caracteres que as scindam, a gente vê, bem a claro, Anna Placido — a creatura amada sempre — e o marido atirado para a galeria dos hôbos que o romancista mostrava ao publico ridente, — como o mais precioso exemplar e o mais grotesco.

Porque tal amor sahisse da reserva platonica em que confrangidamente se embrenhára, oito annos depois do primeiro encontro no tal baile, Anna Placido abandonou o marido, seguindo, com Camillo,

por esse Portugal fóra, a exhibir vaidosamente aos olhos de censores e maldizentes o interesse picante da aventura. Pinheiro Alves, ferido pelo escandalo, processou por adulterio a mulher e o amante; a consorte foi presa no justo praso em que a justiça assim o quiz, e o romancista, incapaz, como em todas as épocas da vida, de tomar com firmeza uma resolução, deixou-se levar, ora por conselhos precavidos de amigos, ora por instancias da saudade, n'uma peregrinação pelas terras em que logares ou creaturas estavam presos a um episodio inolvidado da sua agitada vida de outros tempos.

Lá foi a essa Samardan e viu a Luiza que em novo amára, seguindo com os seus filhos e as suas rugas o caminho da velhice, a Villa Real, onde a irmã do seu pae, decrepita e cadaverica, lhe disse que era necessario ser desgraçado, para não contradizer os fados da familia, [1] e ainda ao Bom Jesus do Monte, onde recentes recordações lhe traziam ao espirito, n'um nimbo, de doirado idealismo, o seu amor de então. Até que, instavel na propria posição de fugitivo, não podendo supportar por muito tempo a mesma orientação, destituido de toda a equilibrada força de vontade, passados quatro mezes, Camillo entregou-se ao carcereiro da Relação do Porto, para que, sem entrave, a justiça resolvesse da incerteza do seu destino, porque se lhe não pedia já que dissesse da boa ou má razão da sua causa.

A eloquencia de um advogado, [2] as razões de um medico [3] e a consciencia de uns jurados, conseguiram que o tribunal perdoasse aos adulteros e elles pudessem seguir, agora juntos para sempre,

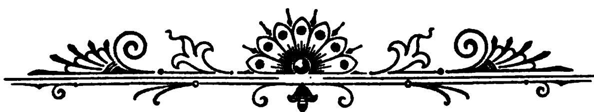
[1] Camillo: *Memorias do Carcere*, v. I, p. XIX.
[2] Marcellino de Mattos.
[3] Joaquim José Ferreira.

n'uma vida que já não tinha certamente o encanto que lhe déra, esmaltando-a com aspectos novos de mais brilho, a illusão de um amor que despontava. A sua vida depois, abstrahindo do trabalho insano, constante e infatigavel do escriptor, decorre sem factos salientes sobre os quaes mereça deter, no percurso de um ligeiro estudo, o nosso olhar; basta que se diga, embora escusado fôsse dizê-lo, por estar em linha de logica irrecusavel, que essa vida não foi feliz, e a melancolia de um amor morto, sem que, do lado do romancista, ficasse arreigadamente a estima ou o respeito, e depois o ciume e o remorso, e a doença — sobretudo a doença, congenita, fatal e inabalavel — fizeram bem do declinar da vida aventureira d'esse homem de genio um periodo triste de tortura: Camillo foi um desgraçado.

A' hora em que morreu Pinheiro Alves, elle, recostado no leito, a lêr, sentiu que mão herculea o estrangulava [1] e, depois, na solidão da casa de Seide, rodeada de pinhaes, que pertencera ao brazileiro, os espectros, povoando-lhe as noites de nevrose, acabaram para todo o sempre a passageira paz da sua vida.

Quiz ser visconde e foi-o; ficou cego; aceitou remunerações dos cofres publicos; sentiu o azedume dos que o malqueriam calcá-lo, quando o seu cacete formidavel já não tinha um pulso que o brandisse; casou, foi pae de um filho doido e, de dôr em dôr, presa da fatalidade que parecia pesar, como de chumbo, por sobre a tara que má herança lhe deixou, não podendo já trabalhar — o seu supremo consolo: — matou-se. [2]

[1] Alberto Pimentel: *Os amores de Camillo*, p. 335.
[2] Em 1 de junho de 1890.



IV

> «Parece-me, meu querido amigo, que não fugi ás heranças de pae, d'avó materna e duas tias.»
>
> *(Carta de Camillo ao P.e Senna Freitas)*

CAMILLO Castello Branco foi gerado no periodo mais intenso d'um amor violento, e esse facto é importante na determinação etiologica do seu genio.

N'uma casa em que dois doentes revolviam com amargura as cinzas da paixão que os unira e benevolamente encaravam, através das lagrimas, as diabruras infantis d'aquelle filho, Camillo viveu até aos nove annos, sem uma educação que de começo o orientasse na vida ou corrigisse na maneira de ser do seu espirito qualquer nativo mal, se é que o tinha. N'essa edade começou a vida apoquentada, aos empurrões d'um conselho de familia que o levou para Villa-Real e foi a causa da sua evasão da terreola quando a rispidez da tia que o cuidava começou a asphixiar no sobrinho irrequie-

to as prematuras tendencias do homem livre. Homem livre esse que aos dezesseis annos se julgou preso pelos encantos da filha do tendeiro que fez do rapaz leviano um mau marido e marcou o primeiro passo na sua accidentada carreira de aventuras.

Na vida de Camillo que ahi começa, com os seus dramas, os seus triumphos, os seus combates e as suas amarguras, ha um symptoma morbido que salta aos olhos d'aquelles mesmos que não busquem na figura do romancista todo o interesse novo e elucidante d'um caso de doença. E' a abulia, a falta de energia moral que trouxe esse homem de genio pela vida fóra n'uma hesitação de cada instante, que o fez iniciar diversas carreiras abandonadas logo, recorrer á vida de padre, cheio de fé, e no momento de tomar ordens vir-se embora, e que, alastrando para todas as faculdades do seu espirito, foi mais tarde a origem d'uma existencia de vagabundo, de terra em terra, e d'uma mutabilidade constante na maneira de julgar as coisas e os homens. As diversas tendencias litterarias a que elle a cada passo amoldava os recursos extraordinarios do seu genio, a variação dos generos de litteratura ao serviço dos quaes punha a sua phantasia inexhaurivel e a sua erudição ampla e firme, entram aqui propriamente como symptoma denunciador d'essa abulia. Era bem aquelle estado doloroso de irresolução constante que Leopardi definiu *Mille dubbietà nel deliberare e mille ritegni nell'eseguire*, como bem o comprova o periodo errante que precedeu a entrada de Camillo na cadeia após a aventura de Anna Placido e estas elucidativas palavras que elle deixou escriptas em 1881 n'uma carta a Silva Pinto: «Recolhi antes de

hontem de Vizella e resolvi ir para Ancora no dia 24. Ainda assim, se me escrever faça-o para Seide, porque eu não conto comigo». [1] Pode-se aqui presuppor, na mente do romancista, um receio de doença, esse receio que o obsecou durante a maior parte da sua vida, mas o facto é que o doente da vontade tem sempre essas e outras coisas a que recorrer para tornar explicaveis, aos olhos dos outros e aos seu proprios, aquillo que não passa de uma malsanidade que elle na maior parte dos casos desconhece. De modo que o symptoma da pathologia da vontade que se observa nos nevropathas é no nosso caso d'uma nitidez absoluta.

Entrando por assim dizer no mecanismo d'essa doença, vemos que em todo o phenomeno volitivo ha a distinguir a acção excitante, a percepção com a associação de ideias consequente e a determinação á qual na normalidade se segue mecanicamente a execução; mas nos casos de abulia o influxo originado n'uma dada excitação ou se dispersa n'um grande numero de direcções e dá origem a outras tantas determinações contradictorias, e irresolução portanto, ou conduz a uma resolução unica que se não chega a executar. [2] Mas toda essa hesitação que é torturante enfileira bem, por suas origens e consequencias, ao lado da infinidade de terrores doentios que Jolly, poupando se ao passatempo de buscar palavras gregas para os baptizar um a um, conglobou na designação geral *caïrophobia*. A abulia poder se-ha mesmo chamar *bouleuenphobia* (medo de querer) entendendo-se n'este ca-

[1] *Cartas de Camillo Castello Branco*, com um prefacio e notas de Silva Pinto. 1895, p. 62. Vêr nota 2, p. 67.
[2] Le Dantec: *Traité de Biologie*. 1903, p. 481-484.

so por *querer* o exercicio amplo e perfeito d'uma vontade sã. E nem por essa concretização, que simplifica o estudo, o processo morbido se altera.

Vamos assim seguindo, passo a passo, a nosogenia de um estado neurasthenico, não perdendo de vista que a neurasthenia é sempre o indicio d'uma tara nervosa, profunda [1] e que «ella constitue o terreno mais proprio para o desenvolvimento das nevroses, das vesanias e mesmo das affecções organicas cerebro-spinaes, a ponto de se poder considerar como a origem commum da maior parte das doenças nervosas. Em summa, a neurasthenia cria a opportunidade morbida do systema nervoso». [2]

Enunciando os symptomas da nevrose de Camillo, eu tenho em certa altura de me afastar do quadro neurasthenico; a propria actividade prodigiosa do romancista, contrastando com a fadiga e a má disposição para todo o esforço, que é a caracteristica primeira do exgotamento, nos indica de começo que o diagnostico se não póde fazer aqui por um meio simples, grosseiramente, sem entrar no mais delicado estudo d'essa mesma actividade. Se bem que alguns symptomas, e entre elles a inaptidão para o trabalho intellectual, communs quando a neurasthenia é adquirida, muitas vezes faltam na neurasthenia hereditaria, embora nos doentes d'este mal o trabalho sustentado e perseverante seja assim mesmo superior ás suas forças. [3]

Camillo não tinha, realmente, esse methodo regularissimo de trabalho que é apresentado como

[1] Régis: Precis des maladies mentales, 1904, p. 110.
[2] Féré: Ob. cit., p. 80.
[3] Bouveret: Ob. cit., p. 204.

exemplo em alguns escriptores de grande nome; elle não tinha as suas horas de labuta fixadas nem tão pouco uma tarefa contada em cada dia; escrevia por assim dizer aos jactos, *n'um impulso*, e é certo ainda que os seus periodos de intenso labor correspondem sempre a crises mais ou menos graves n'uma vida de aventuras, com a excitação consequente da sensibilidade malsana dos seus nervos. Annos havia em que a producção litteraria de Camillo se limitava a compilações de coisas feitas. e nunca essa producção foi mais copiosa que após a prisão por adulterio, quando a consciencia do grande homem se impoz o dever de sustentar com os unicos recursos do seu trabalho uma familia que o destino fizera chamar sua. São tempos de dispendio d'uma energia nervosa meia exhausta, seguidos quasi sempre d'um periodo de abatimento, com mais um passo andado para a liquidação final que se avisinha.

E' opportuno citar aqui uma observação curiosa de Weygandt[1] que se adqua perfeitamente ao nosso caso. Esse professor da Universidade de Würzbourg procurou avaliar pelo methodo psycometrico a capacidade para o trabalho de intellecto na neurasthenia constitucional, e, para isso, os doentes deviam fazer, durante um tempo determinado, pequenas addições de numeros de um só algarismo, marcando entre cada uma o espaço d'um minuto, depois do que se podia, fixando o quantum de trabalho effectuado na unidade de tempo, estabelecer a chamada *curva de trabalho*. Constatou-se que, ao passo que em creaturas normaes a producção cresce ordinariamente durante os tres ou quatro

[1] Ob. cit., p. 289.

primeiros quartos d'hora, por consequencia do augmento de exercicio, para baixar em seguida pouco a pouco á medida que a fadiga se manifesta, —nos neurasthenicos constitucionaes se verificavam bruscos saltos no decorrer da producção, modificando-se por vezes no intervallo de cinco minutos, de 50 a 100 p. 100, e nos neurasthenicos por esgotamento a capacidade productiva desde o começo da experiencia ia baixando.

Neurasthenico constitucional era Camillo e eis porque o seu trabalho prodigioso, irregularmente feito, aos solavancos, longe de nos afastar do diagnostico aventado, no-lo vem justificar por sua vez.

Entrando agora no estudo das phobias, cumpre registar perturbações profundas na sensibilidade interna. Effectivamente, emquanto que, n'um individuo normal, a sensibilidade não alcança as vias conscientes de associação que residem na corticalidade e neurones superiores, nos casos de doença attinge-os dolorosamente depois de, n'uma superexcitação, passar os neurones inferiores, reflexos e automaticos. A essas sensações cenesthesicas que é possivel considerar o *primum movens* da neurasthenia, que chamam toda a sua attenção e unicamente o preoccupam, o doente, capaz apenas d'uma reacção insufficiente e dolorosa, não oppõe as suggestões solidas das acquisições sensitivas e sensoriaes anteriores, entra n'um estado de angustia, quer e não quer, tem desequilibrios de sensibilidade e intelligencia, e apenas as sensações cenesthesicas e as ideias que ellas evocam, occupam, em plena posse, o campo da consciencia.[1] E' a

[1] J. Virès: *Maladies nerveuses*. 1902, p. 404, 410.

opportunidade de todas as perturbações adstrictas ao estado nevrasthenico; vem então a *arithmomania*, tão vulgar nos grandes homens e denunciada em Zola pelo medico Toulouse, a *onomatomania*, possivel de encontrar n'um estudo attento d'alguns dos mais salientes mattoides da litteratura symbolista, uma serie longa de obsessões e impulsões que podem levar até ao crime, a *loucura da duvida* de Legrand du Saulle e as phobias.

E digo obsessões e impulsões apezar dos reparos que possa suscitar a propositada associação d'estes dois termos. Porque realmente a coexistencia dos dois syndromas em alguns estados morbidos não é facto que tenha passado sem reparo por parte d'alguns auctores. Ainda recentemente Soukhanov publicou na *Roussk Vralch* [1] um estudo sobre as ideias obsidentes e actos impulsivos (*Naviazt mysli i impulsivnya deïstvia*) pondo em contradicção as duas ordens de phenomenos e constatando, em caso excepcional de existencia simultanea, uma fraqueza congenita das inhibições moraes ou um enfraquecimento de senso moral. Mas o facto irrecusavel, sejam quaes forem as razões que o justifiquem, é que obsessões e impulsões apparecem associadas em alguns processos morbidos, completando-se. Tal o caso, vulgarissimo nos estados nevrasthenicos, d'um doente que, *obsidiado* pela ideia de não praticar um certo acto, a meio da sua angustia e não podendo resistir a uma *impulsão*, o effectua. [2]

[1] T. II, n.º 15, p. 561.

[2] «Muitas vezes a obsessão estende-se ao dominio psycomotor e torna-se então uma *impulsão*.»
(Weygandt: Ob. cit. p. 245).

«Todos estes phenomenos, obsessão e impulsão, são em

Assente pois a opportunidade das perturbações nevrasthenicas, preparado o terreno, inutilizada de vez a resistencia, a nevrose póde, á larga, coinquinar o espirito. Na obra de Camillo, e nomeadamente nas suas cartas, preciosas como documentos de analyse noologica, ha a revelação mais ou menos precisa d'um numero avultado de phobias. As que mais notavelmente predominam são a *pathophobia* ou *nosophobia* (horror á doença) que, tomando por vezes o caracter obsessivo, n'elle chegou quasi a constituir uma verdadeira *nosomania*, e a *thanatophobia* (horror á morte), consequencia natural d'aquella, que actuou com uma intensidade se é possivel superior ainda e correu a par d'essa morbida

realidade da mesma natureza; comportam uma fraqueza da vontade.»
(Rémond: Ob. cit, p. 117).

«A questão está em saber se as obsessões caracterizadas pela phobia d'um acto, isto é, por uma repulsão anciosa por esse acto, se relacionam de qualquer modo com as obsessões impulsivas, ás quaes ao primeiro aspecto parecem oppôr-se inteiramente. Em theoria, a questão não offerece duvidas e, pois que «toda a ideia d'um acto é um movimento que começa» (Féré), o medo de effectuar um acto deve ser uma tendencia para esse acto». «Os proprios doentes, que em geral se observam bem, dizem indifferentemente: «Tenho medo de ser obrigado a fazer isto» ou «Sou impellido, sinto vontade de fazer isto» N'outros ha a coexistencia de phobia e propensão impulsivas, e em alguns, finalmente, a phobia termina pela impulsão.»
(A. Pitres et E. Régis: *Les obsessions et les impulsions*, 1902, pags. 111-113.

«A impulsão morbida não é mais que o ultimo acto de uma especie de drama cerebral que começa pela obsessão e continua pela ideia fixa.»
(Dallemagne: *Pathologie de la volonté*).

tendencia para o suicidio que em Camillo se revelou desde bem cedo. [1]

[1] «Sinto-me no cabo da vida.» «Esta noite passei peor; mas ainda assim conservei-me na cama. A grande desgraça é quando lá não posso estar. Parece que me faz horror a posição horizontal da sepultura». «Não me consideres encarecedor dos meus padecimentos. Eu estou gravissimamente doente e decerto te não vejo mais». «Agora, depois que estas creanças brincam felizes na minha negra atmosphera e a respiram com delicias, a morte apavora-me». «Esta infelicidade de doença não me deixa ir vêr-te. Figura-se-me que me ha-de apanhar longe de casa uma febre cerebral». «Comprehendo que as molestias te dobrassem mais cedo, que as desgraças moraes. Se eu ha doze annos, quando comecei a ser tão infeliz, padecesse como hoje, ter-me-hia matado». «Se ainda a muito custo escrevo d'isso que vês, antevejo a completa paralysia do cerebro, e em seguida a morte.»

(CAMILLO: *Correspondencia epistolar entre José Cardoso Vieira de Castro e Camillo Castello Branco.* 1874, T. I, p. 32; T. II, p. 51, 62, 109, 133, 144, e 145).

«A preoccupação da morte é ainda mais familiar na sua penna. Chega a ser uma obsessão, como o precipicio de Paschal.»

(Pe. SENNA FREITAS: *Perfil de Camillo Castello Branco.* Nova edição, 1888, p. 30).

«Tenho a—não sei se triste se alegre—convicção de que vou emfim descançar brevemente.»

(CAMILLO: Carta a Silva Pinto. Ob. cit., p. 23).

«A cada passo, Camillo, imaginando os symptomas de uma doença grave, chamava afflicto por D. Anna.» «Uma vez, Camillo estava no periodo de se julgar muito doente e não querer sahir de casa. D. Anna Placido pediu, instou, supplicou a Camillo que fosse dar um passeio com um dos amigos que o visitara. Camillo resistia, dizendo que não tinha forças, que iria morrer de inanição no meio da rua, porque havia muitos dias que se alimentava mal...—Vou-lhe dar o desgosto de morrer na rua, disse elle ao amigo.»

(ALBERTO PIMENTEL: *Os Amores de Camillo*, p. 347 e 368-369.)

A circumstancia apparentemente paradoxal, de a thanathophobia conduzir com frequencia ao suicidio, citada por alguns auctores, mereceu a Nicolau um desenvolvido estudo. [1] E' um facto sem duvida interessante mas para encontrar um paradoxo no qual nós teriamos em boa razão de considerar o suicidio resultando d'um raciocinio são, cahindo assim n'um paradoxo tanto maior quanto elle aqui se dá n'um caso confesso de desequilibrio anterior que as phobias descortinam.

Entre estas notarei mais a *celaphobia* (horror aos ruidos), consequencia natural da peresthesia dos seus ouvidos hyperacusicos que durante a vida toda lhe fez um dos maiores dos seus tormentos, [2] a *anthropophobia* (horror á multidão) e a *mo-*

[1] *Thanatophobie et suicide.* Annales méd. psychol. 1892, T. XV.

[2] O peor é este rolar de trovões que me estruge na cabeça. Ora vê tu, meu José, que desesperação não poder eu um instante fazer calar estes estrondos, e tamanhos que me accordam em sobresalto! A medicina não tem nada para isto». «Tu não imaginas os dolorosos caprichos d'esta enfermidade que me está despedaçando. Lá vejo no céu a lua serenissima O estrondo que me reboa nos ouvidos não me deixa ouvir o mar. Assaltam me impetos de loucura quando penso que este inferno não ha-de passar». «Escrevo de vagar porque tenciono concentrar-me quanto possa e porque acho difficuldade em escrever. Este incessante estrondo na cabeça dia e noite, chega ao extremo de me pôr deante a morte como unico remedio». «Como se não bastassem vinte mezes de ouvir incessantemente uma zoeira de mar tempestuoso e um silvo de vapor, accresceu agora a dôr penetrante de lado a lado». «Hoje estou soffrendo muito da zoeira e d'uns vagádos que me assustam... Se me dissessem antes de eu adoecer que havia de estar assim dois annos, eu cuidaria que ao fim de poucos dias preferiria a morte».

(Camillo: *Corr. Epist.* T. II, p. 58-59, 62, 69, 97 e 133).

nophobia (horror a estar só) oppostas, alternando-se nos periodos de abulia mais intensos, a *phonophobia* (horror á musica) citada em Victor Hugo, Gœthe, Musset, Goncourt e tantos outros, [1] a *pho-*

1 «Para o seu ouvido todo o som é um barulho, a não ser o da palavra falada que o deleita nos entrechos d'uma conversação intima, e em que elle é tão superior como Meyerbeer na phraseologia das colcheias e das semi-fusas. Minto. Tenho uma excepção a fazer, mas uma só. Estavamos nós na praia de banhos da Povoa de Varzim, no verão de 1876, se não me engano. Ambos como devotos romeiros, tinhamos ido pedir aos metalloides tonicos do mar a sua acção reconstituinte para as dyspepsias de uns estomagos avariados. Por essa occasião chegou alli o notavel violoncellista Giuseppe Casella que se prestou a dar um ou dois concertos em um salão do então chamado *Hotel d'Italia*. Na noite do primeiro concerto combinei com Castello Branco ir com elle ouvir o eximio professor de violoncello de D. Luiz I. Fomos. Ficámos um ao pé do outro. Casella, que emquanto viveu foi talvez o primeiro stradivario da Europa, fez n'essa noite prodigios de difficuldades. Arrancou do instrumento soluços, gemidos, cóleras, tempestades, trovoadas horriveis, echos longinquos, sons mysteriosos como o cicío d'um segredo, articulações abafadas e difficeis como a derradeira phrase do agonisante, risos de Offenbach, threnos de Chopin... fez emfim do violoncello e do arco tudo quanto quiz, e penso que quiz tudo quanto pôde. N'aquelle violoncello havia uma orchestra inteira: todo um genio de melodia e de caprichos surprehendentes escondia-se dentro da caixa do magico instrumento. Nos intervallos dos *pizzicati* do maestro, eu olhava para Camillo fixamente, buscando divisar n'elle um gesto de admiração, que não fosse senão uma pupilla dilatada de repente pelo enthusiasmo interior. E elle mudo e impassivel. Até que afinal resolvi-me a interrogal-o: «Então que lhe parece? Simplesmente magnifico, hein?» «Eu, meu amigo,» disse Camillo com um sangue frio britannico forrado de tedio comprimido, «não gósto de musica». «Possivel !? Um espirito culto como o seu, respondi-lhe, um romancista que tem percorrido com mão segurissima todo o teclado das paixões humanas, da mais violenta á mais dôce, não gostar de musica, a mais adequada traducção dos sentimen-

tophobia (horror á luz) coincidindo com os primeiros assomos das perturbações visuaes, [1] a *keronauphobia* (horror á obscuridade) mais tarde quando essa afecção tomou caracter grave, [2] depois a *phobophobia* (horror ao medo) com os seus pavores morbidos, [3] a *pantophobia* (horror a tudo) e, restrictamente, no fim, a *biophobia* (horror á vida) antecedente natural do suicidio.

Como signal d'um estado pathologico mais grave, as obsessões e impulsões fizeram-se sentir no romancista, mas d'uma forma velada, revelando-se apenas n'um ou n'outro ponto mais saliente da sua vida publica e não dando margem por isso mesmo a uma analyse perfeita.

Talvez até a manifestação obsessiva mais per-

tos humanos!» «Pois é como lhe digo, retrucou; faço só uma excepção». «Qual?» «Dou o beiço pelo... fado, gemidinho na guitarra.»

(P.e Senna Freitas: Ob. cit. p. 50-52).

Vêr Lombroso: Ob. cit. p. 48.

1 «Basta dizer-te que escrevo sempre á luz do crepusculo. Os meus olhos não comportam outra luz. Quando os dias estão lucidissimos do brilhantismo do sol, eu tomo do favor de Deus a frouxa claridade de um raio coado por transparentes negros. O meu gabinete de trabalho durante os mezes esplendidos do anno, é um continuado começo de noite.

(Camillo: *Vinte horas de liteira.*

2 «Em 1885 estive em casa de Camillo, na Povoa do Varzim, e ahi lhe li o original dos *Idyllios dos Reis.* Quatorze luzes, em duas serpentinas de sete castiçaes cada uma, illuminavam a sala que aliás era pequena. Era assim que Camillo queria afugentar as trevas que avançavam.»

(Alberto Pimentel: *O romance do romancista,* p. 289).

3 «Esgotado de forças, exaltada a imaginação, que chamejava como fornalha accêsa, Camillo era dominado por tenebrosos pavores, visões torturantes.»

(Alberto Pimentel: *Os amores de Camillo,* p. 336-337.

feitamente caracterizada fôsse o amor, esse amor morbido que corre definido em livros como «a hypertrophia d'um sentimento verdadeiro e, por consequencia, um caso pathologico» [1] Camillo foi nitidamente um nevropatha amoroso. Não teve perversões, é certo, mas amou á doida, com um exclusivismo que em certas epocas da sua vida punha de parte qualquer consideração d'uma outra ordem e bem se pode sem esforço comparar em quadro de nosologia á idéa fixa. Elle não seguiu aquelle conselho d'um personagem de Musset: «Usae do amor como um homem sobrio usa do vinho; não vos embriagueis» [2] Embriagou-se, exagerou: e a tendencia para a exageração de todas as sensações penosas ou agradaveis, nos doentes neurasthenicos, procede da propria natureza da doença, d'essa diminuição de energia moral que é um dos seus caracteres mais salientes. [3] Violento e inconstante, e soffrendo todo o dispendio nervoso d'essa violencia e toda a dôr moral d'essa inconstancia, elle escreveu n'um romance estas palavras que são um precioso documento para o estudo da maneira de ser do seu amor:

«Moralistas, dae-nos uma figa de azeviche para afugentar o demonio da tentação: trazel-a-hemos devotamente sobre o espirito fraco, o espirito maleavel, que se presta a todas as fórmas, esse camaleão intimo que varía de côr a cada novo raio de luz dos ultimos olhos, que o fixam. Corrigi os defeitos do systema nervoso de Guilherme. Transfundi-lhe um sangue mais sereno, menos irritavel, nas arterias. Dae-lhe o remanso da paz no regaço de uma mulher, seja ella rainha, ou costureira. Remi-o da infelici-

[1] Emile Laurent, *L'amour morbide*, 1896, p. 82.
[2] A. de Musset, *La confession d'un enfant du siècle*.
[3] Bouveret, Ob. cit. 74.

dade, que traz comsigo a inconstancia. Fazei que elle não chegue aos trinta annos detestando as vinte variedades de mulheres [1] que conheceu, e detestando-se por ter abusado das faceis regalias, que o oiro, a juventude, e a seducção lhe serviam em mesa de risos e venenos, como nos festins dos Borgias. Arrancae-lhe do fundo do seio o espirito inquieto, que principia por travessuras, e acaba em ciumes rancorosos: insufflae-lhe lá uma alma nova, pacifica, facil de nutrir-se, parca, e susceptivel de adormecer na paz pôdre de uma amisade burgueza, e estupidamente feliz... Moralistas, quando tiverdes descoberto o processo de encadear o espirito, devereis erguer um cadafalso para os infames voluntarios, que arremessarem a mulher ao abismo.....» [2]

N'essa mesma paixão por Anna Placido, a mais violenta talvez, com ser a ultima, a saciedade veio dentro em pouco, e a vida seguinte, com ciumes, recordações de tempos idos, insultos até a essa mulher em que elle teve ao que se diz uma enfermeira dedicada,—foi toda ella uma expiação cruciantissima. [3]

E' talvez aqui o ensejo de dizer que Camillo, como quasi todos os neurasthenicos, vivia muito do passado, comprazia-se em recordar os mais gravativos incidentes da sua agitada vida de aventuras, e esse facto, junto com a qualidade, morbida tambem, da inconfidencia, constitue o fundo de uma grande parte das suas obras.

[1] «D. João, n'um momento de humor sombrio dizia-me, em Thorn: Ha só vinte variedades de mulheres, e logo que se conhecem duas ou tres de cada variedade, começa o fastio.—Stendhal, *Physiologia do amor*, cap. LIX.»—O auctor conhece vinte e uma variedades.—(Nota de Camillo).

[2] Camillo: *Onde está a felicidade?* 3.ª ed. 1864, p. 174-175.

[3] «A mulher da paixão, que eu, no pavor da minha soledade, pedira ao Senhor;
A mulher que me acorrentou a um cadafalso de supplicios ignominiosos;

Tinha ainda, bem marcada, essa tendencia pathologica para a auto-observação de que quasi sempre a neurasthenia se acompanha, e pena foi que a falta de conhecimentos de psycopathia, o tenha inhibido de dar a esse inquerito de cada instante uma orientação mais proveitosamente scientifica. Se algum medico, amigo de Camillo e já versado na maneira moderna de considerar os males da alma, colheu d'uma observação directa e minuciosa os dados preciosissimos que só uma observação assim nos pode dar, o resultado do seu trabalho ficou occulto; de modo que quem hoje queira conscienciosamente fazer a critica, encontra a cada passo lacunas insuperaveis, abertas a hypotheses sempre vagas pela impossibilidade de as verificar com segurança. Assim, se nem sempre o quadro nosographico nos apparece mais ou menos integro, não é bem porque Camillo deixasse de ser aquillo que em medicina se costuma chamar *um bom caso*, mas porque a documentação de certos symptomas não é tão completa que por si só nos consinta, sem escrupulos, registá-los. De resto, para o estudo perfeito d'um exemplar como Camillo, haveria a pôr em pratica, durante a sua vida, um certo numero de methodos de observação cujos

A mulher que me levou as virtudes da alma e o pudor do coração, quando eu já não tinha lagrimas, que me ella pedisse;
A mulher, a quem a Providencia divina, em sua ira justiceira, atirara aos gryphos do dragão do mundo, contra o qual eu pozera o peito, emquanto o coração teve sangue que expedir;
A mulher que me fez odiar a justiça de Deus, e insultar a providencia dos homens;
Essa mulher morreu.»
(Camillo: *No Bom Jesus do Monte*, 1864, p. 216).

dados seriam d'um valor indiscutivel. Seria mistér recorrer á anthropologia, effectuando as mensurações craneanas, á analyse das urinas, ao hydrophymographo e ao myographo, para o exame do apparelho circulatorio e da emotividade do doente, seria mistér estudar rigorosamente os phenomenos da sensibilidade geral e tambem os orgãos dos sentidos, especialisando no nosso caso o campo visual, e, além de tudo isso, fazer mil outras observações que se tornaria longo e fastidioso enumerar aqui. Mas o facto de faltarem elementos de importancia não poderia nem deveria impedir que eu dirigisse o meu estudo com a unica orientação compativel com o rigor scientifico da critica moderna. Seria improductivo fazer psycologia sã n'um homem como Camillo em quem os stygmas morbidos se accentuam d'um modo tal que ferem mesmo aquelles menos versados em coisas d'essas, e a propria critica litteraria d'uma obra gerada nos periodos exacerbados d'uma nevrose intensa havia por força de sair falsa, convencional, postiça, a debater-se em meio de adjectivos incolores e de afirmações incomprovadas.

N'este capitulo do meu trabalho ficam já registados varios symptomas morbidos que me auxiliarão a fixar d'aqui a pouco um diagnostico provavel: a abulia, as phobias, as obsessões e as impulsões, e irregularidade caracteristica do trabalho, o exagero de todas as sensações, a inconfidencia, as tendencias para recordar o passado e para a auto-observação, os pavores nocturnos e os phenomenos peresthesicos. Citarei ainda as insomnias, [1] as

[1] «Só duas linhas, porque a minha doença me não permitte mais. Ha cinco dias e noites que apenas consegui dor-

vertigens, os estados hypocondricos, a vagabundagem, [1] e tambem as dores nevralgicas, a atonia

mir a somma de seis horas» «A noite passada foi das taes medonhas. Não consegui dormir. Já não descanso sem narcoticos que cada vez mais me desafinam os nervos. As minhas cartas estão sendo para ti, meu filho, um boletim sanitario. Eu sei que em verdade te interessas na minha vida, porque tenho de consciencia que me julgas um dos teus mais affligidos amigos.» «Ha quatro noites que apenas durmo instantes.»

(CAMILLO, *Corr. Epist.* II, p. 32, 47 e 63).

«Se vou para o Porto, com intenção de lá estar 15 dias, apenas lá estou uma noite cruel de insomnia e anciedade de me safar.»

(CAMILLO: Carta á SENNA FREITAS. Ob. cit. p. 139).

[1] A'manhã, volto para o Bom Jesus; mas se me escreveres seja para Famalicão. Não paro. Custa-me a immobilidade». «Já não sei onde hei de estar. Em 15 dias ensaiei quatro paradeiros, uns nas montanhas, outros nas praias. Em toda a parte o tedio, o asco das cousas e das pessoas». «Vim de Vizella hontem, e não sei para onde irei ámanhã».

(CAMILLO: Cartas ao Visconde de Ouguella, log cit., p. 113–114).

Algumas palavras de Camillo interessantes como prova da instabilidade das suas opiniões:

«A deliberação da ida para Lisboa só poderá desfazel-a a gravidade da doença. Eu vivi sempre mal ahi...»

(*Corr. Epist.* II, p. 50).

«Grita-se contra Lisboa; eu quando ahi vou parece-me que bebo saude n'essa atmosphera, tão boa que transforma em oxygenio os gazes do Arrobas».

(Carta a Silva Pinto, Ob. cit. p. 115).

«O Alberto Pimentel tambem foge do Porto? Essa terra é insalubre para todos os que respiram pela alma; e eu a dizer a verdade, em nenhuma outra me dou tão bem, quer do corpo quer do espirito.

(Carta a Alberto Pimentel, *Rom. do Rom.*, p. 277).

«Estive no Porto com a familia uns dias. Vim doente, como se sahisse d'uma cloaca. O Porto tem m... por dentro e por fóra. Lisboa é só por dentro.» «Invejo-lhe a vida

gastro-intestinal, a dispepsia, a surdez, [1] toda a serie longa das perturbações visuaes, manias persecutoria e das grandezas, e ainda certos caracteres que Lombroso e outros auctores attribuem aos homens de genio, taes como a procura constante do termo raro, a perda de senso moral, as desegualdades psychicas, a interpretação mystica dos factos mais simples e o misoneismo. Todos estes ultimos são phenomenos complexos que necessitam d'uma mais detida prova.

de Lisboa. Tenho muitas saudades d'isso tudo, e sei que não torno a ver a minha querida Lisboa».

(Cartas a Silva Pinto. Ob. cit., p. 103 e 106).

Vêr cit. p. 51.

[1] Eu ha dez dias que passo as horas a contorcer-me n'uma nevralgia que já me tem posto diante dos olhos o recurso do suicidio». «Os meus padecimentos voltaram. Estou escrevendo ás seis da manhã. Passei toda a noite com a cara nos vidros á espera do dia. Imagina, meu filho, um espasmo nervoso no esophago que só com muito custo me deixa respirar, e á força de antihistericos. Por cima d'isto o estrondo de uma azenha na cabeça — aquillo que Henry Heine sentia quando escrevia no *Livro de Lazaro*: «No fundo do meu cerebro vae um ruidoso desmancho». Depois a fraqueza que me não deixa ter em pé, e a impossibilidade de estar quieto. Não se póde viver assim». «Antes de hontem reuni aqui tres medicos Não sei o que pensam de mim. O de Braga chama gastralgia á molestia. O de Guimarães tambem. E o das Taipas, que cura ha 60 annos, ainda não sabe o que é». «As noites são as mesmas e atribuladas. Hoje veiu uma sobre-carga de dores nervosas nas pernas que me privam de andar». Estou de cama: perdi ambos os ouvidos: ficaram-me horrendas dôres que me tomam toda a face».

(CAMILLO: *Corr. Epist.* II, p. 16-17, 40, 44, 64 e 96).

«Houtem estive de cama, a curtir um começo de bronchite e a cevar as dôres das pernas com o Pain Killer, uma mixordia americana que me leva a epiderme e me deixa as dôres». Estou na cama com as mesmas dôres de velhice». «Já vê que lhe escrevo na cama, mordido de dô-

Nos seus delirios de megalomano e perseguido, Camillo seguiu o typo classico: é um caso perfeito, posto que notavelmente attenuado. E n'elle se poderia talvez encontrar aquella passagem raciocinada do delirio de perseguições para o de grandezas que alguns alienistas pretendem e outros não menos illustres, como entre nós o dr. Julio de Mattos, se recusam, pelo resultado das suas observações a confirmar. [1] Quando Camillo foi para Lisboa com Anna Placido e a opinião publica, com mui alto

res, e ancioso por isto acabado». «*Fakir* soa como *pobre* nas linguas semiticas. Escrevo-lhe de cama com muitas dôres de olhos e de pernas, como um fakir da peor raça estropiado».

(Cartas a Silva Pinto. Ob. cit., p. 48, 82, 85 e 114).

«Estranhei, pois, que V. Ex.ª me não felicitasse por estar surdo, quasi cego, tropego, com duas nevroses em cada nervo, com duas atonias formadas, uma no estomago, outra no figado e a terceira a principiar no cerebro».

(Carta a D. Maria Amalia. *Bohemia do Espirito*, p. 392).

«Estou quasi paralytico; e quando a atrophia me subir á região peitoral, decerto, e felizmente, acabarei de penar». «Ainda vivo no ultimo acto da decomposição. As pernas já estão na campa; mas ainda as sinto nos estorcegões das nevralgias. Eu esperava isto ha vinte annos, quando experimentei os prodomos da ataxia. Agora já difficilmente me arrasto d'uma cadeira para outra; mas assim mesmo vou até onde póde levar-me uma sege».

(Cartas ao P.ᵉ Senna Freitas. Ob. cit., p. 144 e 147).

«Estou doente como uma enfermaria de San José. Cheguei á prosa da dôr de barriga.» «Sinto-me vivo de nevralgias. Tenho andado por todas as praias do norte, sem tomar um banho; quando soffro até cair, venho para a piedade inutil da familia».

(Camillo. Cartas ao Visconde de Ouguella. Log. cit., p. 112 e 115).

«Eu vim d'ahi, de colica em colica intestinal, até esta ruina gastrica que sou hoje».

(Camillo: *Maria da Fonte*).

[1] Julio de Mattos: *A Loucura*. 1902.

e apropriado sentimento de moralidade, os aggredia, o romancista julgou-se victima de tenebrosos conciliabulos dos amigos de Pinheiro Alves, que contra elle tramavam projectos de assassinio. [1] E' claro que taes projectos não existiam. O marido atraiçoado vivia n'um meio em que essas resoluções violentas só com muito custo poderiam germinar, e, mesmo que a sua dôr fosse tamanha que o allucinasse, os respeitabilissimos amigos que o cercavam, gente conselheiral e ordeira, havia de fazer-lhe escutar a voz da prudencia e da razão. Pinheiro Alves instaurou um processo, metteu os amantes na cadeia e, embora o seu soffrimento fôsse muito e lhe encurtasse uma vida amargurada, o certo é que a isso se cifrou e a isso se deveria cifrar logicamente a exteriorização do seu rancor.

Mais tarde, dizia o sr. Antonio d'Azevedo Castello

[1] «Assim foi que de Lisboa escrevera para o Porto a seguinte carta, que está junta ao processo, e que reputamos completamente infundada nas suspeitas que lhe servem de assumpto:

«Illustrissimo Senhor —V. S.ª e eu reduzimos sua sobrinha á extrema miseria. Ha no crime ainda a possibilidade da virtude. A minha, se alguma me concede, é trabalhar noite e dia para alimental-a e a seu filho. Os projectos de assassinio tramados por V. S.ª contra mim não vingaram no Porto. Se conseguir que elles vinguem em Lisboa, glorie-se V. S.ª de ter quebrado o ultimo esteio d'uma senhora desvalida. Não se espante da liberdade que tomo de escrever lhe. Espero que V. S.ª seja um dia o primeiro a dizer que eu não era tão infame como a sociedade me julga.

De V. S.ª
attento venerador e creado

20 de fevereiro de 1859.

Camillo Castello Branco.»

(Alberto Pimentel: *Os Amores de Camillo*, p. 262-263.)

Branco, n'uma carta a seu primo Nuno, visconde de S. Miguel de Seide, referindo-se a Camillo: «O que eu lhe ouvi foi as palavras em que elle me exorava para dar-lhe o rewolver comprado, dizendo se cercado de pessoas que o odiavam...»[1] E o proprio Camillo, n'um opusculo da questão da Sebenta escreveu: «Afinal, este doutor é mais um dos ignorantes maus da quadrilha formidavel que me sahiu quando eu já ia no fim da estrada, estropiado, amparado ao bordão do caminheiro que vem de uma assás trabalhosa peregrinação»[2], quando, em verdade, se os odios occultos contra elle eram bastantes, a quadrilha que sahiu em linha de ataque estava longe de merecer o epitheto de formidavel que a nevrose de Camillo lhe assacou.

Sabe-se que o grande escriptor teve sempre em grau altissimo a preoccupação nobiliarchica e, averiguado como parece estar que a sua ascendencia se não enfeita com o sangue azul dos pergaminhos, é de concluir uma accentuada megalomania. Essa arvore genealogica, cheia de nomes vistosos, que entra galhardamente e com solemne entono pelas dynastias remotas de Oviedo e de Leão, a que me refiro no começo d'este livro, foi organizada pelo proprio Camillo e veio ter em manuscripto ás mãos do sr. Alberto Pimentel que a publicou no *Romance do Romancista.* Mais tarde, este mesmo auctor, melhor informado, emittiu a opinião de que essa illustre estirpe nada mais fôsse que uma novella de linhagens escripta por Camillo sob a influencia

1 Nuno Castello Branco (Visconde de S. Miguel de Seide) *Protesto contra a supposta filha de Camillo Castello Branco.* 1890.

2 *Notas á Sebenta do dr. Avelino Cesar Callisto.* 1883, p. 15.

do seu delirio dominante.[1] E foi ainda indubitavelmente esse delirio que o levou a acceitar o titulo de visconde que, sob o rotulo d'uma nobreza de brazileiro minhoto, vinha encobrir todo o brilho do seu nome de gloria. Dizem que era uma antiga aspiração sua, satisfeita depois pela influencia d'uns amigos e é ainda o sr. Alberto Pimentel que nos conta a tal respeito este episodio:

«Toda a gente estranhou que elle quizesse trocar o seu nome por um titulo de visconde; só elle não estranhou.
Em Seide disse-lhe eu:
—Se eu fosse ministro, teria introduzido uma innovação no seu titulo, meu querido mestre.
—Qual? perguntou Camillo.
—Agracial-o-hia com o titulo de—visconde Camillo Castello Branco. Assim, a mercê não eclipsaria um nome glorioso, antes lhe seria homenagem.
Camillo não gostou, e respondeu de prompto:
—Correia Botelho são appellidos nobres da minha familia.»[2]

N'uma carta ao visconde de Sanches de Baena, inserta no *Romance do Romancista*,[3] diz Camillo:

«Pelo que respeita a Correias Botelhos, estou plenamente satisfeito, graças ás illucidações prestantissimas de V. Ex.ª O que muito me interessava era saber quem fosse D. Rita Castello Branco, senhora com quem casou o dr. Domingos José Correia Botelho, em Cascaes, sendo ahi juiz de fóra. Os paes d'ella constam da certidão do baptismo que enviei a V. Ex.ª, e o dr. Domingos José Correia Botelho, segundo calculo, casou entre 1760 e 1765. Em Cascaes existe um indigena general reformado, de appellido Castello Branco: pode ser que elle proceda d'essa familia. Conheci uma fi-

[1] Alberto Pimentel: *Os Amores de Camillo*, p. 400.
[2] *Os amores de Camillo*, p 399
[3] p. 21.

lha do dr. Domingos José Correia Botelho que se assignou *Caldeirão*. Porque? Entre os meus papeis manuscriptos ha umas trovas propheticas d'um physico Caldeirão de Cascaes, especie de Bandarra do seculo XVI. Poderemos espiolhar o Caldeirão n'essa familia de Cascaes que ha 50 annos assignava *Castello Branco*?»

Registei em Camillo a constante procura do termo raro, e facil se me torna justificar o asserto. Não ha em toda a litteratura portuguêsa linguagem mais exuberante, mais fornida e ao mesmo tempo mais pura que a d'elle. Mas a grande parte do seu vastissimo vocabulario são termos por elle creados ou feitos reviver d'entre a prosa obsoleta dos cartapacios velhos, de modo que muitas são as paginas da sua obra em que para uma comprehensão litteral o uso d'um diccionario ou d'um elucidario se dispense e rara será aquella em que não encontremos uma palavra nova, derivada sempre segundo a indole e o mecanismo da lingua, para que esta de fórma alguma deixe de ser ainda e sempre o mesmo instrumento autonomo, vivendo á custa dos seus recursos proprios, vernaculo e purissimo. E' claro que se não trata aqui apenas d'uma necessidade urgente de expressão, mas da exigencia d'um temperamento de colorista, n'um homem de genio que possuia como todos a tendencia para a originalidade.

Agora, para provar a falta de senso moral de Camillo eu teria, se quizesse expô-los, alguns factos novos e elucidantes fóra d'aquelles que, mais ou menos deformados pela inimizade e pela calumnia, ainda hoje se citam com apparato quando se pretende denegrir a memoria do homem illustre.

Não houve infamia que lhe não attribuissem,

monstruosidade moral que não servisse para a olhos de idiotas meticulosos diminuir a grandeza do seu genio e o valor colossal da sua obra.

O certo é que Camillo, como nevropatha, tinha desegualdades de caracter por vezes exteriorizadas d'um modo saliente e, assim, de envolta com um ou outro modo de proceder pouco correcto, actos de bondade que francamente o nobilitam. N'uma carta a Silva Pinto escreveu elle: «Os seus *Realismos* deviam ser bem acolhidos; agora com novo prefacio veja lá o que faz. Eu não lhe inculco a pujança dos seus inimigos; advirto-lhe simplesmente que é melhor não os ter, porque a gente de coração normal até mesmo quando fere os adversarios se magôa. Eu sou desgraçado até me entristecer quando firo alguem: prefiro que a retaliação seja cruel para me não ficarem escrupulos.» [1]

Tendo ardido a casa do editor de *Um homem de brios*, Rodrigo d'Oliveira Guimarães, dias depois da publicação d'esse romance, Camillo, condoido da miseria do livreiro não só não acceitou o preço da edição como ainda escreveu o drama *Espinhos e flores*, fê-lo representar no S. João e cedeu todo o producto da recita em favor d'elle. Annos depois, Camillo era insultado no jornal d'esse mesmo homem que tão bizarramente soccorrera.

Em favor d'um velho soldado de D. Miguel, Thomé Cabral, cedeu o romancista uma edição do folheto *O Clero e o sr. Alexandre Herculano*. Tempos depois, o homem foi levar-lhe 40$000 réis, metade do producto liquido da publicação. Camillo não os acceitou e Cabral, sahindo de casa d'elle, com-

[1] Silva Pinto: Ob. cit., p. 52.

prou um bilhete de loteria que foi premiado com vinte contos. [1]

Estava com Camillo no mesmo hotel, na Povoa de Varzim, um mediocre pintor hespanhol que perdeu ao jogo tudo que levava, deixando por fim de pagar á dona da casa. Quando, semanas depois, esta, que era uma tal D. Ernestina, despediu o hospede, á hora do jantar, explicando o motivo por que assim procedia, Camillo levantou se do seu logar e disse:

— A D. Ernestina é injusta. Eu trouxe do Porto cem mil réis que me mandaram entregar a esse senhor e ainda o não tinha feito por esquecimento. Desempenho-me agora da minha missão.

E entregou ao pintor os cem mil réis. Mais tarde, como o artista lhe declarasse que não tinha meios para pagar aquella divida, Camillo encarregou-o, para saldo de contas, de pintar o retrato do filho e do cão, o que o pobre homem fez com toda a impericia notavel que possuia. [2]

O certo é que um homem normal que praticasse acções d'estas não seria capaz de injuriar grosseiramente a mulher que por causa d'elle perdeu a consideração da grande parte, e o desafogo de uma situação social invejavel, fôsse qual fôsse, perante a sua consciencia, o valor moral d'essa mulher, nem tão pouco de ir viver para uma casa que ella tinha conseguido á custa d'esse casamento que, depois, para o seguir, repudiou.

Pouca gente conhece a razão por que o romance *Annos de Prosa* appareceu abruptamente cortado

[1] J. C. Vieira de Castro: Ob. cit., p. 148, 150.

[2] *Primeiro de Janeiro*, de 3 de junho de 1890; A. Pimentel: *O romance do romancista*, p. 369.

no mais emaranhado da acção, com estes periodos finaes que algumas edições posteriores eliminaram:

«Alguma vez verá o leitor que boleus deu toda esta gente com as costumadas voltas do mundo. O livro complementar d'estas biographias ha-de denominar-se Reacção da Poesia. E' o natural seguimento dos Annos de Prosa».

Ora tal *Reacção* não sahiu nunca e o motivo resalta bem contando a historia.

O editor tinha contratado com Camillo a publicação d'uma novella d'um certo numero de paginas e n'essas condições abriu a assignatura. Da quantia do ajuste deveria entregar metade no começo da impressão, tal como fez, e o resto no fim. Camillo em certa altura suspendeu a remessa do original que ia em meio e declarou que a não continuava sem lhe darem o resto do dinheiro, pretensão com a qual a muito custo o editor se conformou, sem que comtudo a remessa do original continuasse. E foi após reiteradas instancias feitas pelo proprietario da edição em todos os termos, que Camillo mandou a metade que faltava... n'uma pagina. Ora tal editor, fallecido recentemente e de quem eu ouvi a narração de toda a historia, tendo-se compromettido a dar um certo numero de paginas aos seus assignantes, resolveu dál-as a todo o transe, fazendo seguir os *Annos de prosa* de dois outros romances traduzidos livremente por um pharmaceutico de Lisboa,[1] com o titulo de *A Gratidão* e *O Arrependimento* e a acção transportada para Portugal. O frontispicio

[1] Henriques Marques: *Bibliographia Camilliana*. Primeira parte. MDCCCXCIV, p. 32.

prestava-se a uma dubia interpretação que a escolha dos locaes da acção — S. Cosme e o Candal — mais avolumava, e alguem que descobriu a traducção não tardou em lançar sobre Camillo o labeu de plagiario. Camillo exigiu do editor uma declaração que elle, com effeito, fez inserir nos jornaes do Porto, redigida cautelosamente em termos que encobriam a fraude do romancista. De bem com a sua consciencia e pensando decerto de si para si que a magnanimidade é virtude que pouco custa, estava o bom do editor, quando Camillo lhe entra pela porta dentro barafustando que lhe exigira a verdade para desfazer uma accusação falsa, mas não lhe pedira que contasse uma historia para desculpar a incorrecção do seu procedimento.

«— O que o senhor deveria ter dito era o seguinte: o sr. Camillo tinha combinado comigo a publicação d'um romance de tantas paginas, recebeu o dinheiro e faltou á sua palavra; e eu então fiz traduzir os outros contos para completar o volume.»

E' possivel que estas palavras não sejam textuaes, mas o facto é authentico com certeza. O proprio editor que m'o contou era um honrado homem incapaz de mentir e que tinha por Camillo uma grande admiração.

Com respeito ás desegualdades psychicas do grande escriptor eu penso que, no decorrer d'este estudo, ellas ficaram já sufficientemente provadas e da interpretação mystica dos factos mais simples, que me cumpre n'este ponto justificar, julgo que bem fundamente deve estar convencido todo o que te-

nha lido a sua obra e muito principalmente aquella que foi escripta no tempo em que a descrença cedeu o passo a um mysticismo que o ia levando á vida de padre e o arrastou ainda á frequencia do seminario. Mas depois mesmo: a loucura do filho (e é claro que isto não entra nos factos mais simples, posto que seja bem dos mais explicaveis) a attribuiu elle a um castigo de Deus, e, no decorrer das suas novellas, essa mesma ideia da intervenção da divindade no destino dos homens se nota a cada passo.

Deter-me-hei pois apenas no misoneismo, antes de entrar no estudo das perturbações visuaes, que deixei para o fim porque seria immethodico separá-las do facto capital de que ellas foram a causa immediata: o suicidio. Já ficou dito que o misoneismo é vulgar nos grandes homens. «Os homens de genio, escreve Lombroso, são como a gente do povo, as creanças e os idiotas, essencialmente misoneistas; possuem uma energia incrivel para recusar as descobertas d'outrem, seja porque a saturação, por assim dizer, dos seus cerebros lhes não permitta novas acquisições, seja porque, possuindo uma grande sensibilidade para as ideias proprias, se não possam impressionar com as dos outros». [1] Camillo foi, sem duvida, misoneista. E se a sua indifferença por coisas de politica nos não deixa facilmente por esse lado colher elementos demonstradores d'essa verdade, os impetos de reaccionario, evidentes nos seus escriptos de doutrina e a opposição, mais ou menos franca, com que recebeu a escola de Coimbra e mais tar-

[1] Ob. cit., p. 35.

de o realismo, são elementos que só de si corroboram bastante a minha afirmação.

E, posto isto, chega o ensejo de me referir ás perturbações visuaes que em Camillo foram crescendo do simples enfraquecimento neurasthenico á amaurose que nos arrasta a um diagnostico mais grave. Foi na cadeia, em 1861, que elle começou a soffrer da vista. N'essa altura, como sempre aconteceu nas variadas manifestações do seu mal, exaggerou, e assim nas *Memorias do Carcere* [1] contando a serie longa dos trabalhos a que consagrou, durante a prisão, a sua actividade, deixou, escripto que tamanho esforço «era de mais para quem não via nada». E o seu biographo Vieira de Castro, com todo o amor rhetorico ás hyperboles e phrases de pompa, apostrophava-o no começo d'uma tirada romanesca: «Dizem-me que estás quasi cego...» [2] Mas volvidos tres annos o incommodo que até ahi não fôra mais que uma pouco pronunciada perturbação neurasthenica que o «horror á doença» de Camillo exaggerou, mostrou progressos, a photophobia appareceu e Camillo poderia então dizer como Daudet, n'uma das suas *Notes sur la vie:* «Mes yeux, trés affaiblis, ont peur de la lumière éblouissante, fermés surtout; le dessus des paupières est d'une sensibilité incroyable. On sait que, dans le demi sommeil, um coup de sonnette est comme um dechirement de l'oreille, où se ramifient tous les nerfs. La trop vive lumiére me cause une impression analogue, affectant les yeux de la même manière». Cerca de dez annos mais tarde, Camillo diz n'uma carta a Vieira de

[1] T. II, p. 125.
[2] J. C. Vieira de Castro: Ob. cit., p. 241.

Castro: «Estou enfraquecidissimo da vista e da cabeça [1] e, tempos depois, n'uma outra carta: «Os olhos não me deixam escrever, filho. Estão afogados em lagrimas, mas olha que são de ophtalmia». [2]

Desde então, a doença caminhou sempre, e, successivamente, as crises de lagrimas, a nevrite optica, a diplopia e a amaurose vieram, em todo o tempo que decorreu desde essa data até ao suicidio, collaborando com as nevralgias, os ruidos nos ouvidos e todos os males do espirito, na formidavel desventura que o prostrava. [3] O velho luctador sentiu-se vencido. E a sua energia doente, a sua

[1] *Corr. Epist.* T. II, p. 55.

[2] Idem, p. 114.

[3] 1875.—«Estou enfraquecidissimo da vista e da cabeça.» (Camillo: *Corr. Epist.* II, p. 55.)

1878.—Agosto—«Não posso ler nem escrever».—Novembro—«Estou com uma conjuntivite ha dois mezes. Agora mal posso encarar a luz artificial». «Continuo a padecer de tudo, e principalmente dos olhos. Tenho de volta de mim 14 luzes, para ver o que te escrevo. Desde que o sol se esconde, estou cego; e não apresento symptomas de amaurose nem de cataratas!...»

(Camillo: Cartas ao Visconde de Ouguella. Log. cit., p. 116 e 115.)

1880.—Janeiro—«Eu mal de tudo e principalmente dos olhos. Vejo só com um para não ver tudo duplicado. Absurdos da optica. Chama-se a isto uma coisa grega».

1881.—Março—«O peior é que lhe escrevo com um dos dois olhos fechados—para não ver duplicado. Um inferno!...»

1881.—Outubro—«Desconfio que vou ficar cego. Ha muitos dias que nem lêr posso».

1882.—Julho—«A luz dos meus pobres olhos creio que se apaga. Ha tres mezes que choram sempre».

(Camillo: Cartas a Silva Pinto. Ob. cit., p. 28, 118, 71 e 115.)

vontade oscillante mas imperiosa ás vezes, os recursos do seu bellissimo espirito, nada podiam contra aquelle novo assomo da desgraça, que lhe vinha roubar impiedosamente o supremo bem de trabalhar. Queria lêr, queria escrever, sobretudo escrever, e não podia.

Uma vez, n'um momento de desanimo, mandou leiloar a preciosa bibliotheca que possuia, desistiu

1885.—Setembro – «Se eu viver em novembro hei-de ver se posso ser apresentado por ti á sciencia ou á caridade d'alguns medicos de Lisboa. O que eu queria, meu querido amigo, era que me dessem a vista que eu tinha ha 4 mezes, para poder trabalhar até morrer. Não me podia ser infligida maior tortura que isto de não poder escrever sem grande mortificação».

(Camillo: Carta a Thomaz Ribeiro, inserta nos *Amores de Camillo*, p. 418.)

1886.—«Ha dois mezes que não escrevo nem leio por falta de vista. O menor esforço produz-me vertigens. Suspendi todos os meus trabalhos. Concorreu muito para esta perversão nervosa o estado do meu pobre Jorge».

1887.—Março—«Depois veiu um periodo de quasi cegueira; e agora com muita difficuldade e quasi em trevas lhe escrevo».

(Camillo: Cartas a Alberto Pimentel. *Rom. do rom.*, p. 289 e 290.)

1887.—Abril—«Estou quasi cego, porque algumas horas de escripta me cegaram a circumferencia da iris, de modo que apenas vejo um circulo mais estreito que este papel. Todas as minhas infelicidades do corpo e da alma eram delicias antes de eu sentir esta suprema desgraça. Se isto progredir resolverei depressa a crise»

(Camillo: Carta a Ouguella. Log. cit. p. 119.)

1890.—Abril Em coisas de letras deve fallar-se de mim como se falla de um escriptor morto. Logo que eu acceitei do Estado uma pensão é que eu não podia trabalhar e manter a minha laboriosa independencia de quarenta annos. Ceguei na lucta, e fiquei vencido. Sirva isto de exemplo a muitos escriptores».

(Camillo: Carta a Oliveira Ramos.)

de todas as investigações historicas a que se entregava nos ultimos tempos—e poz-se a fazer versos. N'um soneto ao filho doido, escreveu isto:

«Nem goso nem paixão te altera a vida!
Eu choro sem remedio a luz perdida...
Bem mais feliz és tu, que vês o sol».

E n'um outro:

«E eu que tanto carpia os condemnados,
Os cegos—os supremos desgraçados!
Já lagrimas não tenho para mim! [1]

Augmentaram as impaciencias da sua vida errante. E começou a consultar medicos de toda a parte. Escrevia ao padre Sebastião a pedir-lhe os Padres-Nossos dos pequenos [2] e recorria a tudo, e acreditava em tudo... até na medicina.

Dez dias antes de morrer, dirigiu ao medico especialista de doenças dos olhos dr. Edmundo Ma-

[1] Camillo: *Nas trevas*, 1890.

[2] «Commovido até ás lagrimas ouvi lêr a sua carta. Senti fazer-se a luz da esperança na minha alma em trevas; mas, considerando-me indigno das suas preces e da Misericordia Divina, a escuridão da alma volveu ao estado em que se acham os meus pobres olhos. Entretanto espero que as orações de v. ex.ª e dos seus innocentes protegidos consigam aligeirar a minha agonia de modo que a morte me seja menos tormentosa. Deus Nosso Senhor lhe dê saude para amparo de outros infelizes a quem v. ex.ª ensina o caminho do trabalho e da virtude». «Cresce o meu agradecimento quando vejo que v. ex.ª recorre ao poder divino para que se opere o milagre que a sciencia não fez nem poderá fazer. Eu tenho muita confiança nas suas preces, acompanhadas da voz innocente dos seus filhos adoptivos, cuja alma v. ex.ª regenerou».

(Camillo: Cartas dirigidas em Setembro de 88 ao padre Sebastião de Vasconcellos e transcriptas no *Rom do rom.* p. 292.)

galhães Machado, esta carta, que é um dos mais extraordinarios documentos da dôr que tenho visto escriptos:

«Ill.mo e Ex.mo Sr.

Sou o cadaver representante de um nome que teve alguma reputação gloriosa n'este paiz, durante 40 annos de trabalho.

Chamo-me Camillo Castello Branco e estou cego.

Ainda ha quinze dias podia ver cingir-se a um dedo das minhas mãos uma flammula escarlate. Depois, sobreveiu uma forte ophthalmia que me alastrou as corneas de tarjas sanguineas.

Ha poucas horas ouvi lêr no *Commercio do Porto* o nome de V. Ex.a Senti na alma uma extraordinaria vibração de esperança.

Poderá V. Ex.a salvar me? Se eu pudesse, se uma quasi paralysia me não tivesse acorrentado a uma cadeira, iria procural-o. Não posso. Mas poderá V. Ex.a dizer-me o que devo esperar d'esta irrupção sanguinea n'uns olhos em que não havia até ha pouco uma gota de sangue?

Digne-se V. Ex.a perdoar á infelicidade estas perguntas feitas tão sem cerimonia por um homem que não conhece.»

E em 26 de Maio ainda esta outra carta a Mello Freitas:

«Ex.mo Sr. Joaquim de Mello Freitas:

Em tempos relativamente felizes me deu V. Ex.a a honra das suas relações. Hoje que a minha desgraça é enorme, recordo-me do seu nome, da sua intelligencia e do seu coração para vir pedir-lhe um favor.

Escrevi ao Dr. Magalhães Machado, patricio de V. Ex.a, ácerca da minha cegueira, na esperança de que elle pudesse operar o milagre de me restituir não a vista que tive, mas a bastante para me descondensar a treva que haverá dois mezes se fez completa nos meus olhos. O Dr. Magalhães Machado respondeu me de modo que me deixou sentir a delicadeza do seu espirito e a sua commiseração pelos meus padecimentos. S. Ex.a pedia me um relatorio da minha doença; ella porém é tão complicada e variada no

transcurso de 40 annos, que eu só interrogado por um medico, poderia responder e esclarecer satisfactoriamente ao exame.

Disse-me S. Ex.ª que sendo curavel a minha enfermidade, eu iria tratae-me em Aveiro. Seria para mim, n'esta conjunctura, suprema felicidade, ir para Aveiro na esperança de ser curado; isso porém só eu poderia practical-o, no estado de postração em que me encontro, se o senhor doutor depois de me visitar em S. Miguel de Seide, achasse possivel a minha cura.

Elle fez-me sentir a impossibilidade actual de abandonar os seus clientes para se encarregar de um doente tão affastado e carecido da presença do medico e tratamento vagaroso. Mas se a visita que eu peço ao medico é só uma e decisiva, quer para o tratamento, quer para o abandono da molestia incuravel, essa visita poderá talvez o senhor doutor prestar-m'a sacrificando-se ao mais infeliz dos doentes que se teem socorrido de S. Ex.ª

No caso feliz de que V. Ex.ª podesse movel-o e commovel-o a vir a S. Miguel de Seide, teria V. Ex.ª a bondade de me prevenir do estipendio com que me cumpre remunerar tão trabalhosa jornada em que além do caminho de ferro ha uma legua de mau caminho, comquanto se faça de carruagem desde Famalicão até Seide.

Estou certissimo de que V. Ex.ª dará toda a consideração a esta carta dictada por um cego, e na volta do correio, se fôr possivel, me dará a resposta que me levante d'este desalento que me vae levando ao suicidio, se a Divina Providencia me não deixar morrer como em geral morrem os felizes e os desgraçados.

De V. Ex.ª admirador affectivo e muito obrigado,

Camillo Castello Branco.

«Fui logo procurar o dr. Edmundo Magalhães,—conta Mello Freitas no artigo d'onde transcrevi as duas cartas [1]—pedindo-lhe com instancia que fosse visitar Camillo Castello Branco, o que elle me prometteu fazer dentro d'aquella semana.

Respondi ao grande romancista, dando-lhe parte do que succedera.

[1] Mello Freitas: *Camillo Castello Branco.* (Para a historia dos seus ultimos dias). No n.º 6 da *Revista Illustrada* —30 de junho de 1890.

A impaciencia de Camilio manifesta-se no telegramma que recebi a 28 do alludido mez :

Peço favor avise chegada Dr. para mandar carro estação.

Enderecei-lhe segunda carta communicando-lhe a boa noticia de que no domingo ás 11 horas da manhã o dr. Edmundo Magalhães estaria em Villa Nova de Famalicão, e reiterava-lhe os meus votos de felicidade e profunda estima.

No dia 30 recebi outro telegramma; cujo texto é o seguinte:

Bem haja pelas suas cartas.

Afinal, em 1 de junho, a visita fez-se; e como o dr. Machado, depois de detido exame, puzesse de parte a ideia primeiro aventada d'um tratamento em Aveiro e aconselhasse o doente a ir algum tempo para o Gerez, onde, em outros ares, colheria de certo algum allivio, Camillo comprehendendo n'essas meias palavras consoladoras a sua condemnação irrevogavel, insistiu com a esposa para que acompanhasse o medico até ao pateo e, ficando só, matou-se.

E isso afinal não era era mais que a realização, um pouco tardia, d'um projecto que desde cedo começou a germinar no seu espirito. E se tardia ella foi como eu digo, lance-se isso em conta d'aquella indecisão — *mille ritegni nell'eseguire* — de que fala o Leopardi. O suicidio é vulgar nos nevropathas, como de resto o é em todos os que soffrem de certas molestias sem cura. Mas nos casos de perversão nervosa todo o raciocinio se torce n'uma feição doentia, e quando as esperanças de melhora vão morrendo de desillusão em desillusão e a psychialgia tortura, a cada passo exacerbada, o

doente resolve morrer. Se é um neurasthenico, um doente da vontade, nem sempre consegue reunir o *quantum* de energia necessario para executar a sua resolução e ou não a executa nunca ou vae levando, entre uma variedade de considerações dilatorias, mezes e annos, a *encher-se de razão.*[1] Passa esse tempo todo a convencer-se, n'uma auto-catechese lenta, cheia de minucia, laboriosa, destruindo um a um todos os argumentos que no seu espirito se vão oppondo á ideia dominante. Se é um crente, procura justificar a morte violenta dentro dos principios religiosos que professa, se se lembra do que dirão os outros, argumenta que o suicidio não é uma cobardia, mas o recurso ultimo e legitimo dos que tem sobre os hombros o peso da desgraça. Tal é o caso de Camillo.

Eu já fallei da tentativa de suicidio romantico com os grãos d'opio, a poesia de despedida e as libras em cima da mesa para afastar a razão materialona da falta de dinheiro, e a palavra suicidio por vezes tem apparecido nas citações que até esta altura tenho feito dos seus livros. A referencia de resto é vulgarissima, a cada passo se encontra, e, segundo a afirmação de Sousa Martins, as tentativas de execução foram mais repetidas do que se pensa: «...antes do tiro decisivo, no decurso de annos, mais de cem vezes—4 ou 5 á minha vista—sacou do revolver, que, a meio da cabeça, pendia da mão paralysada pelos instinctos conservadores».[2] São do *Livro de Consolação* estas palavras:

[1] A phrase é de Sousa Martins na referencia a um caso identico.

[2] Sousa Martins: Ob. cit.—p. 304.

«Aturdido pela apostrophe e coberto de lagrimas, Eduardo ajoelhou, referindo os infortunios que o levaram por necessidade e gratidão a servir o seu libertador. Com o soccorro da mãe compadecida, conseguiu commover o velho até ao extremo de prometter-lhe não o denunciar á justiça, com a clausula de que iria sumir-se nas Alturas de Barroso em casa de parentes. Foi; mas poucos dias permaneceu na Soledade agra de uma serrania onde o desejo de morrer o debruçava sobre os despenhadeiros, implorando á sua desgraça a coragem do suicidio. A coragem! Porque não hei de, acostado a moralistas de grande tomo, chamar-lhe antes cobardia? E' porque ha mister enorme coração quem dentro d'elle se abre um tumulo. E' porque vae esforçada valentia n'isto de um infeliz se anniquilar com a certeza de que em vez de lagrimas, lhe pesará sobre a memoria a censura dos felizes, o horror dos espiritualistas catholicos, e a nota da demència—suprema injuria a essas pobres almas que a divina justiça não mandaria ás penas eternas sem lhes descontar os terribilissimos paroxismos, aquelle tormentoso debaterem-se nas prezas da desgraça, aquelle relance d'olhos ao céo e o grito d'alma n'esta dilacerante pergunta: «Quando te pedi eu a vida, ó Creador?»[1]

Tambem, n'um dos artigos publicados em folhas catholicas, nos seus tempos de mysticismo, Camillo disse: «Não chamem ao suicidio o resultado d'uma demencia. O homem que se mata é responsavel da sua morte: é arbitro d'aquelle ferro que empunha, d'aquelle braço que ergue e d'aquelle sangue que derrama.[2]

Nunca se escreveu falsidade maior, e n'esse mesmo artigo vem um dos argumentos que, se valesse a pena, lhe serviria de irrespondivel contradicta. E' quando, depois de muitas citações, tendentes a demonstrar o seu asserto, Camillo quer fulminar os incredulos com esta ultima prova:

[1] CAMILLO: *Livro de Consolação*, 8.ª edição, 1900, p. 38,
[2] CAMILLO: *Horas de Paz*, v. I, p. 33.

«Poderá alguem suspeitar demencia em Napoleão? E, comtudo, este seguro pensador tres vezes attentou contra a sua existencia.» [1] Mal pensava Camillo que, annos volvidos, toda a gente saberia que o grande imperador foi declarada e provavadamente um epileptico.

No livro *Horas de lucta*, colligido por Freitas Fortuna, vêm alguns pensamentos de Camillo sobre o suicidio, escriptos em Abril de 88. Transcrevo-os:

«A vida dos desgraçados irremediaveis seria um perfido escarneo do Creador se o suicidio lhe fosse defeso.

«Quando confronto a minha covardia com as tentações redemptoras do suicidio, então comprehendo a grandeza d'animo dos que se matam.

«Invectivar de covarde o suicida é escarrar na fronte d'um morto. Não se pode ser mais cruel nem mais infame.

«Um dos canticos do *Inferno* de Dante é um poema de lagrimas. São os suicidas que passam gementes.

«Se a alma do suicida podesse subir á presença de Deus, a divina Magestade esconderia a face envergonhada ou condoida da sua obra; porque o suicida lhe diria como Job: «Porque me tirastes do ventre materno?»—*Quare de vulva eduxisti-me?*...» [2]

N'uma carta a Freitas Fortuna, inserta nas notas aos *Delictos da Mocidade:*

«Pergunta-me o meu amigo: Chegado a esse extremo de extraordinario soffrimento, porque te não matas? — Respondo:—Não posso; Deus não quer.» [3]

E n'uma carta ao Visconde de Ouguella:

«Passo mal, não paro. As noites são intoleraveis. Se eu

[1] CAMILLO: *Horas de Paz*, v. I, p. 39.
[2] *Horas de lucta*, p 32.
[3] *Delictos da Mocidade*, 1889, p. 228.

fosse só, como devia ser se tivesse juizo, já tinha resolvido isto summariamente. [1]

Sempre um pretexto: uma vez a fé em Deus, outra os deveres da familia e, em ambas ellas, fundamentalmente, a mesma indecisão do neurasthenico que se prende á menor ideia, ao menor facto que lhe forneça uma explicação plausivel. Mas a preoccupação de sempre, [2] retrahindo-se um instante para irromper depois mais violenta, caminhando para a fatalidade d'um destino, creando forças novas a cada passo andado, accelerando-se com um incidente, por vezes futil, mas caminhando sempre, mas continuamente progredindo. «A premeditação mede-se por dias, por mezes, por annos até, escreveu Sousa Martins; [3] haja vista o, por isso celebre H. Cousteux, que em 1863 se suicidou em Castellamare, decepando a cabeça n'uma guilhotina por suas proprias mãos construida, dia a dia, durante o longo periodo de dois annos.»

E' um facto, conclusão natural do que está dito, que o suicidio é vulgar nos grandes homens, mas d'entre os grandes homens é nos escriptores que elle colhe em maior parte as suas victimas. A lista é longa e seria ocioso transladá-la dos livros de sciencia que a divulgam, mas basta que se diga que uma estatistica italiana informa que n'esse paiz a proporção de suicidas litteratos por um milhão é de 619, emquanto a dos professores primarios, que

[1] Log. cit., p. 116.
[2] «O suicidio é-me ideia tão habitual que já nem poesia nem grandeza tem para mim».
(Camillo: *Memorias do Carcere*, I, p. XLIII).
[3] Ob. cit. p. 300-301.

mais se lhe approxima é 355,3 apenas, a dos commerciantes 272, a dos moços de fretes 36, dos industriaes 80 e dos padres 53. [1] Geralmente os que exercem profissões liberaes suicidam-se com armas de fogo e os suicidas por armas de fogo visam na maior parte dos casos a cabeça. [2] «Sempre o tempo quente foi o mais propicio aos suicidas.» [3]

Foi n'uma tarde de Junho que, depois d'uma desillusão mais forte, Camillo Castello Branco, empunhando com a mão direita o revolver e segurando-o com a esquerda para que a pontaria não falhasse no ultimo momento, perfurou o parietal direito com uma bala que, atravessando o encephalo, foi bater contra o parietal do lado opposto. Soffreu ainda duas horas, já sem fala. E, como não fosse possivel encontrar por alli perto um padre que lhe viesse prestar os ultimos soccorros religiosos, sem elles acabou de morrer tragicamente esse homem de genio que a desgraça acompanhou passo a passo a vida inteira.

*

*   *

Até aqui, os factos. Cumpre, para que toda esta longa exposição não fique esteril, classificá-los, fazendo um trabalho de synthese que permitta chegar ás conclusões geraes que nos interessam.

Está sabido que Camillo foi um nevropatha e por concluso se póde ter, tambem, que a essa maneira de ser doentia anda adstricta toda a primacial grandeza do seu genio.

[1] Mosseli: *Del Suicidio*; 1882; Légott: *Le Suicide*, 1881 Lombroso: Ob. cit., p. 71.

[2] Sousa Martins: Ob. cit., p. 308.

[3] Idem.

Eu bem sei que sobre as relações do genio com a pathologia nervosa a sciencia não disse ainda a sua ultima palavra. Porque tendo-se como uma verdade incontestavel a coincidencia da superioridade intellectual com a nevrose, um problema se propõe ainda ao nosso espirito:

—E' o genio um effeito da nevrose e consequentemente uma fórma morbida especial, caracteristica?

—E' antes a nevrose a resultante do genio, pelo uso excessivo de certas cellulas nervosas?

—Ou então o genio e a nevrose são as confinantes parallelas d'uma construcção mental anormalissima?

Ainda ha pouco a questão foi posta n'estes termos n'um notavel estudo medico-psycologico em que o auctor conclue com estas palavras que resumem todo o seu modo de considerar o problema:

«Applicando ao espirito a lei da evolução, vem-se a considerar o genio como a realização antecipada d'um typo superior de humanidade ou de intelligencia que não apparecerá, normal e adaptado a uma existencia nova, senão n'um estado ulterior de evolução. A doença resulta da inadaptação do genio ás condições actuaes que só permitem um imperfeito esboço d'esse typo futuro de humanidade.» [1]

E' afinal o desenvolvimento da conhecida phrase de Gœthe: «O genio não é do seu tempo senão pelos defeitos».

Diga-se em verdade que o problema é complexo e quasi impossivel de resolver satisfatoriamente no estado actual dos conhecimentos scientificos. Moreau de Tours considera o genio como uma

1 Gaston Loygue: Ob. cit., p. 181

nevrose sem fórma determinada. Lombroso afirma-a de natureza epileptica e, depois de lêrmos um e outro, occorre-nos uma observação: E' que a duvida nasce da ignorancia em que estamos d'essas nevroses com que queremos relacionar o genio, levados por factos positivos que realmente impressionam. Entrar na destrinça das psyconevroses para ver em qual d'ellas o genio melhormente se intégra, é transpôr os limites d'um campo vago de incerteza.

Não nos illudamos: depois de milhares de observações e centenas de volumes, a psychiatria está ainda metade por fazer, e não é sem razão que Sergi escreveu no seu livro sobre as emoções: Eu penso que em psychiatria existe ainda a convenção e existirá até que a psycologia normal faça um progresso mais accentuado nas relações da base physica com os phenomenos mentaes. [1] Lombroso é um homem de sciencia notabilissimo, e o seu livro sobre o genio vale muito, mas julgo não errar afirmando que poucos logrou convencer com a sua theoria. O seu trabalho é uma coordenação de anecdotas interessantes, mais ou menos comprovadas, mais ou menos deturpadas pela tradição que as foi trazendo; e, embora a essas historias avulsas se procurasse aplicar com toda a boa vontade o melhor dos criterios, parece-me que arrancar-lhes uma theoria é um arrojo que extravasa um pouco dos methodos rigorosos que á sciencia competem. Lembram-me a proposito as palavras de Julio Dantas, illustre escriptor e medico tambem, no seu livro sobre *Pintores e Poetas de Rilhafolles*:

1 S. Sergi: *Les Émotions*, 1901, p. 282.

«*O morbus sacer*, nevrose banalissima a que se quiz vestir o pontifical do genio, nada de valioso produz sob o ponto de vista d'arte. Entre tantos epilepticos que tem Rilhafolles, nem um genio só, sendo a epilepsia o ventre creador dos genios! E que admira, se todo o comicial o é *ab-ovo*, terreno maldito para toda a raça de educação, se a grande massa dos «sagrados» são verdadeiros debeis, e se a decadencia intellectual, no *morbus sacer*, é uma verdade clinica que fere todos os observadores? Recorrendo á documentação d'este trabalho, encontramos a fina flôr das obras d'arte que nos tem dado, nos ultimos tempos, a população epileptica de Rilhafolles: incoherencias, predilecção pelas fórmas externas do culto, religiosidade excessiva e hypocrita, symetria, cacochromia e abuso d'oiro nos documentos picturaes, figuras desbragadas e escurrilidades torpes d'envolta com imagens devotas e latins de ritual, tendencias para a figuração de animaes fabulosos, — nos documentos escriptos, os offertorios de feitio bájulo e meloso, os diminuitivos constantes, os caracteristicos «vossa excellentissima, vossa reverendissima», e, por derradeiro, ainda nas menos toscas manifestações d'arte, a affirmação d'uma inteira invalidade psychica. Se o mal sagrado fosse realmente o grande seio creador do genio, como Rilhafolles se desentranharia em luminosas creações, em estupendas riquezas plasticas e imaginativas, e como estaria deslocada, lá em baixo, nos muros fradescos de S. Francisco, a nossa beata academia de Bellas Artes!» [1]

A opinião de Moreau, com o ser mais vaga, parece-me ainda a mais acceitavel. O genio anda adstricto, ou se quizerem mesmo, na dependencia de manifestações doentias do systema nervoso. Se essas manifestações revestem uma feição propria e caracteristica, ou entram no quadro symptomatico d'alguma das nevroses que conhecemos, é que se torna difficil responder, pela razão já dita, de que essas nevroses, classificadas um pouco arbitraria-

[1] Julio Dantas: *Pintores e Poetas de Rilhafolles*, 1900, p. 45-46.

mente, não nos apresentam os limites precisos para podermos isolá-las e cotejar com ellas, uma a uma, as manifestações morbidas do genio. Mesmo entre o estado que chamamos normal e a loucura ha uma transição insensivel. Diz um livro recente:

«E' impossivel fazer dos estados pathologicos de espirito, entidades morbidas, classifical-as, segundo a sua symptomologia, em compartimentos nitidamente separados uns dos outros. Ha, ao contrario, uma fusão de tintas, como n'um esbatido photographico que passa do branco brilhante ao negro mais retinto. Nenhum de nós póde ter a pretensão de tomar logar n'essa zona de branco que representa a saude ideal, inaccessivel; estamos todos no branco apagado, no cinzento claro. O nevrotico que nos consulta póde estar tranquillo: não está tão longe de nós como imagina. Estendamos-lhe a mão, a esse pobre doente, não receiemos confessar-lhe sinceramente as nossas fraquezas, as nossas taras innatas: approximemo-nos d'elle». [1]

O que é a neurasthenia de que tanto se fala e de que tão pouco se entende? O facto é que nós, os sãos, estamos juntos d'ella e ella vae até bem longe. De modo que ha quem a colloque n'esse branco sujo de que fala Dubois e ha tambem quem a ponha ameaçadoramente nas fronteiras da loucura. Depois, quando a nevrose é simples e quadra mais ou menos rigorosamente n'um dos modelos conhecidos, ainda o caso se facilita; mas eu estou em crer que essas fórmas simples são raras. A propria neurasthenia, estado morbido tão vasto, d'uma elasticidade tamanha, pau para toda a colher, doença para todos os symptomas, tem de clinicamente acceitar fusões já com a hysteria, já

[1] Dubois: *Les Psychonévroses et leur traitement moral*, 1904, p. 184.

com outras nevroses. E, assim por deante, ahi temos nós essas nevroses a cruzarem-se, a fundirem-se, a mascarar caracteres proprios acolhendo os alheios, acoitando-se não já sómente sob psycoses diversas, mas ainda sob as doenças organicas do cerebro, do bolbo e da medulla, a formar um conjuncto de novos symptomas que, emancipando-se, nos definem a cada passo estados morbidos autonomos! Não se trata aqui de adjuncções, como alguem pretende, mas muito nitidamente de associações morbidas.

N'uma revista scientifica franceza [1] ainda ha pouco os medicos Ernest Dupré e Leopold Levi, apresentaram um caso de delirio hypocondriaco de zoopathia interna, segundo a denominação por elles escolhida, n'um debil tabetico, hysterico e gastropatha. Concebe-se que, d'esta maneira, se clinicamente o diagnostico é difficil, para especulações theoricas d'uma outra ordem, é pouco seguro contar com elle. Mesmo uma estatistica que, com toda a possivel certeza, nos viesse dizer a nevrose especial de cada homem de genio, correria ainda o risco de conduzir a conclusões pouco exactas.

Isso nos decidiria de prompto a inclinarmo-nos para a maneira de ver de Moreau de Tours, embora não a acceitando integralmente tal como é, se não houvesse ainda a considerar a legitimidade da opinião de Gaston Loygue, já anteriormente condensada nos periodos transcriptos da sua obra. Entende esse esclarecido auctor que a nevrose nos genios é uma resultante da inadaptação ao meio de typos moldados para a existencia n'uma epoca futura da evolução da especie humana. Por conse-

[1] *Revue neurologique*. 30 de setembro de 1903.

quencia, segundo o seu modo de ver, a creatura que apparece dotada de genio realiza um typo mais perfeito de humanidade e, como n'esse caso se não adapta ás condições ambientes, torna-se presa de estados morbidos mais ou menos accentuados. E' um nevropatha porque é um inadaptado, é um inadaptado porque é um genio, é consequentemente um nevropatha porque é um genio.

Mas se está, por pormenores de interpretação, sujeito a controversia o facto das relações da superioridade intellectual com as nevroses, o mesmo não succede com esse outro facto comprovadissimo da ancestralidade nevropathica dos homens de genio; e de tal modo o individuo n'essas condições é por via de regra, mercê da fatalidade da herança, um nevropatha, antes ainda de ser um genio. Seria em qualquer caso um tarado e poderia dar n'um neurasthenico, n'um epileptico, n'um histerico... mesmo usofruindo um restricto desenvolvimento de intelligencia. Já aqui a afirmação do medico francês claudica. Poderá o genio não derivar da doença nervosa, mas o que é positivo é que a doença nervosa não resulta do genio, pela razão comesinha de que mesmo sem elle existiria.

O que me parece dever concluir-se diverge um pouco. Nos homens de genio tem-se diagnosticado exemplares de quasi toda a serie da pathologia nervosa e simplesmente se observam alguns caracteres communs a quasi todos taes como o misoneismo e a vaidade. D'ahi, nada me impede de considerar o genio como **um symptoma, muito pouco vulgar, que acompanha no quadro nosographico uma nevrose**. Tal legitimamente o considero, sem comtudo dar a essa maneira de ver, aliás bem simples e bem natural, a pretensão

pedante d'uma verdade scientifica. E tal o considerando, e restringindo todo o raciocinio anterior ao caso que me interessa, resta dizer qual a forma de nevrose que em Camillo se manifestou por toda a serie dos phenomenos morbidos já largamente enunciados *e pelo genio.*

Segundo Charcot, «as nevroses resultam de dois factores: um essencial e invariavel: a hereditariedade nevropathica; o outro, contigente e polymorpho: os agentes provocadores» havendo ainda a juntar á hereditariedade nevropathica os factores congenitaes, adquiridos na vida fetal, que a excessiva concisão d'aquella formula exclue.

Quanto ao primeiro factor, essencial e invariavel, é notorio como em Camillo elle influiu. Eu penso que difficilmente se encontrará estirpe mais opulenta para a guarda avançada d'um caso esplendido de genio. E pelo que se refere aos factores adquiridos na vida fetal, basta recordar as primeiras palavras d'este capitulo: «Camillo Castello Branco foi gerado no periodo mais intenso d'um amor violento...»

Citar agora, um a um os agentes provocadores seria repetir o que está dito, contar de novo toda essa biographia accidentada, essa vida errante, de paixão e de amargura que n'um periodo d'uma carta ao visconde de Ouguella, o proprio romancista synthetizou precisamente: «Eu, que não conheci minha mãe, e aos dez annos já não tinha pae, vê tu que mocidade tive, e como toda a minha vida se havia de sentir da esterilidade de emoções, com que passei a juventude.»[1]

Os symptomas morbidos observados em Camillo

[1] Log. cit., p. 7.

podem dividir-se em três grupos, pouco nitidamente separados muito embora pelas razões apontadas, segundo a doença mais ou menos autonoma que denunciam.

Não sei se disse ainda que Camillo era um *galeati*, segundo a expressão de Charcot, e esse capacete de ferro pesando-lhe constantemente sobre o craneo, e a insomnia, a dyspepsia, a hyperacusia, as nevralgias, a irregularidade do trabalho, a excitação pathologica á auto-observação, a tendencia para a recordação frequente de coisas passadas, a vagabundagem, a abulia, as obsessões, as impulsões, as phobias e mesmo as primeiras perturbações visuaes, pertencem, a meu ver, a essa forma neurasthenica, a mais grave, que Gilles de La Tourette denominou — neurasthenia hereditaria ou constitucional.

As dôres fulgurantes, os silvos nos ouvidos, a surdez, a ataxia e as perturbações visuaes mais avançadas, taes como a epiphora, a dyplopia, a amblyopia, a nevrite optica, a immobilidade da pupilla e a amaurose, devem filiar-se, segundo penso, n'uma doença organica do systema nervoso—*o tabes*, na sua fórma clinica cerebro-bulbar.

As manias de perseguição e de grandezas, ictus, egoismo, irritabilidade, falta de senso moral, pertencem talvez a uma psycose do tabes que alguns auctores attribuem á paralysia geral coexistente.

A paralysia geral é mesmo considerada por medicos illustres, como Raymont, Pierre Marie, Gilbert Ballet, Joffroy, Rendu, Remond e Clavelier como a expressão clinica d'uma localisação differente do processus da doença de Duchenne. Pelo que respeita á neurasthenia eu ponho de parte a ideia d'um erro de diagnostico resultante dos sympto-

mas neurasthenicos que muitas vezes, na opinião d'alguns auctores, acompanham o tabes incipiente. Eu penso que quasi sempre é bem a neurasthenia que existe como bom terreno acolhedor de todos os males do corpo e do espirito, e no caso de Camillo os symptomas são tão completos e precisos que não nos póde restar a sombra d'uma duvida.

Com o tabes já o caso é outro: o quadro nosographico está longe de ser completo. Mas os factos esclarecem-nos que o tabes cerebro-bulbar se manifesta quasi exclusivamente por perturbações visuaes e auditivas, [1] que aos tabeticos cuja affecção começa por attingir o neurone optico acontece parar na evolução [2] que não ha tabetico que apresente todos os symptomas attribuidos a essa doença, [3] que nada mais exacto que a phrase de Marie, affirmando que clinicamente não existem dois tabeticos que se pareçam.

O dr. André Léri, no congresso de medicos alienistas e neurologistas de França e dos paizes de lingua francêsa, realizado em Pau, em agosto de 1904, apresentou uma communicação sobre as relações da cegueira com a paralysia geral e o tabes. Entre outras afirmações que menos directamente nos interessam, concluiu que a cegueira é rara no tabes confirmado, com grandes symptomas; e só frequente no tabes com symptomas minimos de lesão dos cordões posteriores, que a cegueira, quando vem, é geralmente antes da maior parte dos symptomas tabeticos; que a affecção a que se dá o nome de *tabes com cegueira* é cara-

[1] Maurice de Fleury: *Manuel pour l'etude des maladies du système nerveux*, 1904, p. 285.
[2] Virés: Ob. cit.. p. 358.
[3] Fleury: Ob. cit., p. 234.

cterizada por uma atrophia pupillar de evolução rapida, acompanhada frequentemente, não só de perturbações tabeticas minimas, mas tambem de perturbações mentaes minimas, em tudo analogas ás do começo da paralysia geral; e que a cegueira dita tabetica, poderia ser tambem considerada como uma cegueira paralytica, se as perturbações mentaes minimas da meningo-encephalite diffusa ligeira tivessem na nosographia a mesma importancia que as perturbações physicas e funccionaes minimas da méningo-myélite spinal posterior ligeira; e que o tabes, a paralysia geral e a amaurose tabetica representam simplesmente tres localisações d'um mesmo processus, talvez de origem syphilitica terciaria, que pódem associar-se ou ficar mais ou menos completamente isoladas. Além d'isso, anatomicamente, disse ainda o mesmo congressista, a atrophia optica do tabes, é semelhante á da paralysia geral; trata-se da atrophia secundaria em lesões de meningite e de nevrite intersticial com ponto de partida vascular (endo e peri arterite e phlebite). [1]

N'um livro sem responsabilidades scientificas, *Penseurs et savants*, assignado pelo dr. Gélineau, afirma este medico que só encontrou entre os pensadores um exemplo de tabes, em Aubryet. [2] Mas já Pierret, na sua memoria *Sur la pathogenie du tabes*, apresentada ao congresso de Moscow, em 97, nos diz que: «A sensibilidade é muito grande nos futuros tabeticos. Romancistas, artistas, homens politicos, artifices muito bem dotados, são sensitivos».

[1] *Journal de Neurologie*, 5 de Outubro de 1904, p. 378.
[2] Gélineau: *Penseurs et savants*, 1904, p. 190.

Fournier pretende que o tabes é sempre de origem syphilitica. Charcot inclina-se mais para a perversão nervosa. Grasset relaciona-o com uma doença mais geral que se póde chamar a sclerose multipla disseminada. [1] O que é fóra de duvida é que o tabes suppõe um terreno anteriormente preparado, perturbado, diminuido nas suas reacções, viciado, degenerado, sendo essa degenerescencia funcção da hereditariedade e traduzindo-se por essa sensibilidade excessiva, doentia, anormal, que caracteriza os predispostos. [1]

Quanto ao papel etiologico da siphylis, pode-se dizer que a opinião de Fournier, com todo o seu radicalismo, está já fora das conclusões da moderna sciencia. A syphilis tem o seu logar importante, mas não exclusivo na etiologia tabetica, embora um radicalismo opposto esse mesmo lhe recuse (Lancereaux). Assim o considera hoje a maioria dos tratadistas e isso me dispensa de procurar a syphilis em Camillo, para o que, devo confessá-lo, os menores indicios me faltavam.

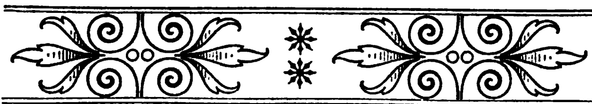
Eu abstive-me mesmo de mencionar a variola, que deixou no romancista vestigios para toda a vida, porque considero n'este caso muito secundario o valor etiologico d'essa doença. De resto, a ataxia, a atrophia optica, cuja bilateralidade é tão caracteristica nos tabeticos, e o symptoma de Argyll-Roberston que me parece poder afirmar-se sem grande perigo de errar, são elementos bastantes para um diagnostico provavel. Mesmo, porque a classificação que fiz dos seus symptomas não impede a hypothese d'uma das associações morbidas de que falei, antes a approximação de

[1] Virés: Ob. cit., p 541.

symptomas classificados em cathegorias diversas e o aspecto differente em que certos d'elles nos apparecem, talvez desvirtuados por essa mesma morbida associação, me poderiam servir em abono d'essa hypothese.

Tal o que se conclue synthetizando o longo cadastro pathologico de Camillo Castello Branco.

Na sua descendencia, indo até onde as naturaes reservas nos permittem, encontramos, na geração immediata, além d'uma filha que vive ainda, o filho Nuno estroinaço, nevralgico e alcoolico, e o Jorge passando a vida ora bebendo e masturbando-se, ora em accessos de loucura extrema. Biographos, levados talvez por um optimismo que força um pouco, á mercê dos seus bons desejos phantàsistas, as leis da herança morbida, descobrem já na descendencia d'esses filhos a aura de novos genios...



V

«Ora, dos desequilibrios da funcção nervosa de Camillo, nasceria talvez para o tracto intimo, o homem de brusquerias phreneticas, de vulcanicos amores physicos, de reviravoltas de humor, intractavel, cruel e caprichoso — demos que Camillo Castello Branco fosse tudo isso — mas precisamente esta mobilidade de caracter é que fez o artista genial dos seus romances, dos seus estudos ironicos, das suas verrinas litterarias; deu-lhe o condão de forjar a obra prima d'um jacto, com todos os symptomas d'um retalho de vida palpitante; de modelar almas tão diversas e tantas, n'uma prosa plastica como a cera e n'uma lingua rija como o bronze; e espargiu na sua obra emfim, toda essa porção de sangue insubmisso, d'independencia forte, e de sonho miguelangesco, que as litteraturas só de seculo a seculo registram, e que o cosmopolitismo hodierno de todo está hoje sonegando, ás nacionalidades mortas que invadiu.»

Fialho d'Almeida

Na litteratura portugueza contemporanea — escreveu o sr. Theophilo Braga — Camillo Castello Branco é a mais poderosa organisação esthetica, exercida em uma prolongada e contínua idealisação, reflectindo na sua

obra todo o estado moral de uma época perturbada por falta de uma doutrina.»[1]

E é a essa falta de doutrina, tão claramente reflectida na sua obra, que nós devemos a expansão liberrima e admiravel do seu genio.

Que me perdoem os sabios; mas ao reler pagina a pagina a obra do maior escriptor português do nosso tempo eu pergunto a mim proprio se uma systhematização de toda ella, obedecendo a um claro programma de doutrina, roubando-lhe tudo que lá existe de admiravelmente espontaneo, por um acaso lhe augmentaria a grandeza. Subordinar uma larga obra d'arte a um corpo doutrinario, alinhando-a d'antemão, por uma ordem, como os capitulos regrados, rigorosos, d'um trabalho de sciencia, é correr o risco de pôr em debandada tudo que á emotividade do artista essa obra d'arte tem de pedir para ser grande.

Camillo Castello Branco começou a sua vida litteraria n'uma epoca em que o romantismo, semi-solto das mãos de Garrett e prestes a cahir na rhetorica vasia de Castilho, entrava rasgadamente no caminho da decadencia. Começava-se a não se saber quaes as firmas litterarias, d'aqui e lá de fóra, dignas de admiração e de respeito. Os proprios mestres, como Herculano, não hesitavam em reunir na mesma citação Balzac e Kock e em falar com todo o seu valioso despreso cathedratico «das fabricas parizienses de novellas, dramas, viagens, comedias, romances, folhetins, physiologias moraes ou immoraes, e não sei de que outros productos

[1] Theophilo Braga: *As modernas ideias na litteratura portugueza*, 1892, v. I, p. 240.

das fabricas de Balzac, Sue, Sand, Arlincourt e C.ª»[1] Porque para a opinião do solitario de Val-de-Lobos que já por esse tempo falava sempre em tom solemne e era ouvido de joelhos como summo pontifice da sciencia e da litteratura lusitanas, a *Comedia Humana* valia tanto como os productos do onanismo de olhos em alvo do alambicado visconde d'Arlincourt. Era assim quando Camillo começou a crear um nome com o ruido das suas primeiras obras.

Quatorze annos mais tarde, Theophilo e Anthero, rompendo fogo contra o elogio mutuo d'essa litteratura official de que Castilho era o arbitro supremo, derrubaram de vez o romantismo, rudemente, n'um ataque violento em que a audacia e o irrespeito nem sempre infelizmente iam servindo um erguido espirito de justiça. Fundou-se assim a chamada escola de Coimbra, precursora do realismo, que dez annos depois surgiu exclusivista, intolerante, fincado nas suas apregoadas bases philosophicas, na justeza irrefutavel dos seus principios.

N'esses modernos tempos as doutrinas positivistas, pendão de revolta dos aguerridos espiritos militantes, nem sempre os impediam de discorrer erradamente. Por 1880, um moço de talento que em mais sereno ramo d'arte nos deixou algumas pequenas e quasi ignoradas obras-primas, envergou um pseudonymo para dirigir a Camillo uma carta-aberta em que se lêem periodos assim: «V. Ex.ª terá na litteratura portugueza o papel de Hugo, Dumas, Flaubert, Sue, Feuillet, Zola, Feydeau, Claretie, Macpherson, Klopstock, Schuchart, etc., etc., nas differentes litteraturas dos diversos paizes? Cremos que não».

[1] Alexandre Herculano: *Opusculos*, 1878, t. II, p. 79 e 104.

Elle sabia lá o bom e ingenuo apostolo de Comte que diabo de papel tinham em França Feydeau e Claretie ou o arrevesado Macpherson nas nevoentas terras da sua Escocia. Era, afinal, o mesmo facciosismo de escola que fizera a hostilidade de Lopes de Mendonça e de Herculano quando Camillo litterariamente ensaiou os seus primeiros passos. Sempre o circulo de ferro de meia duzia de ideias talhadas pelo figurino em moda a accorrentar a liberdade d'um juizo sem paixão, empanando inconscientemente um equitativo criterio de justiça.

Ora o que ha de mais admiravel na personalidade litteraria de Camillo é o modo como atravessou tão diversos periodos de combate, sem lhes soffrer sensivelmente a influencia, firme sempre nos seus processos d'arte, realizando espontaneamente um meio termo que seria difficil conseguir d'outra maneira. Realista demais para ser romantico, romantico demais para realista, mas camillesco sempre, elle só, inconfundivel, é assim que temos de considerá-lo, fóra de todas as escolas de que apenas corticalmente, quando muito, soffreu a influencia.

E afinal a razão primeira d'esse isolamento, deve buscar-se na phase inicial da sua educação: o tempo da Samardan em que viveu com esse padre Antonio d'Azevedo, «nome que os pobres, seus irmãos, reverenceiam, e os enfermos da alma abençoam; ancião virtuoso; operario infatigavel em serviço de Deus e da humanidade», como o proprio Camillo escreveu mais tarde na dedicatoria de *O Bem e o Mal*. Palavras do romancista recordando essa epoca que elle confessa ter sido a melhor da sua vida:

«Uma vidraça do nosso quarto não tinha portadas. Elle queria ver o repontar da aurora. Quando a lua nascia por alta noite, eu acordava, ás vezes, e via-o sentado no seu leito banhado de luar, rezando os doze mysterios, por umas contas monasticas. Depois, chamava-me. Resavamos *matinas* com luz artificial. Iamos para a egreja. Eu tangia á missa e acolitava, pingando mais somno que devotas lagrimas. De volta do presbyterio, faziamos chá; depois, liase a versão de Alexandre Garrett, os *Annaes da propagação da fé*, as *Noites de Joung*, a *Miscellanea curiosa e proveitosa*, os *Lusiadas*, o *Theatro de los dioses*, as *Viagens de Cyro*, as *Perigrinaçoens* de Fernão Mendes Pinto, e a *Historia de Portugal* por uma sociedade de inglezes.» [1]

Fazendo a historia da sua primeira poesia — uma Ode, á maneira da Arcadia, com seu triste Alcino e sua doce Elmena enamorados—Camillo escreveu:

«Creio que tinha eu então entre os quinze e os dezeseis annos. Scismava mais do que lia, e lia mais poetas que compendios escolares. Porém, que poetas eu conversei na minha infancia! O peculio das riquezas rithmadas que enthesourava a pequena bibliotheca da minha familia de aquelle tempo, bibliotheca de padres lá em cima na serra do Mesío em Traz-os montes, eram dois volumes de Bocage, um Camões, e umas trovas de não sei quem, dispersas n'uns cinco tons denominados *Miscellanea poetica*...... Já então e de muito antes, seliam e tomavam para molde as poesias de Castilho, Garrett e Herculano; avultavam os Lamartinistas; balbuciavam os bardos novos aquellas meiguices e amaneirados dizeres, nunca ensaiados entre nós com tanta louçania como, poucos annos depois, os admiramos na pleiade de moços que, em Coimbra, escreveram o *Trovador*. Ora, eu, em 1842, não conhecia alguns d'aquelles nomes, nem áquellas montanhas, onde me fiz homem, havia chegado livro de poeta, que merecesse enfileirar-se entre Bocage e um sermonario de José Agostinho de Macedo, com o *Theatro dos Deuses* á esquerda e o Fernão Men-

[1] Camillo: *Seroens de S. Miguel de Seide* 1886, III, p. 72.

des Pinto á direita, e as *Viagens do Cyro* por cima, e a theologia do *Lugdonense* por baixo.»[1]

Litterariamente, educou-se pois Camillo fóra da atmosphera do seu tempo, começou a ler romanticos na altura já em que o seu espirito estava apto a recebê-los sem esse enthusiasmo vulgar na gente nova pelos nomes aclamados; ao contrario de todos os outros incipientes plumazes do seu tempo, elle soube que existiu um Bocage, um José Agostinho e um Fernão Mendes Pinto, antes de boquiabrir-se ao estylo floribundo do visconde de Castilho, adorar o visconde Garrett na *Lyrica de João Minimo*, e em Herculano, aio do rei, humildemente, saudar o Mestre. D'ahi o seu amor aos classicos que depois foi lendo e estudando com interesse e mais tarde a sua paixão de papelista, proporcionando-lhe excellentes meios de investigação de factos historicos deturpados ou controversos; e ainda, como natural consequencia d'essas leituras, a acquisição d'um vocabulario vastissimo que lhe permittiu levar a nossa lingua, que desde o seculo dezoito se viera deploravelmente empobrecendo e abastardando, a um grau de malleabilidade e a um poder de expressão nunca attingidos.

De tal modo, a orientação litteraria de Camillo entra como elemento importante na justificação critica da sua obra. Orientado já com segurança quando conheceu o romantismo, elle que em outro caso amesquinharia talvez o seu talento na corriqueira reproducção de moldes feitos, soube da escola que o recebeu aproveitar apenas as virtudes. Facciosismos de seita, exageros deploraveis, exclusivismos deprimentes—no que respeita, não aos seus pon-

[1] Camillo: *Ao Anoitecer da Vida*, 1874.

tos de vista criticos, mas aos processos da sua arte—não os tinha elle nem os podia ter em vista d'isso, e eis porque, começando durante a febre romantica, acabando no enthusiasmo realista, os romanticos achal-o-hiam avançado demais nos seus principios e os realistas haviam de vê-lo sempre, em seu trajar antigo, como velha reliquia de tempos já distantes.

*

* *

Em rigor na evolução litteraria de Camillo não existem as phases distinctas que alguns querem; antes essa evolução, um pouco sinuosa, é apenas a resultante das contigencias da vida aventureira do artista e da transformação natural do seu meio n'um largo percurso de quarenta annos. Só um artificio pode fazer a divisão do seu trabalho em periodos autonomos, sem que multiplos caracteres communs aqui e além apaguem o quer que seja de differencial que os scinda. Um estudo completo de cada uma das suas obras explica-nos a sua razão de ser, a origem da feição mais ou menos extranha que porventura ella revista, esclarece-nos suppostas contradicções, mas não nos dá nem pode dar os elementos para uma classificação que não redunde em passatempo meramente ocioso.

Fixe-se aqui mais uma vez que a obra colossal do romancista não resulta d'um trabalho methodico, ordenado, regular; a sua actividade era aos altos e baixos, como sempre acontece nos neurasthenicos constitucionaes. Eu vou mesmo até ver na realização das suas obras todo o processo d'uma obsessão impulsiva; a sua nevropathia, amplamente provada, auctoriza-me a pensar assim.

Pois do mesmo modo que, se fosse um klepto-

mano, n'um impulso irresistivel nos roubaria a carteira, se fosse um pyromano nos lançaria fogo á casa, se fosse um dipsomano não resistiria a beber, se fosse um dumomano se veria forçado, contra toda a serie de inhibições, a por-se em fuga e se fosse um coprolalo não teria outro remedio senão proferir inconveniencias lamentaveis,—sendo um homem de genio, Camillo havia de irresistivelmente se fazer admirar em obras primas.

Teimo em considerar o processo identico, fundando-me nos factos que me elucidam a sua maneira de trabalho. Certas obras suas, planeadas muito tempo antes de serem escriptas impuzeram-se talvez todo esse tempo ao seu espirito como uma obsessão: havia de por força hesitar mil vezes em escrever um livro, antes de traçar a primeira linha, esse homem que hesitou sempre em todos os actos da sua vida. Em alguns casos porém, essa hesitação se esclarece: alguns seus livros, inutilizados depois de impressos, por escrupulos de varias ordens, appareciam mais tarde com alterações que só muito superficialmente lhes tiravam o mal que os tinha condemnado. Mas, vencidas todas as resistencias do doente da vontade, a obra, romance ou historia, escrevia-se com uma rapidez prodigiosa, d'um só jacto, n'um impulso: o *Livro Negro do Padre Diniz* foi feito em vinte dias,[1] o *Amor de Perdição* em quinze «os mais atormentados da *sua* vida.»[2]

N'essas condições, a obra forçosamente havia de ser irregular no genero, na concepção e no processo, e ao estylo teria de faltar essa perfeção regrada e uniforme que é o privilegio dos

[1] H. Marques: Ob. cit., p. 15.
[2] Camillo: *Memorias do carcere.*

torturados da fórma. Camillo era espontaneo e, d'um só esforço lhe sahia a phrase tal como ficava, cheia de vida sempre e cheia d'arte, tambem, as mais das vezes; e esses outros demoram seculos em cada linha, e fundem e refundem o que escrevem, para que uma aresta não arranhe a sonoridade d'um periodo e a prosa saia limpida, clara, cantante, perfeita na linha severa das suas fórmas de esculptura, embora desoladoramente fria, embora desoladoramente banal, como certos bellos e gelados marmores da estatuaria grega.

Graduar com mais ou menos rigor a actividade litteraria de Camillo, marcando, após a analyse da sua obra, as epocas distinctas d'uma regular evolução, parece-me de tal modo empreza que se não póde levar a cabo com bom exito.

E' certo, por exemplo, que Camillo começou a sua carreira litteraria versejando e em 1845 tinha já publicado trabalhos n'esse genero, é certo que depois, durante dez annos, imprimiu apenas dois romances, entre uma longa serie de pequenas coisas—satyra, polemica, drama,—mas sobretudo verso. Mas d'ahi não se póde concluir que essa fosse a phase do lyrismo, abandonada depois pelo romance, por isso que em 74 o vemos novamente empunhar a lyra, com quem andou depois, salvos pequenos amuos, em boas relações, até morrer.

Começou fazendo versos, acabou fazendo versos, e diga-se de passagem, que, de tal feitio, não começou nem acabou notavelmente bem. Camillo, mettido na camisa d'onze varas do metro e da rima, desnorteava-se, desconhecia-se a si proprio, constrangia-se—e era banal. Concepções banaes em banalissima fórma, eis o que, salvaguardando um

ou dois casos dispersos, se póde dizer da obra poetica do romancista.

O romance da actualidade, a novella historica, os bosquejos eruditos, as peças theatraes, os versos e os volumes de compilação, apparecem-nos alternando-se durante todo o periodo da sua actividade litteraria. Comtudo nem sempre á sua elaboração preside o acaso: os artigos religiosos reunidos nos dois volumes *Divindade de Jesus* e *Horas de Paz* foram feitos durante a crise de mysticismo que o levou ao Seminario; os estudos historicos appareceram quando elle pela supposição de que o rei D. Luiz se oppunha a que lhe dessem o viscondado, coordenou um libello de tremer contra os Braganças; as brochuras de fragmentos appareceram sempre nos periodos da sua vida em que a obra original não era monetariamente tão proveitosa que dispensasse o recurso d'uma exploração mais ou menos guarnecida do seu nome glorioso, na capa d'um volume de coisas triviaes.

Esse trabalho de coordenador de coisas minimas foi quasi exclusivamente todo o emprego da sua actividade quando, no fim da vida, a doença lhe embotou pelo cansaço, pela dôr, pela cegueira, os derradeiros recursos do artista. Os livros de polemica violentissima vêm quando, mais que o ataque do adversario, a doença nervosa o exaspera, e eis porque então da sua penna espirram odios e a sua prosa despedaça cruelmente como se esse homem soffredor quizesse provar aos que gosavam a saude que lhe faltava, o bem-estar que não possuia, a fortuna que o trabalho lhe não dava, que se não usufruia como elles esses bens que Deus sabe com que grande ambição desejaria, tinha o genio que os aniquilava brincando, em

meia duzia de paginas demolidoras. A unica evolução que na obra de Camillo é possivel talvez marcar regularmente é a do estylo que a pouco e pouco se torna mais ductil, mais harmonico, lucrando na sonoridade do periodo e no córte moderno da phrase o que porventura em espontaneidade e leveza ia perdendo. N'esse aspecto é elucidante a comparação do *Anathema*, dos *Mysterios de Lisboa*, das *Scenas Contemporaneas* e d'outros romances dos primeiros tempos com a *Brazileira de Prazins* ou com os capitulos conhecidos da novella incompleta *Via-Sacra*.

Mas em tudo o que, áparte o estylo, existe de valioso na sua obra já o caso é outro. *A Filha* e *A Neta do Arcediago*, publicados em 55 e 56, são já duas novellas interessantissimas, feitas com arte, architectadas sem esforço, d'uma graça espontanea que as faz lêr com agrado, *Onde está a felicidade?* d'essa epoca tambem, corre como sendo uma das suas obras primas e foi aquella que fez desanuvear a Herculano a carranca duvidosa do talento primacial do romancista. Esse livro foi, até então, o mais applaudido, e Camillo, animado com o successo fez-lhe a continuação em *Um Homem de brios* que o não vale, e ainda, annos depois, nas *Memorias de Guilherme do Amaral*, notavelmente inferior a ambos os outros. O *Amor de Salvação*, publicado em 64, não chega nem por sombras ao *Amor de Perdição*, publicado dois annos antes e cujo exito retumbante na semelhança do rotulo explora. O *Livro de Consolação*, feito a proposito do caso Vieira de Castro e publicado em 72, *As Tres Irmans*, encomenda do *Commercio do Porto*, em 61, e as *Coisas Espantosas*, do anno seguinte, não figurariam n'uma edição selecta ao lado do *Romance d'um Homem Rico*, de

61, de *O Bem e o Mal*, de 63, do *Esqueleto*, de 65, e d'essa maravilhosa collecção das *Novellas do Minho*, impressa de 75 a 77. Depois da *Corja* e do *Eusebio Macario*, veio o romance mediocre *Vulcões de Lama*. E eis como a producção litteraria de Camillo, irregular em quasi todos os seus aspectos, artificializa, desvalorizando-a, toda a tentativa para fixar rigorosamente adentro d'ella os estadios d'uma regular evolução.

*

* *

Ao lêr a longa serie das novellas de Camillo, com suas paixões infelizes, suas meninas envelhecidas penando pecados d'amor na soledade dos mosteiros, seus paes tyrannos e seus brazileiros grotescos de joanetes, apercebe-se o estudo inteiro d'um meio e d'uma epoca e, dentro d'elle, a comprehensão singularmente feliz do caracter de cada uma das figuras que vivem intensamente através das paginas aventurosas dos seus livros. Completa justeza de scenario, em cada personagem um estudo psycologico perfeito e, sobre tudo isto, um certo ar contado, familiar, na narração inimitavel e um rigor muito sobrio no desenho d'um typo ou d'um logar. Ha personagens em Camillo que meia pagina só define e maravilhas de intuição no traço d'um caracter que nos revelam desde logo no artista eminente um velho sabedor da sciencia das almas.

Camillo possuia no grau mais alto os dois poderes supremos de evocar e commover. Certas scenas dos seus livros — como essa, já celebre, da morte do lobo, no *Eusebio Macario*, a sahida do Melro na *Brazileira de Prazins* e o incendio no *Retrato de Ricardina*, fixam-se para sempre como se

nós proprios as houvessemos visto, e ha paginas suas que se não lêem sem lagrimas, como essas sublimes cartas finaes do *Amor de Perdição*. E assim como a evocação é sobria, não distraindo a attenção em ninharias, mas fazendo gravar indelevelmente o aspecto geral que se pretende, assim tambem a commoção alli se consegue com simplicidade, nascendo da propria essencia das coisas descriptas e não dos mais ou menos plangentes termos em que as lêmos...

As *Novellas do Minho* encerram talvez tudo o que ha de mais perfeito na obra do romancista. n'uma d'ellas — *O Commendador* — ha uma pagina que eu considero modelar. E' esta:

«Em março de 1852, fez-se á vela de Villa do Conde a Barca *Conceição*. Entre os passageiros ia o desertor. Chamava-se ahi Manuel José da Silva Guimarães, e nunca mais ouviu proferir o seu nome.

Quando a policia deitava inculcas no concelho de Famalicão procurando a paragem da tia Bernabé, rendia ella a alma ao seu Creador em Villa do Conde. Vira desapparecer as velas da barca *Conceição*, ajoelhada no terraço do Castello. Depois, quedára-se de bruços a chorar. Levaram-a nos braços a casa do cunhado. As lagrimas seccaram-se. Veio a febre e o delirio. Chamou, chamou por seu filho, até que Deus a chamou a ella. Não foi confessada nem ungida; mas morreu sancta porque vivera sanctamente. Achara aquelle engeitadinho, creara-o, amara-o, vendêra um cordão para o vestir geitosamente afim de o mandar á eschola, vendêra as arrecadas para lhe comprar fato novo quando foi á primeira confissão, vendêra a casa e o thear e o leito onde morrêra sua mãe para o remir de soldado. Padeceu grandes angustias quando soube que o filho do seu coração era culpado na desgraça de uma rapariga honesta. Cuidou que o padre, o prégador da caridade e da igualdade dos servos de Jesus Christo, iria admoestar o lavrador abastado a conceder a filha para esposa do pobre. Esta sancta cegueira da christã é de crer que Deus lh'a perdoasse. Por fim, de virtude em virtude, e de dôr em dôr, logo que aos

setenta annos de idade viu sumir-se para sempre o seu querido engeitado, pediu a Deus por elle, por si, e... morreu.» [1]

N'essa meia duzia de linhas está a revelação de um grande artista. Pode-se escrever com mais ornato, com mais brilho, mas não se escreve melhor.

Português antes de tudo, encarando as coisas e os acontecimentos com o modo de ver da sua raça, Camillo não poz nem seria capaz de pôr todas essas eminentes qualidades ao serviço d'uma causa ou d'uma doutrina; nos seus romances não ha aquillo a que hoje se convencionou chamar a these, mas sempre na boca do auctor ou dos seus personagens os considerandos d'uma philosophia um poucochinho burguêsa, brilhando de onde a onde pela novidade do paradoxo e conduzindo as mais das vezes a conclusões moraes de pouco arrojo. Mas essa mesma moralidade varia de livro para livro, é de cynismo ou de crença, de bondade ou de sarcasmo, á mercê da instabilidade do caracter do artista.

Ha novellas de Camillo em que rara é a scena inventada: uma das suas caracteristicas litterarias é, como já disse, a inconfidencia. E eis porque em grande parte dos livros seus nos apparecem, mais ou menos velados, episodios da sua propria vida. Toda a gente sabe que nos *Annos de Prosa* e no *Ultimo Acto* figura Anna Placido, que o *Amor de Perdição* e a *Mulher Fatal* são verdadeiros e que o episodio macabro da Maria do Adro arrancada do tumulo pelo romancista apaixonado, deu assumpto

[1] Camillo: *Novellas do Minho*, II — *O Commendador*. 1876, p. 49 e 50.

para um trecho do livro *Scenas Contemporaneas* e figura episodicamente em alguns outros.

Mas ainda mesmo nos casos em que o auctor não entra na propria acção da novella, nunca elle cede o seu logar de espectador que commenta, elucida e observa, e essa posição que dá um certo pittoresco ás suas narrativas, favorece é claro a opportunidade das largas divagações do psycologo.

E toda a acuidade do seu espirito de analysta apparece então nitidamente. Esses mesmos que lhe recusam os dotes de observação noologica não o fazem senão porque o seu processo de analyse os desorienta. As grandes crises dos romances de Camillo nunca se limitam a violentos estados d'alma, exteriorizam-se sempre, concretizando-se, materializando-se em factos. De modo que, como é natural d'essa maneira, o romancista faz o estudo dos seus personagens de fóra para dentro: observa-lhes os actos e investiga depois as razões intimas que os determinaram a agir d'essa maneira. E, por esse processo, chega á realização de typos admiraveis.

Apenas n'essa altura uma vez por outra o sarcasta intervem, surprehende a figura em meio, com uma gargalhada, arremessa-lhe o escopro em meia duzia de traços diabolicos e faz d'aquillo uma caricatura. Taes os personagens do *Morgado de Fafe*, tal o typo, aliás admiravel, de Calisto Eloy de Barbuda da *Queda d'um Anjo*, ou nos *Annos de Prosa* o de José Francisco Andraens.

*

* *

E pois que falei do seu sarcasmo e pois que consequentemente ia falar da sua graça, opportu-

no será referir-me ao aspecto, se não o mais brilhante, se não o mais valioso, pelo menos o mais inimitavel e inconfundivel do seu alto espirito. E' o trabalho de humorismo adstricto ás suas obras de critico e de polemista, que constitue o mais admiravel documento de genio em obras-primas de irreverencia grosseira e rude crueldade.

Em Camillo existia a negação completa de todas as qualidades que para o critico em geral se preceituam. Faltava-lhe a visão serena das coisas e dos homens e o poder de serenamente julgar; via tudo através das sympathias ou dos odios que favores ou offensas enxertavam na sua natural bondade — tamanha quanto o pode ser a bondade n'um nevropatha da sua força — e via a mesma coisa contradictoriamente, segundo a variabilidade habitual do seu espirito.

«Uma tarde, em S. Miguel de Seide,—escreve Silva Pinto — sahiramos a passeiar pela aldeia; Camillo Castello Branco e eu. N'um caminho de atalho, um velho, sentado a uma porta, ergueu-se respeitosamente e cortejou: «—Tenham vossas senhorias muito boa tarde!» Correspondemos, e Camillo, interrompendo a palestra, informou-me:

— E' um homem veneravel este ancião. Tem sido uma esponja de amarguras. A filha deu em mulher perdida, o filho em ladrão, e a mulher morreu-lhe de dôr... Mas,— concluiu com movimento brusco,—Deus lá sabe o que faz.

Um quarto d'hora depois, passavamos novamente pelo velho. Este ergueu-se outra vez. Tirei o chapeu; e Camillo, attentando no caso, perguntou-me:

— Quem foi que V. cortejou?

— Foi o velho de ainda agora.

— Qual velho?

— Aquelle desgraçado de quem V. Ex.ª me contou a historia. O pae do ladrão e da...

— Ah! sim: um borrachão! — cortou elle, encolhendo os hombros.»

Camillo nunca desprezava uma aggressão—partisse ella d'onde partisse. Elle proprio o confessou a Silva Pinto:

«Sempre que um dos novos me aggride, ha quem me aconselhe *a não fazer caso*. Foi assim quando V me provocou.

O Teixeira de Vasconcellos escreveu-me de Lisboa: — «Não respondas. Este sujeito não guarda o decoro». E eu respondi ao Teixeira: — «Nem eu. Quem melhor as tiver melhor as joga!»

E' claro que os meus quarenta annos de serviços, ou quantos são, concedem-me o direito de silencio quando um rapaz faz negaças com muito phrenesi á minha innocente pachorra. Mas que quer o meu amigo? Eu vi o pobre Castilho e o pobre Herculano sahirem d'esta vida com muitas nodoas negras no corpo. Não surgiu luctador novo que não fosse alli ensaiar se, applicando dois pontapés áquelles dois velhos. O Herculano creio eu que á força de orgulho chegasse a persuadir-se de que os não levara: mas o pobre Castilho sentia-os bem, e tanto, que logo pelo telegrapho e pelo correio, me avisava do sacrilegio — para que eu o desagravasse. Acudi pelo nome d'aquelle sublime ingenuo duas vezes, que me lembre: na questão coimbrã e na do *Fausto*. Mas pela minha parte resolvi não me deixar contundir sem usar de represalias. Os rapazes dão-me; mas eu reajo; como se vê...» [1]

Os Criticos do Cancioneiro, a *Questão da Sebenta* e a polemica com Alexandre da Conceição, a proposito da *Corja*, são documentos admiraveis da aggressão em que o humorismo se alliava á violencia, garantindo para o lado do romancista, ao primeiro assalto, a absoluta certeza da victoria. O adversario podia argumentar com erudição ou re-

[1] Silva Pinto: *Cartas de Lisboa* na *Voz Publica* de 20 e 21 de junho de 1902.

correr ao mais despejado vocabulario do insulto. Camillo pegava nas suas phrases uma a uma, expunha-as n'uma gargalhada que fazia rir tambem os que o liam, punha em cada argumento consideravel do adversario o barbicacho do sarcasmo e depois fazia-o pular, em divertidas cabriolas, á custa dos beliscões, com que, n'um cynismo cruel o torturava. De tal modo que a dois passos do começo já se via o adversario apopletico, debatendo-se, vomitando injurias, descomposto, desconcertado, perdido, e Camillo gozando o prazer de o aniquilar de todo, de o arrazar, de lhe fazer pagar bem cara a audacia de profanar mesmo ao de leve, a intangibilidade do seu nome e da sua obra.

Essa polemica da *Corja* é modelar e define bem em absoluto a sua maneira de combate. No seu primeiro artigo de resposta, Alexandre da Conceição escrevia:

Uma ultima observação.

O sr. Camillo Castello Branco, pelos excessos da sua bilis palavrosa, adquiriu n'este paiz a reputação lendaria de um polemista temeroso e intractavel.

Nós queremos prevenir o sr. Camillo de que emancipámos ha muito o nosso espirito do terror sagrado de todas as lendas e do temor pueril dos grandes homens, depois que nos resolvemos a tocar lhes com um dedo e reconhecemos que estavam cheios de palha, como os espantalhos.

Em homenagem por isso ao glorioso nome do romancista e á seriedade da imprensa, procuramos manter esta resposta nos limites que nos são impostos pelos preceitos mais communs da decencia e da urbanidade.

Se porém os assomos olympicos da vaidade irritada do sr. Camillo o levarem a replicar-nos em tom e por fórma que exceda as raias da boa educação, nós não teremos duvida em o seguir a esse terreno e em converter esta inoffensiva polemica no mais divertido e decotado escandalo que tem entretido ha muito a ociosidade indigena. Como

temos sobre s. exc.ª, apezar de velhos, a vantagem de menos vinte annos seguros, afiançamos-lhe que havemos de ser o ultimo a fallar, porque d'aqui a vinte annos, escrevendo todos os dias, ainda teremos muito que lhe dizer.

N'este ponto, a nossa imaginação é d'uma fecundidade illimitada e o nosso pulchro arminho d'uma pureza relativamente excepcional.

Agora... *Tirez le premier*, Monsieur l'Anglais. [1]

Nunca combatente algum entrou em campo com mais denodada decisão, e a muitos pareceu n'esse momento que Camillo ia ter emfim o contendor digno d'elle.

Pois bem: escriptos mais tres artigos contra tantas outras respostas de Camillo, obras-primas de ironia insolente, o adversario que com tão altisonantes propositos entrara, bate em retirada sem serenidade, sem argumentos, nem ironia, nem mesmo insultos que o salvem.

«Esta questão está terminada — escreve elle então. — Não é possivel discutir com um insensato n'um tal estado de allucinação.

Quebramos aqui o protesto de continuar indefinidamente esta polemica.

Contavamos com todas as torpezas; com o que não contavamos, porém, foi com a tolerancia do nosso estomago para supportar a presença do torpe.

Vencem-nos o nojo da sua baixeza e não o receio do seu valor.» [2]

E' claro que isso teve resposta e, como ainda depois, n'uma carta publicada, Conceição se lhe re-

[1] *Bibliographia Portugueza e Estrangeira*, terceiro anno 1881, n.º 1, p. 6 e 7. (Transcripto do *Seculo*).
[2] Idem. N.º 5, p. 81.

ferisse ligeiramente, Camillo, ao ver que o adversario derrotado ainda bulia, aniquilou-o de vez n'um ultimo artigo.

O dr. Manuel Maria Rodrigues, hoje lente da Universidade e, apezar de tudo, esse mesmo Alexandre da Conceição, foram os adversarios de mais valor que terçaram armas com o grande polemista. Elle proprio o reconhecia quando, feitas as treguas, serenamente o seu espirito avaliava os factos e os homens.

E afinal o odio caia com a ultima palavra dos seus artigos de combate. Atacou Theophilo com extrema violencia e quando este escriptor perdeu dois filhos e João de Deus organizou um album de homenagem, Camillo deu-lhe o soneto *A maior dôr humana* que é a sua melhor obra rimada. E na mórte de Alexandre da Conceição escreveu versos assim:

Bem me lembra que o vi, na juventude,
Rosado pela aurora d'essa edade.
Eram prismas d'amor e d'amizade
Os carmes do seu mystico alahude

Sendo fatal que degenere e mude
A crença e o affecto e o bem da mocidade,
Sangram-lhe o peito espinhos de vaidade
Nos arranques da briga azeda e rude.

Mais tarde o encontrei. Já era o homem
Ralado por desgostos que consomem,
E põem na face um gesto acre e severo.

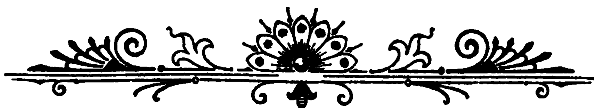
Se o seu bondoso riso era apagado,
Restava-lhe este honroso predicado:
Prégando o Socialismo, era sincero.

*
*   *

Fazendo historia, Camillo foi um investigador honesto, erudito e intelligente, com a faculdade notavel de dar ás narrativas todo o relevo da sua prosa d'arte. Não tinha talvez a sciencia das grandes generalizações, mas sabia como poucos a cingir-se á verdade, averiguando os factos com um minucioso e paciente criterio que bastava a garantir-nos a sua probidade. Corrigiu velhos erros consagrados, aclarou duvidas antigas e disse-nos trechos de historia aos quaes a sua prosa suggestiva dá um soberbo poder de evocação. Tal, por exemplo, no seu livro sobre o *Marquez de Pombal*, a scena da morte dos Tavoras no supplicio.

Seria absurdo afirmar ainda que Camillo foi um grande escriptor de theatro: não foi. E' certo que as suas comedias tinham graça e que os seus dramas fizeram epoca, mas certo é tambem que, se não existe realmente grande vantagem em resuscitar as suas peças comicas, as tragicas manda a verdade dizer que seriam absolutamente incompativeis com o theatro de hoje. Corresponderam ao seu tempo, passaram com elle, na vida ephemera das obras em que o genio não marca a grandeza imperecivel. Hoje, n'um theatro serio, algumas das scenas capitaes dos seus dramas fariam rir.

Como poeta, já eu disse, o grande escriptor valia pouco.



VI

«Inde iræ»

ENTRE os pecados de que a seu tempo o sr. Luiz de Magalhães terá de dar contas ao Senhor, figura um romance que embolorecen nas estantes das livrarias com o rotulo de *O Brazileiro Soares*. E' a historia ingenua d'um Joaquim de suissas que, de volta do Brazil onde ganhou dinheiro, veiu negociar em papel, casar com uma linda rapariga, ser traído por um administrador de concelho e suicidar-se com um tiro de pistola. E tem o gracioso intuito de ser a rehabilitação novellesca d'esse typo de *brazileiro* de torna-viagem com que Camillo guarneceu exuberantemente a collecção numerosa dos seus bôbos.

Pois bem. Eça de Queiroz, que prefaciou a obra terminando por lhe chamar uma «Boa Acção» com um B e um A maiusculos que encerram todo o encanto d'essa finissima ironia que o fez grande, n'esse mesmo prefacio escreveu isto:

«... se há um «typo» de que o Romance e o Theatro, em Portugal, tenham usado immoderadamente é, decerto, esse lavrador Minhoto, enriquecido e vestido de panno fino, a que nas aldeias se chama o *brasileiro !*

Ha mais de trinta annos, em novella, em drama, em poemeto, o Romantismo (ou antes o Maneirismo Sentimental que entre nós representou o Romantismo) tem utilisado o *brasileiro* como a encarnação mais engenhosa e mais comprehensivel da sandice e da materialidade. Sempre que o enredo, como se dizia n'esses tempos vetustos em que as Musas viviam, necessitava um ser de animalidade inferior, um boçal ou um grotesco, o Romantismo lá tinha no seu poeirento deposito de figuras de papelão, recortadas pelos Mestres, o *brasileiro* — já engonçado, já enfardelado, com todos os seus joanetes e todos os seus diamantes, crasso, glutão, manhoso, e revelando placidamente na lingoagem mais bronca os sentimentos mais sordidos. Bastava só collar-lhe na nuca um nome bem plebeu, arranjar-lhe uma aldeia d'origem que cheirasse bem a curral, atiral-o para o meio de paginas tremulas e regadas de lagrimas, — e elle começava logo a ser bestialmente burlesco e a enojar os delicados.

N'isto, os Mestres do Romantismo não procederam, originariamente, por animosidade contra uma classe cujos modos, gostos, interesses, lhe repugnassem: obedeciam d'instincto a um Idealismo nevoento, á theoria da Alma profundamente separada do Corpo, e á consequente divisão dos «typos» litterarios em Ideaes e Materiaes, segundo elles personificavam o Sentimento, cousa nobre e alta da Vida, ou representavam a Acção, que ao Romantismo apparecera sempre como cousa subalterna e grosseira. Ora em Portugal o homem que mais evidentemente symbolisava a Acção aos olhos turvos do Romantismo—era esse labrego, que, largando a enxada, embarcava para o Brasil n'um porão de galera, com um par de tamancos e uma caixa de pinho, — e annos depois voltava de lá, na Mala Real, com botas novas de verniz, grisalho e jocundo, a edificar um palacete, a dar jantares de leitão ao abbade, a tramar eleições e a ser barão...

E note V. que este mesmo cavador endinheirado commovia o Romantismo até á Elegia, quando elle era ainda o *triste emigrante*, parando uma derradeira vez na estrada, para ouvir o ruido do açude entre as carvalheiras da sua aldea; quando elle era o pobre embarcadiço, de noite, no mar gemente, encostado á borda da escuna *Amelia*, erguendo os olhos chorosos para a lua de Portugal...

Apenas voltava porém, com o dinheiro que juntara carregando todos os fardos da servidão, — o *saudoso emigrante*

passava logo a ser o *brasileiro*, o bruto, o reles, o alvar. Desde que elle deixara de soluçar e ser sensivel, para labutar duramente de marçano nos armazens do Rio, o Romantismo repellia-o como creatura baixa e soez. O trabalho despoetisara o triste emigrante. E era então que o Romantismo se appossava d'elle, já rico e *brasileiro*, para o mostrar no livro e no palco, em caricatura, sempre material, sempre rude, sempre risivel, — não por um justo odio social contra um inutil que engorda, mas por aversão romanesca ao burguez positivo, videiro e ordeiro, que não lê versos, que se occupa de cambios, só olha a lua quando ella annuncia chuva, e só repara em Beatriz e Elvira quando ellas são roliças e faceis.

Em contraste com este «materialão» estava o homem de poesia e de sonho, magro, altivo, malfadado, eloquente, e «trazendo (como diziam a serio os estylos d'então) um inferno dentro do peito». Este permanecia pobre, ou desdenhava lyricamente o dinheiro: a sua occupação especial e unica era a Paixão: por elle as mulheres pallidas, todas de branco, iam chorar, agarradas ás grades dos mosteiros. Nos finaes d'actos, elle, só elle lançava, n'um gesto sombrio, «as palavras sublimes», dolentemente sublinhadas pelos violoncellos, ao rumor dos prantos abafados. O *brasileiro*, esse dizia as sandices, que nas farças mais francas eram tambem sublinhadas — com um esturro sobre o tambor.

Estes dois typos, insipidamente falsos como generalisação, pareciam ainda mais postiços, mais distantes da vida e da realidade, como factura. O homem ideal era invariavelmente um grande boneco esguio, com longos e tristes bigodes de crepe, uma agoada de amarellidão na mascara de cera sempre contrahida de amargura, e umas luvas brancas que elle torcia na tortura perpetua do seu atroz destino: por dentro, para lhe dar uma apparencia d'alma, mettia-se-lhe, ao acaso, como se machuca a palha para dentro dos Judas d'Alleluia, um molho secco de phrases lacrimosas e balofas.

O homem material, o *brasileiro*, esse consistia n'um outro boneco, achamboado, tosco, com um collete amarello, pellos nas orelhas, e joanetes — os immensos joanetes que o Romantismo, de pé pequeno, nunca deixava d'accentuar; com um traço de sarcasmo e asco. Este boneco por dentro não tinha nada, nem phrases, nem palha.

E o curioso, meu caro Luiz, é que, de todos os typos habituaes do nosso romance romantico—só o *brasileiro* tem ori-

gem genuinamente portugueza, de raiz. O homem fatal e poetico; a mulher de negros cabellos revoltos que perde; a mulher de pestanas baixas que salva; o arrogante fidalgo, com longos nomes e hostil ao seculo; o padre risonho que bemdiz e affaga — todos esses vieram importadas de França: e as suas dôres, as suas descrenças, os seus murmurios d'amor, tudo chegou pelo paquete, e pagou direitos na Alfandega, misturado ao couros inglezes e ás peças de panno Sedan. O nosso Romantismo não é responsavel por essas gentis creações d'além dos Pyrineos. Ellas já aportavam ao Tejo e ao Douro, assim falsas e mal feitas, fóra da natureza e da verdade. O Romantismo acolhia-as com uma submissa reverencia provinciana: e assim as mandava imprimir á Casa Moré e á Casa Roland, taes como as recebia, traduzindo-lhes apenas em vernaculo os martyrios e os jubilos.

O *brasileiro,* porém, era só nosso, todo nosso, d'este solo que pisamos, castiço e mais originalmente portuguez que a chalaça e a louça das Caldas. Mais que nacional, era local. Era do Minho, como o vinho verde. Ora o Romantismo que sendo triste amou sempre essa provincia verde-triste, encontrava lá o *brasileiro* constantemente, na feira, na romaria, na egreja, na varzea, na villa. No mirante caiado d'amarello, que elle avistava entre as ramadas, estava tomando o fresco o *brasileiro:* na caleche forrada de reps azul, que elle cruzava na estrada e que o empoeirava, vinha o *brasileiro,* de perna estendida. Muitas vezes o Romantismo (incoherencias inevitaveis da vida terrestre) jantava com o *brasileiro.* Assim, profusamente, acotovellando por essa provincia brasileiros innumeraveis, vira-os de todos os feitios exteriores: seccos, obesos, de barba, rapados, miudinhos, espadaúdos, calvos, guedelhudos, fracos, e fortes como os bois de Barroso. Vira-os, homens varios, com as varias, multiplas qualidades humanas: bons e velhacos, ridiculos e veneraveis, generosos e torpes, finos e suinos... Que importa!

O Romantismo deduzira uma vez do seu odio á Acção e ao «homem que sua» um typo symbolico de brasileiro gordalhufo e abrutado—e assim o apresentava invariavelmente, implacavelmente, em novella, em drama, em poema, como se não houvesse existido jámais senão aquelle *brasileiro,* e fosse tão impossivel mostral-o sem os attributos de materialidade que o individualisavam, como é impossivel pintar Marte sem a sua armadura, ou contar Tiberio sem esboçar Capreia ao longe, nas brumas do mar... O brasileiro da

rua a cada passo desmentia o brasileiro do livro? Que importa! O bom Romantico não cuida da rua: se é um Mestre, marcha altivamente, com os olhos alçados ás nuvens; se é um discipulo segue cautelosamente, com os olhos attentos ás pegadas dos Mestres.

Extraordinarios, estes Romanticos! E bem sympathicos, — os primeiros, os grandes, os que tinham talento e uma veia soberba — com este inspirado, magnifico desdem pela natureza, pelos factos, pelo real e pelo exacto! Os discipulos esses, louvado seja Nosso Senhor, são bem pêcosinhos, e bem chochinhos!» [1]

Essas palavras foram escriptas por um dos maiores prosadores do nosso tempo, esse grande homem de talento que salvou o naturalismo portuguès do grotesco d'uma morte ingloria e que da penna de Camillo logrou sempre os louvores maximos que o grande romancista não tinha por costume outhorgar aos que o malqueriam. Escriptas por um homem que nos costumamos a admirar devotamente, essas palavras enchem-nos de tristeza, porque até no dandysmo de quem as escreveu marcam a nodoa d'um borrão grosseiro, revestindo a fórma desagradavel d'uma aggressão em que os nomes se escondem e fazendo ao proprio Eça quebrar, n'um arremesso de senhora visinha, o seu porte habitual de gentilhomem.

Se o grande artista dos *Maias* quizesse olhar, com olhos de ver, para a sociedade portuense, tal como ella era no tempo dos brazileiros de Camillo, teria de concordar em que nem essa vulgar encarnação do grotesco, nem tão pouco os apaixonados romanticos, eram «typos insipidamente falsos como generalização». Não eram tal. Toda a gente recorda

[1] Carta-prefacio ao romance de LUIZ DE MAGALHÃES: *O Brasileiro Soares*, 1886, pag. V-XIII.

ainda hoje historias d'esse tempo, com seus amores infelizes, suas meninas reclusas, olhando o ceu atravez das grades dos mosteiros; e o namorado era quasi sempre magro e pallido, sabendo Musset de cór e trazendo «um inferno dentro do peito» — segundo a phrase que o chronista da *sensação nova* decerto não poderia escrever sem se sorrir. Essa figura de namorado foi rareando e não haveria quem a descortinasse, n'esta enorme confusão dos tempos d'hoje em que os poetas lyricos são vinhateiros e os homens de sciencia se fizeram sonhadores. O *brazileiro* é que ainda existe, sem a preponderancia d'outros tempos, mas sempre com a camada de grotesco que lhe deu afinal todo o interesse.

Diz Eça que o romantismo carpia o *brazileiro* quando elle era apenas o *triste emigrante* e «encostado á borda da escuna *Amelia*, *erguia* os olhos chorosos para a lua de Portugal,» troçando-o sem piedade quando voltava com o dinheiro que, á força de duros esforços, conquistara. E' infantil o reparo e de tal modo que a olhos maldosos poderia parecer sem boa fé. O *emigrante*, que ia com uma saca ao hombro, deixando a sua terra, deixando a familia, buscar a fortuna na obscuridade d'um destino incerto—era um humilde. Ignorante, alvar, abrutado—tanto importa!—nunca fazia rir. Na sua terra era um filho de lavrador, mourejando de sol a sol na labuta aspera dos campos, depois a ambição arremessava-o desamparado, só, ao acaso do seu destino, para a riqueza ou para a morte. Mas, se resistiu ás inclemencias do clima, e se luctou com tenacidade e se venceu, ei-lo então que entra na sua aldeia entre repiques de sinos e musicas de festa, com seu corpo de lavrador mettido n'uma fatiota de ingarilho, as mãos callejadas dos misté-

res grosseiros arrombando a pellica côr de canario d'umas luvas, todo elle impando o grosso cadeado d'oiro com medalhão cravejado de brilhantes. Depois é commendador, mesario de todas as confrarias, bemfeitor da Santa Casa e influente politico de vulto; passa o inverno no Porto ou em Lisboa e tem assignatura no lyrico e relaciona-se com gente fina, viaja, toma uma mulher para cabide de joias, come lombo de porco, bebe vinho verde, soffre do figado, e um bello dia estoira, quasi sempre antes de velho, porque a conquista de todas essas magnificas coisas lhe têm custado annos de vida. E', de tal modo, uma figura notada nas cidades e um rei nos logarelhos, pertence á alta roda, lida com gente rica, frequenta os salões, sem que comtudo, em todo o seu tempo de Brazil houvesse tido o ensejo de adquirir essa educação superior que não tinha quando os paes o mandaram, n'um porão de navio, em busca da fortuna. E' um inculto, um grosseiro, com toda a rudeza do trabalhador de enxada do seu Minho e do marçano do Brazil, socialmente arrogante d'uma importancia arranjada á custa dos seus cobres, dizendo em salões plebeismos tôrpes, escrevendo com erros, e sem essa mesma cultura toda artificial que nas relações de cada dia permitte a um imbecil fazer d'homem de espirito um quarto d'hora. D'ahi o grotesco.

E a proposito agora me occorre um gracioso trecho d'um grande escriptor sobre esse debatido typo do torna-viagem. Tem no lance uma viva opportunidade e merece por isso ser transcripto, se não na integra, porque é bastante longo, pelo menos na sua parte de mais incisiva e originalissima ironia. Diz elle assim:

«De *facto*, o pobre *brasileiro*, o rico *torna-viagem* é hoje para nós o grande fornecedor do nosso riso.

Pois bem! E' uma injustiça que assim seja. E nós os portuguezes que *cá* ficamos não temos o direito de nos rirmos dos *brazileiros* que de *lá* voltaram. — Por que, emfim, o que é o Brasileiro? E' simplesmente a expansão do Portuguez.

Existe uma lei de retracção e dilatação para os corpos, sob a influencia da temperatura. (Apprende-se isto nos lyceus, quando vem o buço). Os corpos ao calor dilatam, ao frio encolhem. A mesma lei para as plantas, que ao sol alargam e florescem, ao frio acanham e estiolam. A bananeira, nos nossos climas, é uma pequena arvore timida, retrahida, esteril: no calor do Brazil é a grande arvore triumphante, de folhas palmares e reluzentes, tronco possante, seiva insolente, toda sonora de *sábiás* e outros, escandalosa de bananas. Mesma lei para os homens. O hespanhol das Asturias, modesto, humano, discreto e grave—passando para o sol do Equador, nas Antilhas Hespanholas, torna-se o sul-americano vaidoso, ruidoso, ardente, palreiro e feroz. Pois bem! O Brazileiro é o Portuguez—dilatado pelo calor.

O que elles são, expansivamente—nós somol-o, retrahidamente. As qualidades internadas em nós, estão n'elles florescentes. Onde nós somos á sorrelfa *ridiculitos*, elles são á larga *ridiculões*. Os nossos defeitos, aqui sob clima frio, estão retrahidos, não apparecem, ficam por dentro: lá, sob um sol fecundante, abrem-se em grandes evidencias grotescas. Sob céo do Brasil a bananeira abre em fructo e o portuguez rebenta em brazileiro. Eis o formidavel principio! O Brazileiro é o Portuguez desabrochado.

E' o sol de lá que nos fecunda. O Chiado sob os tropicos dá inteiramente a rua do Ouvidor. Rirmo-nos do brazileiro é rirmo-nos de nós sem piedade. Nós somos o germen, elles são o fructo: é como se a espiga se risse da semente. Pelo contrario! o brazileiro é bem mais respeitavel, porque é completo, attingiu o seu pleno desenvolvimento: nós permanecemos rudimentares. Elles estão já acabados como a abobora, nós embryonarios como a pevide. O Portuguez é pevide de Brazileiro!

Que somos nós? Brazileiros que o clima não deixa desabrochar. Sementes a que falta o sol. Em cada um de nós, no nosso fundo, existe em germen um brazileiro entaipado, afogado—que para crescer, brotar em diamantes de peiti·

lho, callos e predios sarapintados de verde, só necessita embarcar e ir receber o sol dos tropicos. Cada lisboeta, sabei-o, traz em si a larva d'um brazileiro. Nós aqui vestimos côres escuras, lemos Renan, repetimos Paris, e no emtanto cá dentro, fatal e indestructivel, está aboborando — um brazileiro.

Quem o não tem sentido agitar-se, como o feto no seio da mãe?—Fitaes ás vezes uma gravata verde com pintas escarlates? E' o Brazileiro a remecher por dentro.—Desejaes inesperadamente uma boa feijoada comida em mangas de camisa? E' o Brazileiro.—Appetece-vos ir visitar a Memoria do Terreiro do Paço? E' o Brazileiro, lá dentro— Lembra-vos reler uma ode de Vidal ou uma fala de Melicio? E' o Brazileiro! Elle está dentro de vós lisboetas! Ah sabei-o! vós estaes sempre no vosso estado interessante — d'um Brazileiro!

E quereis uma prova? E' o verão! E' o cruel verão! Então sob a temperatura germinadora—o Brazileiro interior tende a florir, a desabrochar, a alastrar em cachos. Então começaes a deitar o chapeu para a nuca, a usar quinzena de alpaca, a passear depois do jantar com o palito na bôcca, a exigir dos vendedores a agua do Arsenal, a frequentar a Deusa dos Mares! Sabeis o que é? E' o Brazileiro, que lá tendes dentro na entranha, attrahido pelo sol, a querer romper!

Portanto quando nos rimos d'elle — intentamos a nós mesmo um processo amargo. No inverno a pevide contém a abobora: mas quando a abobora cresce no verão é ella que contém a pevide. Nós cá contemos o brazileiro; elle lá, chegado ao Brazil, germina, brota em fructo, e nós ficamos-lhe dentro. Ora se esmagarmos a abobora a grandes golpes de chacota, é sobre a nossa propria e rica pessoa que descarregamos o riso fero. Tenhamos juizo! Reconheçamo-nos n'elles como nós mesmos—ao sol!»

Pensarão decerto os senhores que esta satyra cheia de vivacidade, chispando espirito, d'uma graça fina e adoravel, é obra d'algum d'esses endemoninhados romanticos a quem o espirito de justiça do auctor da *Reliquia* não perdoa. Pensarão talvez que o homensinho, n'uma hora de bom humor, se serviu dos instrumentos habituaes de troçar os di lá

para jogar por tabella a sua maliciosa bisca aos de cá, tudo com aquelle facciosismo que contundia os delicados nervos do brilhante auctor do *Mandarim*...

Puro engano. Eça de Queiroz não podia dizer mal d'esse pedaço de prosa porque elle nasceu do seu proprio engenho. Vem n'um numero das *Farpas* e foi reproduzido depois na obra *Uma campanha Alegre* (II vol. pag. 97-100), que reune a collaboração do grande escriptor no pamphleto seu e de Ramalho. Verdade é que isso foi escripto em 72, o prefacio do *Brasileiro Soares* em 86, e quatorze annos são demais para afinar certas cordas bambas do nosso espirito e amadurecer noções de ponderado respeito que as tendencias juvenis ás vezes tolhem. Na sua qualidade de regra, pode esse modelo de brazileiro que fixei soffrer as suas excepções? Nada mais certo, e tanto que o proprio Camillo assim pensava, traçando algumas das suas figuras de *torna-viagem* nas *Novellas do Minho*, cheias de acções nobres, de abnegação, de amor e de bondade. Mas a lenda a que deu curso a conhecida diatribe d'uma princeza nymphomaniaca, fez dos brazileiros de Camillo apenas typos toscos e Eça de Queiroz preferiu citar de ouvido, sem ter o incommodo de solidamente fazer primeiro a prova.

E' certo que elle falou de um modo vago de romantismo, sem sequer citar o nome do romantico de S. Miguel de Seide. Mas romanticos grandes que em novellas troçassem o brazileiro e que fizessem duettos d'amor entre jovens pallidas e mancebos languidos, de melena ao vento, houve em Portugal apenas um. E nem o proprio Eça iria gastar tão prolixamente o seu estylo d'oiro n'uma longa referencia a meia duzia de subalternos obscuros. A

não ser que o illustre ironista se lembrasse da carta de Jacaré-Paguá na *charge* de Garrett *O Brazileiro em Lisboa* ou do *Spiridião Cássiáno di Mello i Mátoss*, do incompleto romance *Helena* do mesmo auctor. Mas mesmo assim a referencia não deixaria de abranger o nome de Camillo. De resto, já nos *Azulejos*, do sr. Bernardo Pindella, hoje conde de Arnoso, outra referencia apparece sem rebuços:

Os discipulos do Idealismo, para não serem de todo esquecidos, agacham-se melancolicamente e, com lagrimas reprêsas, besuntam-se tambem de lôdo! Sim, amigo, estes homens puros, vestidos de linho puro, que tão indignadamente nos arguiram de chafurdarmos n'um lameiro, veem agora pé ante pé enlabusar se com a nossa lama! Depois, erguendo bem alto as capas dos seus livros, onde escreveram em grossas lettras este lettreiro—*romance realista*,—parece dizerem ao Publico, com um sorriso triste na face mascarrada:—«Olhem tambem para nós, leiam-nos tambem a nós.. Acreditem que tambem somos muitissimo grósseiros, e que tambem sômos muitissimos sujos!» [1]

D'esta vez o proprio Camillo acudiu á chamada, tão clara era a referencia, e, no final de um artigo ácerca do romancista da *Reliquia*, depois de citar as palavras impressas no livro do sr. Pindella, respondeu assim:

Ora aquillo é comigo. O sr. Eça de Queiros desembestou aquella frecha apontada ao meu peito innocente; mas alvejou com o seu olho mais myope, ou sacrificou a verdade a umas pittorescas phrases azedas e já bastante poídas que não valiam a pena do holocausto.

Em primeiro logar, eu nunca censurei a pouca limpeza dos livros do sr. Eça; e, sempre que de passagem os indiquei, foi para os elogiar incondicionalmente, porque para mim livros sujos são sómente os mal escriptos. Em segun-

1 *Carta-prefacio* aos *Azulejos*, do sr. Bernardo Pinheiro, Pindella—1886, p. xx, xxi.

do logar, nenhuma novella minha se inculca na capa *romance realista*, Alguem arguiu, com razão, um meu editor, que nos annuncios da 4.ª pagina dos jornaes especialisava a factura realista da novella. D'ahi procedeu talvez o equivoco importuno e flagellador do sr. Eça de Queiroz. Se s. ex.ª me julgasse menos irracional do que o seu modo de lêr os frontispicios dos meus livros sem os vêr (eu é que vejo tudo quanto o insigne romancista imprime), duvidaria que eu fosse capaz d'essa parvoiçada para chamar aos meus romances a attenção dos leitores de s. ex.ª. Crédo! Pois eu precisaria, para ser visto, de me nivellar com a espadua litteraria do sr. Eça? Mas, se o fizesse, era essa a *maneira de me tornar invisivel*, como diz a sentença de não sei que grande sabio... Talvez seja do grande sr. Eça de Queiroz a sabia sentença. [1]

Camillo começava a ser ironico no fim d'esses periodos e é, com esforço, apparentemente calmo em todo o artigo. Era preciso que elle tivesse por Eça uma consideração enorme para não responder com a brutalidade de um ataque violento — elle, que não perdoava nunca. Não sei mesmo se Eça o comprehendeu mais tarde quando, arrefecidos os ardores de combatente, desfeitos facciosismos de escola, recordando os tempos moços, decerto pesou, com magua, os desatinos da juventude, n'uma hora calma de justiça.

*

* *

Cinco annos antes de morrer, Camillo foi agraciado com o titulo de visconde. Alguns amigos, conhecedores da velha ambição megalomaniaca do romancista, conseguiram a mercê do monarca, e o parlamento, em sessão d'esse mesmo anno, pro-

[1] Artigo de Camillo: *José Maria d'Almeida Teixeira de Queiroz*. No *Obulo ás Creanças*. 1887, pag. 142.

mulgou uma lei que o dispensava das despezas inherentes á graça concedida.

Vem a proposito dizer que a providencia legislativa, tendente a honrar o nome de um homem de genio, não mereceu na camara baixa a unanimidade dos suffragios, e que, se n'essa assembleia se ouviram de alguns oradores—como os srs. Antonio Candido, João Franco, João Arroyo e Manuel d'Assumpção—palavras dę alevantada justiça, outras soaram n'uma lamentosa e desolada opposição. Disse-as Elvino de Brito, sobriamente, estribando-se nos ditames da escrupulosa administração das coisas publicas, e disse-as um sr. Simões Ferreira, negando «um valor social notavel» á obra de Camillo, fazendo confrontos litterarios e insurgindo-se contra o precedente que, attenta dec-rto a quantidade de genios agraciados, iria ser para o thesouro publico uma fatal calamidade.

Mais tarde, quando na mesma camara se votou uma pensão ao Jorge, o filho doido, não houve discussão, é certo, mas ainda um membro da commissão de fazenda — o sr. José Dias Ferreira — assignou vencido e com sincera magua, estou em crê-lo, de que aquelle conto de réis annual viesse impedir as finanças patrias d'uma regeneração breve e proficua. Manda a justiça dizer que Elvino de Brito, reconhecendo talvez, depois d'esses quatro annos decorridos, o erro antigo, assignou approvando esse projecto.

Os factos apontados representam a exteriorização d'uma má vontade que vem de longe e que nem a morte do escriptor conseguiu ainda apagar inteiramente. Odios semeados pelas suas palavras de azedume, odio ainda d'uma sociedade a que elle arrancou os seus melhores grotescos, o odio das

vaidadesinhas feridas e do amor-proprio que o ridiculo fulmina, — tudo isso veio deitar raizes de calumnia, intrigar na sombra, difamar, servindo-se da arma do desprezo, esquecendo-se do respeito que primeiro se deveu ao nome do maior artista da nossa terra, e depois ainda se deve em homenagem á sua memoria altissima.

Camillo morreu, e morreu d'uma maneira tragica. Era um homem cego que se matava, era o fim cruel de um desgraçado. Pois quando o cadaver d'esse homem chegou ao Porto, havia na *gare* apenas um cento de pessoas que o esperavam, e, entre essas, nem um unico escriptor, nem um unico artista! Estavam *reporters* por dever de officio, o conego Alves Mendes, o padre Sebastião e Freitas Fortuna, por amizade, estava o editor Costa Santos e mais um pequeno grupo anonymo que a admiração humilde ou a curiosidade banal levou alli.

«O cortejo era composto apenas de 18 trens e atravessou a cidade no meio da indifferença geral e quasi despercebido», diz o telegramma do Porto para um jornal da epoca. [1] Mas, aqui e além, o mercante saltava o balcão e vinha ás portas—rir. Ia alli, emmudecido para todo o sempre, o sarcasta que escreveu a *Filha* e a *Neta do Arcediago*, os *Brilhantes do Brazileiro*, toda essa galeria em que os seus grotescos vivem e a sua sociedade egoista, vil, utilitaria, sem intelligencia e sem vergonha, anima os bellos quadros que a fixam, com o poder gravativo d'um artista de genio, na parte mais deprimente e caricatural dos seus aspectos. Ia alli

[1] *Correio da Manhã*, de 4-6-90.

Camillo, esse endemoninhado que, pilhando-os bem ridiculos, com as suas sobrecasacas do domingo e os seus cartolões velhos, lhes agarrava pelas suissas e os fazia cabriolar, no ar, como fantoches, e toda a rua de S. João vomitava injurias sobre o corpo morto que aquelle feretro continha e que lhes fizera andar á roda a cabeça das mulheres nos seus tempos gloriosos de velho leão das salas, que lhes corrompera as filhas com as paixões romanescas dos seus livros.

E atraz do cadaver d'esse homem de genio que fez na sua terra, durante quarenta annos de indefesso trabalho, quasi toda a litteratura d'uma epoca, d'esse supremo artista, dos maiores da sua patria, o maior decerto do seu tempo, nem um unico escriptor ou artista: um editor, os amigos, *reporters* dos jornaes e curiosos...



N'um dos meus opusculos *Aguilhadas*, commentando as palavras que o sr. Ramalho Ortigão pronunciou na inauguração do monumento a Eça de Queiroz, escrevi:

«Tudo isto, porém, é inoffensivo, e já o mesmo não succede desgraçadamente com um dos primeiros periodos da sua prosa, que, pelo intuito que se adivinha, pela fórma irritante que reveste, é o ponto que revolta em todo o empolado palratorio.

«Não foi general — disse o sr. Ramalho Ortigão, falando d'Eça — nem ministro d'estado, nem deputado ás côrtes, e nunca poderes publicos nem sociedades sabias ou recreati-

vas lhe votaram a corôa civica, de heroe, de martyr ou de simples e incategorisado visconde.»

Ora o caso é que logo depois da morte do romancista da *Reliquia*, Fialho d'Almeida publicou n'uma revista de Lisboa um artigo critico que desagradou a muita gente, sem que comtudo nenhum dos grandes amigos do morto tivesse a coragem de replicar, como lhes cumpria. Consentiram todos — porque callaram...

N'esse artigo havia um periodo, de allusão evidente a Camillo, que começava assim: «Houve, é certo, n'esta metade do seculo, um grande escriptor portuguez que não foi consul, nem dandy...»

A resposta veiu agora nas palavras do sr. Ramalho: no Porto existe uma sociedade recreativa com o nome de Camillo, simples e incategorisado visconde foi Camillo. E nem a rhetorica do orador deu tento do perigo que havia em fazer lembrar a toda a gente, alli, n'aquelle logar, o nome do nosso primeiro romancista, a quem até hoje Portugal não soube erigir um monumento.

As palavras de Fialho, justas ou não, tinham doído muito, e todos esses que, por indolencia, ignorancia ou egoismo, se callaram, espreitavam a occasião de lançar em despique a insonsa piadinha que afinal o maior d'elles parturejou em tão desageitado ensejo. Porque se as opiniões expendidas no artigo do pamphletario dos *Gatos* sobre a obra de Eça são discutiveis, as palavras em que alludiu ao suicida de Seide são indiscutivelmente da mais inteira justiça. Tocar n'este ultimo ponto, deixando todas as outras afirmações de pé, chega a ser uma cobardia, por seu mal vem sugerir comparações sobre a justiça das homenagens aos nossos grandes homens: e toda a gente, alli mesmo na consagração, havia de se lembrar, olhando o monumento, de que nem Herculano, nem Camillo têm uma estatua em Portugal.»

E, logo a seguir, n'uma nota, elucidei:

Em junho de 1902, n'um recondito jornalsinho em que eu então devotamente collaborava na verde illusão de que era lido, publiquei, a proposito do anniversario da morte de Camillo Castello Branco, uma serie de artigos pugnando pela realisação d'um monumento á sua memoria.

A idéa pareceu fructificar e, dias volvidos, os jornaes do

Porto annunciaram uma reunião de homens de letras, reunião que realmente se effectuou com a amavel assistencia de meia duzia das duas ou três dezenas de creaturas convidadas. Resolveu-se em principio coisas grandiosas que uma commissão ficou de conseguir. Tal commissão, de que eu fazia parte, nunca mais reuniu, mas dos trabalhos preliminares a que alguns de seus membros se entregaram tenho eu elucidativas notas que justo é não esquecer n'este momento.

Dos cavalheiros nomeados, uns escusavam-se por irem a seu vêr em pouco decorativa companhia, outros accediam vagamente, sem interesse, de outros se vinha a saber com grande espanto que, de ha muito, de conta propria, se empenhávam na realisação da nossa ideia.

Tivemos de, com magua, abdicar da originalidade de tal ideia. De resto a originalidade não é mais que uma abstração do nosso espirito: existe só em these, dever-se-hia escrever com lettra grande, como Infinito e Deus. Já o errante Verlaine dizia, desolado:

Ah! tout est bu, tout est mangé, plus rien à dire!

As idéas origiuaes já não existem, e d'isso inteiramente nos convencemos quando um membro illustre da Associação dos Jornalistas do Porto nos garantiu que ha muito tal collectividade se empenhava na realisação do nosso intento e precisamente n'aquelle momento resolvera entrar em accesa luta — formidavel campanha que de tal data a esta parte — e já lá vae um anno! — os senhores decerto têm subidamente apreciado como eu...

Mas ante a perspectiva d'uma homenagem ao maior prosador português do nosso seculo, gentinha houve no Porto que se indignou muito a serio. Um dia vi entrar nos escriptorios da supracitada folha em que eu estava um cavalheiro magro e curvado, de barbita branca encaixilhando o rostosinho pequeno de macaco. Elle ia indignado procurar um meu collega — admirador fervoroso de Camillo e, pela sua honesta bondade, uma das mais consoladoras excepções ao numerosos malandrins que tenho encontrado na minha pouco longa carreira de jornalista — e desejava conseguir um jornalsinho em que Camillo insultara o Porto após o «grande escandalo da Anna Placido.» Elle ia repro-

duzir, elle ia falar. Não reproduziu nem falou, mas o facto em si denuncía a maneira de vêr d'uma minoria que não é tal restricta e cujos elementos e influencia eu tive occasião de observar depois com mais vagar.» [1]

Depois de publicadas estas palavras, o membro illustre da Associação dos Jornalistas a que ellas se referem, teve a amabilidade de me informar dos esforços empregados por essa collectividade desde longa data para conseguir uma homenagem digna da memoria de Camillo. Pensou n'um monumento e encontrou apenas má-vontade, pensou no Pantheon e viu-se só com a sua idéa, para a realização da qual nem mesmo os sobrinhos do romancista, politicos graúdos, quizeram prestar o concurso da sua influencia; pensou por fim, modestamente, n'um lettreiro com o nome do escriptor a um canto d'uma rua do Porto, e afinal nem isso mesmo conseguiu.

Fui pois injusto para com os directores da collectividade portuense, arguindo-a de obstrucionismo e desinteresse; as suas iniciativas apenas falharam pelos effeitos da mesma indifferença ou da mesma surda hostilidade que mais tarde se veio oppôr aos nossos.

Ora essa questão do monumento offerece ainda alguns aspectos que vale a pena analysar detidamente:

A' primeira pergunta que occorre: «Deve-se fazer o monumento?» a resposta é, sem hesitar, affirmativa. Camillo foi um homem de genio que nasceu em Portugal e escreveu em português, a sua obra

[1] P. Osorio: *Aguilhadas*, 1904, 1.ª serie, n.º 6.

litteraria é das maiores que possuimos, impõe-se em honra de sua memoria uma homenagem perduravel e eloquente.

«Quem deverá então promover essa homenagem?» E' a segunda pergunta que, mais que a primeira, merece um detido exame. Naturalmente deveria ser a nação, não representada pelo seu governo, mas por iniciativa de meia duzia que o paiz em peso secundaria, enchendo as listas d'uma grande subscripção nacional que pozesse a coberto as avultadas despezas da homenagem. Mas isso que seria racional n'um paiz culto, com a noção dos seus deveres e o amplo uso dos seus direitos, não o é n'este abençoado torrão em que assignam de cruz quatro milhões d'almas. O Portugal que sabe lêr conhece Camillo e, em grande parte, admira-o, mas o Portugal que sabe lêr é uma minoria que se aglomera na gamella do orçamento, sem força de intelligencia ou de vontade para os arrojos justiceiros de civismo; e, n'essas condições, é bom não contar com ella. E' n'esta altura da questão que o escriptor sr. João Chagas, n'uma das suas chronicas, reunidas n'um volume recente, assim se pronuncia:

«Fez-se o monumento ao Eça e os admiradores de Camillo, Herculano, Garrett, Castilho, limitam-se a extranhar, amuados mas inactivos, que se não tenha feito de egual modo um monumento aos outros, como se não fosse sempre opportuno fazel-o, desde que haja, já se vê, quem o queira fazer.

Em Portugal, como em toda parte, sempre a iniciativa dos monumentos consagrados ás individualidades que não significam patrimonio nacional, partiu dos seus amigos e admiradores. O Estado não tem parcialidades litterarias. Não fica bem á sua austeridade preferir, por exemplo, Paulo de Kock. Por isso, o Estado não intervem nunca em manifesções litterarias, posto ás vezes se associe a ellas, como um

velho tutor se associa aos brinquedos innocentes dos seus pupillos, prestando-se simplesmente a vigial-os de longe, com bonhomia e condescendencia.

Não competindo, portanto, ao Estado-tutor promover manifestações de gosto litterario como as que se reclamam para Herculano e Garrett e Camillo e Castilho, em quem pretendem delegar esse encargo, visto que não o tomam para si, os amigos e admiradores d'esses illustres homens de lettras?» [1]

Em primeiro logar, parece-me que o sr. Chagas labora n'um erro pensando que ao Estado não compete promover manifestações de gosto litterario como as que se reclamam para Herculano e para Camillo; porque uma estatua vale pelo interesse d'arte e de homenagem mas vale tambem como documento educativo — e a Educação é um dos attributos do Estado. E tambem curioso seria inquirir do articulista se qualquer das individualidades que, segundo o seu modo de vêr, significam patrimonio nacional, fez mais perduravel obra em prol d'essa nacionalidade que Herculano, revelando ignorados documentos de sua historia e Camillo opulentando-lhe e purificando-lhe a lingua, e fazendo uma obra que encerra o reflexo mais lucido da maneira de sentir da sua raça. Depois, o raciocinio do scintillante chronista arrasta-nos em verdade a bem extranhas conclusões.

Toda a gente sabe como entre nós se têm feito as homenagens litterarias dos ultimos tempos. Garrett foi parar aos Jeronymos porque encontrou um conde rico com o snobismo de convencer o amavel publico de que entende e admira o poeta dos olhos verdes da Joanninha; Eça logrou encai-

[1] João Chagas: *Homens e Factos*, 1905, p. 24-25.

xar-se n'um deprimente larguelho lisboeta a cobrir, por ordem da policia, as fórmas nuas d'uma verdade aphrodisiaca, porque outro elegante senhor conde n'isso metteu toda a sua influencia e o dinheiro seu e dos amigos. Quem fez o monumento a Eça não foi o sr. João Chagas nem quejandos humildes adoradores do talento primacial do grande homem, mas sim meia duzia de opulentos amigos que o romancista da *Reliquia*, por seu mal ou por seu bem, aqui deixou. Ora por tal modo, meus senhores, se Camillo e Herculano, como é provavel, não têm entre os seus amigos posthumos um par de condes ricos, a sua gloria para sempre ficará sepultada nos seus tumulos, sem um pedaço de marmore ou de bronze que os réclame á attenção inculta dos vindoiros.

A minha opinião é que o monumento deve ser feito por subscripção publica, concorrendo o Estado com os meios sufficientes para não poder gorar a tentativa. E' claro que se não deve recorrer por coisa alguma aos processos, a meu vêr pouco idoneos, de que se tem servido a commissão que no Porto intenta uma estatua a Garrett. Nem bazares de prendas, nem batalhas de flores, nem récitas de gala; mas unicamente uma subscripção que todos os jornaes do paiz abrissem. Qualquer que fosse o resultado d'essa tentativa, o monumento estaria garantido pelo auxilio pecuniario do Estado. Seria esse, a meu vêr, nas actuaes circumstancias, o mais honesto dos meios de conducta.

Terceira pergunta: «Onde deve ser o monumento?» Tomando apenas em conta a parte decorativa, a terra indicada seria Lisboa, porque, sobre ser a nossa unica cidade, — sabido que o Porto não passa de uma aldeia a que a pretensão tira todo o en-

canto e faz grotesca — é ainda o centro da nossa intellectualidade pobresinha. —aceite já de ha muito que Coimbra caiu na decadencia mais deprimente e mais desoladora. Lisboa é susceptivel de se embellezar e o Porto não. Os talhões da Avenida pedem monumentos, embora sem grandes lances de architectura sumptuosa, o centro do Porto pede apenas saneamento porque geralmente cheira mal. Comtudo a figura de Camillo está tão ligada ao Porto que, apezar de tudo, eu penso que o monumento a erigir deve ser aqui. E contra isso fica a difficuldade nova da escolha de local idoneo, sabido que os sitios amplos da cidade não são decerto muito de molde a tornar facil o trabalho de escolha. Os que a alguma coisa se prestavam estão tomados. Citou-se, até ha pouco, a Cordoaria: mas essa lá tem já o horticultor Marques Loureiro, supportando ao-de-cima uma lavradeirona de perna gorda e grandes seios, que o esculptor nacional chamou *Flora* — louvado seja Deus! S. Lazaro é um local acanhado e feio, abafado pelos casarões que o circumdam; qualquer dos outros jardins publicos fica muito distante do centro da cidade e fóra do caminho que geralmente póde seguir um forasteiro; e o proprio Passeio Alegre, que era o unico local em que se deveria ter feito o monumento ao Infante D. Henrique, esse mesmo é improprio agora para homenagem que se projecta.

Parece-me que é esse um ponto importante que se não deve descurar n'esta questão. Nem eu sei mesmo se foi attendendo a elle que o sr. Silva Pinto apresentou a tal respeito uma bem extranha e bizarra opinião: «O monumento — escreveu s. ex.ª — deve ser em S. Miguel de Seide, com romaria annual dos escriptores a valer, no dia 1 de junho,

áquelle ponto do Minho que elle immortalisou».[1] Eu entendo que sobre esta ideia apenas ha uma coisa a decidir: se é mais divertido o monumento em S. Miguel, se a romaria annual dos escriptores, com o sr. Silva Pinto á frente, a tocar gaita, e o sr. Alberto Pimentel porta-bandeira. Os senhores estão a vêr a caravana por esses caminhos fóra, a poisar nas tascas do vinho verde e a comer biscoitos da Teixeira. Seria absurdo, seria poeirento, seria sujo, mas não me digam, pelo amor de Deus, que não era, antes de tudo, d'um pittoresco delicioso.

Mas além d'esse monumento, outras coisas haveria a fazer em homenagem á memoria illustre de Camillo. Uma edição selecta das suas obras impunha-se. Depurada de tudo que pudesse inferiorizá-la, essa edição mostrar-nos-hia, d'uma fórma clara e lucida, toda a grandeza do genio do artista e, nem por ser incompleta, deixaria de constituir um precioso documento para o estudo da sua personalidade.

As edições integraes são, a meu vêr, um pessimo serviço, não só lesando o auctor, mas todas as cathegorias do seu publico. Porque o leitor vulgar aprenderá a considerar como boas, pela garantia do nome que as firma, coisas que ás vezes não são mais que o producto lamentavel d'uma transitoria disposição de espirito, os cultos sentirão o desgosto de reconhecer os defeitos do artista que admiram e o proprio artista verá tudo o que fez de grande diminuido, ensombrado, a par da parte reconhecidamente má do seu trabalho.

[1] Silva Pinto: *Carta de Lisboa*, na *Voz Publica* de 15 de junho de 1902.

Uma edição de obras escolhidas de Camillo constituiria pois uma das mais altas homenagens que seria bello tributar á sua memoria. E com ella ficariamos possuindo três ou quatro dezenas de volumes onde brilhasse em plena luz, sem uma sombra, toda a genial grandeza do seu espirito.

BIBLIOGRAPHIA



VII

Conclusões

Camillo Castello Branco foi um nevropatha hereditario e ao desvio pathologico da sua funcção nervosa devem attribuir-se os seus males physicos, as suas desegualdades de caracter — e o seu genio. A doença, causa primeira de todo o drama da sua vida, incompatibilizou-o com o meio e d'ahi os odios que concitou contra si no largo periodo de combate de quarenta annos, odios que, ainda mal extinctos, têm sido o maior entrave á realisação da homenagem devida á memoria do seu nome e ao merito altissimo da sua obra.

BIBLIOGRAPHIA

Alberto Pimentel....... — *O romance do romancista*, 1890.
Os amores de Camillo, 1899.

Alexandre da Conceição — *O sr. Camillo Castello Branco e a «Corja»*, na *Bibliographia Portuguesa e Estrangeira*, 3.º anno, 1882.

Arturo Bassano......... — *Tommaso Hobbes*, no *Archivio di Psichiatria, Scienze penale ed Antropologia criminale*, 1904.

Bouveret.............. — *La Neurasthenie*, 1891.

Camillo................ — Todas as obras.

Castellar .... — *Vida de Lord Byron* (trad. de M. Fernandes Reis) 1876.

Crepet.................. — *Œuvres posthumes et correspondance inedite de Bandelaire.*

Dallemagne .... — *Pathologie de la volonté.*

Danville................ — *La psychologie de l'amour*, 1894.

Daudet.................. — *Notes sur la vie*, 1889.

De Candolle............ — *Histoire des sciences*, 1883.

Dejerinee.............. — *L'Heredité dans les maladies du systéme nerveaux*, 1886.

Dubois.................. — *Les psychonevroses et leur traitement moral*, 1904.

Eça de Queiroz.......... — *Uma campanha alegre*, vol. 2.º 1891.
Prefacios dos livros *O brazileiro Soares*, de Luiz de Magalhães, e *Azulejos*, de Bernardo Pinheiro, Pindella, 1886.

Egas Moniz............. — *A Vida Sexual*, II—*Pathologia*, 1902.

Féré...................... — *La famille nevropathique*, 1899.

Fialho d'Almeida........ — *Camillo Castello Branco*, na *Revista Illustrada*, 1890.
Eça de Queiroz, no *Brazil-Portugal*, 1900.

Fleury...................... — *Manuel pour l'etude des Maladies du systeme nerveaux*, 1904.

Frank...................... — *Traité de pathologie interne* (ed. francêsa).

Galtar..................... — *Hereditary Genius*, 1868.

Gélineau...................... — *Penseurs et savants*, 1904.

Grasset...................... — *Lesu perioʼité intellectuelle e la nevrose*, 1903.

Henrique Marques...... — *Bibliographia Camilliana*, 1.ª parte, 1894.

Herculano................ — *Opusculos*, 1873.

Ireland................... — *The Blat upon the Brain*, 1885.

Jacoby................... — *Etude sur la selection dans les rapports avec l'heredité chez l'homme*, 1881.

João Chagas............ — *Homens e factos*, 1905.

João de Meira........... — *Para a biographia de Camillo*, na *Folha da Noite*, do Porto, 1905.

Jolly..................... — *Psycholagie des grands hommes*, 1883.

Julio Dantas............. — *Pintores e poetas de Rilhafolles*, 1900.

Julio dé Mattos......... — *A Loucura*, 1902.
Laurent................ — *L'amour morbide*, 1895.
Le Danteo.............. — *Traité de biologie*, 1903.
Legoyt................. — *Le suicide*, 1881.
Lélut.................. — *Le génie, la raison, et la folie; le demon de Socrate*, 1855.
Lombroso............... — *L'homme de genie* (edição francêsa) 1903.
Loygue................. — *Th.—M. Dostoïewski*, 1904.
Lucas.................. — *Traité pratique et physiologique de l'heredité naturelle*, 1850.
Mantegazza............. — *De la névrose des grands hommes* (edição francêsa), 1881.
Mariani................ — *L. N. Tolstoi*, no *Archivio di Psichiatria, etc.*, 1904.
Mello Freitas.......... — *Camillo Castello Branco*, na *Revista Illustrada*, 1890.
Moreau (de Tours)...... — *La psychologie morbide dans ses rapports avec la philosophie de l'historie*, 1859.
Morel.................. — *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales* de *l'espèce humaine*, 1857.
Mosseli................ — *Del suicidio*, 1872.
Mosso.................. — *La peur* (ed. francêsa), 1886.
Musset................. — *La confession d'un enfant du siècle.*
Poesies nouvelles.
Nicoulau............... — *Thanatophobie et suicide*, nos *Annales med. psychol.*, 1892.
Nuno Castello Branco (Visconde de S. Miguel de Seide)................ — *Protesto contra a supposta filha de Camillo Castello Branco*, 1890.

Paulo Osorio........... — *Aguilhadas*, 1904.
Pitres et Régis......... — *Les obsessions et les impulsions*, 1902
Plutarcho............... — *Vida de Demetrius.*
Ramalho Ortigão....... — *Camillo Castello Branco*, na ed. monumental do *Amor de Perdição*, 1891.
Rebello da Silva........ — *Camillo Castello Branco*, na *Revista Contemporanea*, 1864.
Rémond................ — *Precis des maladies mentales*, 1904.
Ribot.................... — *L'hereditê psychologique* (7.ª ed.) 1902.
Senna Freitas........... — *Perfil de Camillo Castello Branco* (nova edição), 1888.
Sergi.................... — *Les emotions*, 1901.
Servi.................... — *Gli israeliti di Europa*, 1872.
Silva Pinto............. — *Cartas de Camillo Castello Branco*, 1895.
Cartas de Lisboa, na *Voz Publica*, do Porto, 1902.
Soukhanov.............. — *Naviazi mysli i impulsivnya deistvia* na *Rousski vralch*, 1904.
Sousa Martins.......... — *Nosographia d'Anthero*, no *In Memoriam*, 1896.
Theophilo Braga.... ... — *As modernas ideias na litteratura portugueza*, v. I, 1892.
Toulouse............... — *Emile Zola*, 1896.
Weygandt.......... ... — *Atlas—Manuel de Psychiatrie*, (ed. franc., por Roubinovitch), 1904.
Verga.................. — *Archivio di statistica*, 1880.
Vieira de Castro........ — *Camillo Castello Branco*, noticia de sua vida e obras, 186

Virés... .... — *Maladies nerveuses*, 1902.
Voisin.................. — *Heredité*, no *Dictionnaire de medicine et cirurgie pratique*, 1875.

Bulletins de la Societé d'Anthropologie, t. IV.
Correio da Manhã, de Lisboa, 1890.
Journal de Neurologie, 1904.
Jornal de Psychologie Normale et Pathologique, 1904.
Lisia Poetica, 1849.
Primeiro de Janeiro, do Porto, 1890.
Revue Neurologique, 1903.

INDICE



